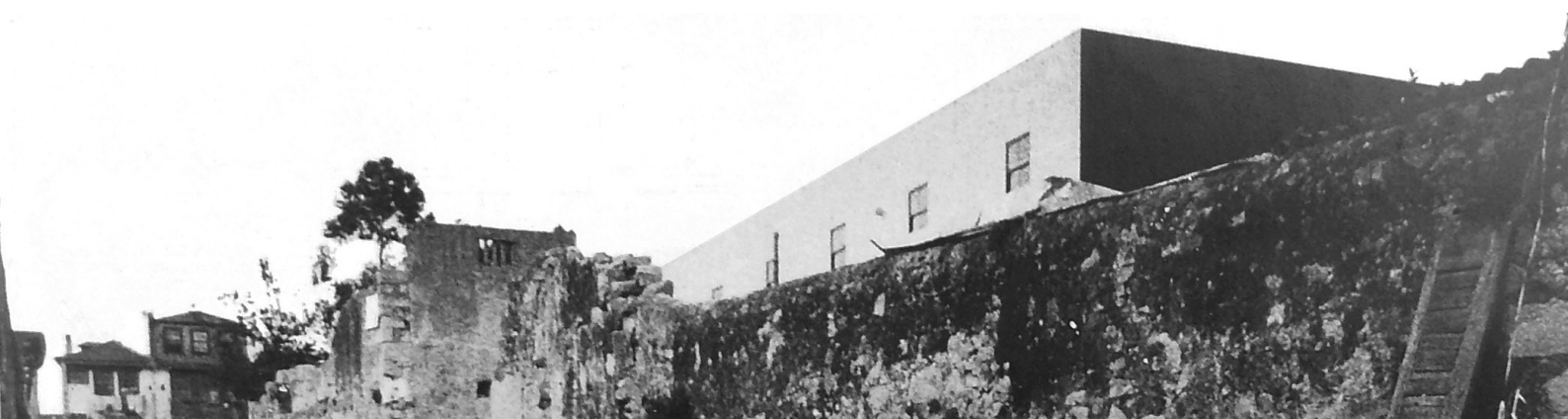


A IDEIA DE CIDADE EM ÁLVARO SIZA

MARIA MANUEL SALES DE LUCENA SAMPAIO E SILVA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA . FAUP 2010/2011



“Há uma segunda Cidade no interior de cada Cidade. Irreal, imaginária, feita de casas demolidas e de projectos demolidos e, contudo, presentes.

A maior parte do trabalho do arquitecto tem a ver com esta segunda cidade. E nunca é um trabalho perdido.”

Álvaro Siza, *Discurso XV da Cooperativa Boa Vontade*

A IDEIA DE CIDADE EM ÁLVARO SIZA

Maria Manuel Sales de Lucena Sampaio e Silva

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura . FAUP 2010/2011

Docente acompanhante: Prof. Doutor Carlos Machado

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Carlos Machado, pela disponibilidade, pelo contínuo apoio e rigor na orientação deste trabalho,

Ao Arq. Miguel Lima, pelo apoio interessado e confronto de ideias,

Aos meus pais e irmã, por me fazerem acreditar, aos meus avós, por me fazerem sonhar, e a todos os que acompanharam este meu percurso,

muito obrigada.

Aos meus pais e irmã

RESUMO

O estudo em causa procura compreender a perspectiva que Álvaro Siza construiu sobre a cidade ao longo da sua experiência e produção arquitectónica. Na verdade, na sua obra, parece existir a consciência de que cada projecto faz parte do processo evolutivo da cidade. As marcas impressas no lugar são testemunho dessa evolução e da história das cidades. Assim, a arquitectura de Siza, respeitando as memórias do passado e seus fragmentos, procura restabelecer uma unidade equilibrada. Já nos seus projectos dos anos 70, nomeadamente em S. Vítor, o arquitecto manipula a modernidade da linguagem, reconhecendo, simultaneamente, a complexidade e o carácter fragmentário da cidade e da arquitectura.

Efectivamente, o projecto de renovação da zona de S. Vítor (1974-77), informado pelas experiências anteriores de habitação colectiva, implica diferentes formas de relação com a cidade. A partir do estudo das diversas intervenções contempladas por este projecto, é possível observar o modo como Siza desenha o espaço a favor de uma relação positiva e multifacetada com a cidade. O conhecimento desenvolvido através da análise deste projecto cruza-se com a compreensão de uma metodologia projectual que Siza expõe em diversos depoimentos.

Após a experiência de S. Vítor, Siza continua o seu percurso arquitectónico, amadurecendo a ideia de cidade aqui desenvolvida. Por um lado, o plano para a Malagueira, em Évora, e o plano para Porto Exterior e Areia Preta, em Macau, correspondem à urbanização de amplas zonas contíguas à cidade e exploram a relação das formas urbanas propostas com os caracteres do lugar. Já os projectos para Kreuzberg, em Berlim, Schilderswijk e Doedijnstraat, em Haia, e Chiado, em Lisboa, dizem respeito, sobretudo, à intervenção sobre troços delimitados da cidade existente, mas sobre condições e aspirações muito variadas. A diversidade destes projectos e obras será fundamental para procurar os caracteres essenciais e imutáveis que caracterizam a arquitectura e a ideia de cidade de Siza.

Subentendida no percurso do arquitecto, encontramos a presença de diversas contaminações e referências. Na relação com o lugar e na dialética tradição/modernidade, Fernando Távora e Alvar Aalto são personagens incontornáveis. Por outro lado, na crítica ao movimento moderno, particularmente à Carta de Atenas, Aldo Rossi propõe uma nova abordagem da arquitectura e da cidade assente na sua condição fragmentária e na circularidade do tempo, que influi significativamente na obra de Siza.

ABSTRACT

The present study seeks to understand Álvaro Siza's perspective of city throughout his experience and architectural production. Indeed, in all his work, he seems aware that every project is part of the city's evolutionary process. The unique features of each place are evidence of the city's history and evolution. Thus, the architecture of Siza, respecting memories from the past and its fragments, seeks to restore a balanced unity. During the seventies, he already manipulates a modern language while recognizing the complex and fragmentary nature of city and architecture, particularly in S. Vítor.

In fact, the project of renovation of S. Vítor's area (1974-77), informed by his previous experiences of collective housing, involves several forms of relations with the city. Through the study of the various interventions covered by this project, it is possible to see how Siza designs the space on behalf of a positive and versatile relation with the city. The knowledge developed through the analysis of this project crosses itself with the understanding of his methodology, which Siza exposes in his statements.

After S. Vítor, Siza continues his architectural experience, maturing his idea of city. On one hand, the plan for Malagueira, in Évora, and the plan for Porto Exterior and Areia Preta, in Macau, correspond to the urbanization of large areas contiguous to the city and explore the relation between the proposed urban shapes and the place's character. On the other hand, the projects for Kreuzberg, in Berlin, Schilderswijk and Doedijnstraat, in Haia, and Chiado, at Lisbon, concern mainly the intervention on defined sections of the existing city, but on very different conditions and aspirations. The diversity of these projects is fundamental in order to find the essential and immutable features of the architecture of Álvaro Siza and his idea of city.

The presence of various references is implicit in the work of the architect. Fernando Távora and Alvar Aalto are fundamental characters regarding to the relation with the place and the dialectic tradition/modernity. Moreover, Aldo Rossi is an important character by having a critical position in relation to the modern movement, particularly the *Charte d'Athenes*. He proposes a new approach to the architecture and city based on their fragmentary condition and the circularity of time, which significantly affects Siza's work.

SUMÁRIO

1. Introdução	3
1.1. Objectivo	5
1.2. Metodologia	7
2. O projecto de renovação da zona de S. Vítor	9
2.1. Do Porto oitocentista às intervenções SAAL	11
2.2. S. Vítor: uma harmonia fundada no conflito	17
3. O delinear da ideia de cidade	33
3.1. Unidade na complexidade urbana	35
3.2. Continuidade na construção da cidade	43
3.3. Universalidade e mestiçagem	49
3.4. Fragmento e memória: a condição evolutiva das cidades	55
4. Outros projectos e obras	63
4.1. Bairro da Malagueira (1977 - ...), Évora	65
4.1.1. Da cidade intramuros para a periferia	67
4.2. Três projectos para Kreuzberg (1979 - 90), Berlim	77
4.2.1. Do fragmento à estrutura urbana	79
4.3. Plano para a expansão urbana de Macau (1983 - 84), Ilha de Macau	87
4.3.1. A distância entre o antigo e o novo	89
4.4. Plano para Schilderswijk (1985 - 88) e Doesdijnstraat (1989 - 93), Haia	99
4.4.1. A continuidade com a história do lugar	101
4.5. Plano de reconstrução do Chiado (1988 - ...), Lisboa	111
4.5.1. A revelação de uma cidade do passado	113
5. Considerações finais	123
Bibliografia	129
Índice de imagens	131

A IDEIA DE CIDADE EM ÁLVARO SIZA

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado tem como tema o ponto de vista que Álvaro Siza construiu sobre a cidade: aquilo a que chamamos a sua ideia de cidade. A escolha deste tema resulta não só do interesse pessoal que a obra de Siza suscita, mas sobretudo de um acumular de inquietações relativo ao papel que a cidade ocupa no seu entendimento de arquitectura.

Em “As Cidades de Álvaro Siza”¹, através de desenhos, projectos e textos, procura-se transmitir a sua forma única de apreender o carácter das cidades e de as transformar. Tendo este livro como referência, propõe-se um estudo que permita compreender a construção e a maturação de um modo próprio de ver e projectar a cidade. Neste sentido, o presente trabalho não tem a intenção de examinar a obra completa de Álvaro Siza, nem parte com o princípio de querer racionalizar o trabalho do autor. Propomos antes estudar a arquitectura a partir de uma ideia de cidade que é observável nos lugares, no material desenhado e a nas palavras de Siza.

Partindo do projecto de renovação de S. Vítor, inicia-se uma procura das linhas essenciais que desenham o entendimento de cidade de Siza, bem como as suas implicações concretas na arquitectura. Outros autores serão convocados na procura de referências e afinidades.

1 *As cidades de Álvaro Siza*, ed. Carlos Castanheira, Chiara Porcu - 1º ed. – Lisboa, Figuerinhas, 2001

1.1. OBJECTIVO

a) *“Acho que o que me interessa na construção de uma cidade, é a sua capacidade de transformação, qualquer coisa como o desenvolvimento de um homem que tem, desde o seu nascimento, determinadas características e uma autonomia suficiente, uma estrutura de base, podendo acolher ou resistir às mudanças de vida.”*²

Ao longo do tempo, a cidade muda de fisionomia num processo de transformação contínua de acordo com diferentes necessidades e conjunturas culturais e sociais. A sua forma é sempre uma unidade plural resultante da acumulação dos muitos tempos que nela coexistem: monumentos, tecidos e sobreposição de estratos que manifestam a memória colectiva. No conjunto, forma uma matriz composta por fragmentos unificados pelo tempo.

Em “Farmácia Moderna”³, Siza fala de uma contemporaneidade vacilante entre várias contaminações, entre a herança do pluralismo do movimento moderno e os valores introduzidos pelo momento de crítica que se segue. Neste panorama, a sua arquitectura, fundada na consideração do lugar e das suas tradições, mostra uma simultânea diversidade e capacidade de sintetizar o essencial. A utopia da cidade moderna, de um organismo planeado de uma só vez e em que os acontecimentos urbanos derivam do desenho do arquitecto, está superada.

b) *“Na complexidade do percurso de Álvaro Siza, apesar da imprevisível surpresa que cada obra representa, é fascinante a possibilidade de uma leitura contínua e sem ruptura... não sei que unidade naquela diversidade, talvez o que Gregotti chama uma espécie de arqueologia autónoma, feita da série de estratos das tentativas precedentes.”*⁴

Siza não explicita uma corrente teórica que antecipa a sua arquitectura, mas é possível ler uma série de constantes que a caracterizam e que se foram definindo com a experiência. Assim, a sua arquitectura é complexa e, simultaneamente, habitada por uma unidade que se funda numa dupla continuidade. Por um lado, para Siza, *“a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço e, por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a natureza”*⁵. Por outro, Siza lê o tempo em continuidade, tal como o espaço. A sua relação com a história e interpretação do movimento moderno são condições desse entendimento.

Tendo em conta estas duas vertentes, a concepção de cidade e a continuidade em Siza, o estudo em questão pretende deduzir a ideia de cidade subjacente à sua arquitectura, explicitando os seus precedentes mas, sobretudo, identificando o fio condutor que atravessa a sua obra e caracteriza o seu modo de ver e projectar a cidade.

2 Álvaro Siza, *“Viver intensamente”*, *À volta da Malagueira*, in *Álvaro Siza : uma questão de medida*, p. 79

3 Texto de Álvaro Siza, escrito em 1988, in *Álvaro Siza. Escritos*, p. 51-54

4 Alexandre Alves Costa, *“Álvaro Siza”*, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 12

5 Álvaro Siza, *Repetir nunca é repetir*, in *Imaginar a evidência*, p. 34 e 35

1.2. METODOLOGIA

A tese será desenvolvida em duas partes que se podem diferenciar claramente. A primeira recairá sobre o estudo de um caso particular da sua obra, suportado pela análise de alguns textos, e visa delinear uma hipótese da ideia de cidade de Siza; a segunda assentará sobre outras obras e projectos, no sentido de confirmar ou enriquecer essa base de conhecimento.

Na primeira parte, o projecto de renovação da zona de S. Vítor (1974-77) será analisado enquanto exemplo do processo metodológico do arquitecto. A partir do seu aprofundamento, pretende-se identificar os princípios de relação da arquitectura proposta com a cidade e, então, suportar um discurso que reflectirá sobre a ideia de cidade e o entendimento de arquitectura de Siza. Neste sentido, o estudo de S. Vítor será apoiado pela reflexão sobre alguns textos que traçam linhas da sua metodologia. Ainda nesta fase, importará procurar as contaminações que, entre muitas, parecem essenciais de acordo com o tema proposto. A diversidade e a complexidade das propostas de Siza parecem derivar de uma rede de vectores circunstanciais que englobam o lugar e a memória e, também, de uma grande absorção da cultura arquitectónica.

Na segunda fase, realizar-se-á a análise de outras obras e projectos – o plano para a Malagueira (Évora, 1977-...), os projectos para Kreuzberg (Berlim, 1979-88), o plano de expansão urbana de Macau (Ilha de Macau, 1983-84), o plano para o desenvolvimento urbano e habitacional Schilderswijk e Doedijnstraat (Haia, 1985-88, 1989-93) e, finalmente, o plano para a reconstrução do Chiado (Lisboa, 1988-...). Com a abordagem a estes casos de estudo, pretende-se reflectir sobre um conjunto de princípios e directrizes, relativos à relação da arquitectura com a cidade, que permanece por detrás de cada projecto de Siza, aproximando-os.

A análise de obras e projectos deverá ter como base dois campos distintos: a) a reflexão sobre os textos críticos acerca das obras, quer seja do próprio arquitecto ou de outros autores; b) a análise do material desenhado, quando possível complementada com a visita às obras em questão. Se nas obras concretizadas conseguimos perceber as consequências físicas e urbanas das propostas, no caso dos projectos não construídos ou parcialmente concretizados, tal como em S. Vítor, a análise terá de ser apoiada na imaginação.

A procura de conhecimento sobre o que é a cidade para Siza desdobrar-se-á, então, em dois caminhos que tendem a confluir: uma pesquisa sobre os textos do autor e um estudo sobre o modo como, na prática arquitectónica, aplica esse entendimento. As diferentes fontes, textos, obras e projectos, servirão de base para uma observação que não é neutra, estando sempre condicionada pelo que queremos ver. Porém, é fundamental que haja uma predisposição para a auto-interrogação e para a dúvida, de modo a que nos possamos surpreender, mesmo quando sabemos o que queremos ver.



2. O PROJECTO DE RENOVAÇÃO DA ZONA DE S. VÍTOR

Perante o objectivo de estudar a arquitectura de Álvaro Siza e a sua relação com a cidade, toma-se como ponto de partida um momento singular da sua obra. O Projecto de Renovação da zona de S. Vítor (1974-77), no Porto, parece constituir um ponto de partida sólido, dado que o arquitecto consolida aqui a ideia de cidade já delineada nas experiências de habitação colectiva ou multifamiliar de Caxinas (1970) em Vila do Conde, de Bárbara de Sousa (1972) em Ovar e da Bouça (1973/77) no Porto.

Mais do que um ponto de viragem, julgo que esta experiência parece constituir um momento de condensação na obra do arquitecto. S. Vítor reflecte a aprendizagem referente aos projectos anteriores, sendo simultaneamente informada por um repertório alargado de influências arquitectónicas externas. Neste sentido, S. Vítor foi uma espécie de laboratório, possibilitando experimentar diversas hipóteses e amadurecer conhecimentos adquiridos no confronto com uma situação muito complexa. Segundo Álvaro Siza, as circunstâncias políticas e culturais que envolveram o projecto permitiram *“a entrada na dimensão normal do exercício da profissão, no mundo real da transformação das cidades, da política como parte dessa actividade”*⁶. Por isso, a partir do estudo das diversas intervenções contempladas por este projecto, procura-se observar o modo como Siza intervém na cidade consolidada.

⁶ Álvaro Siza, *“salvando las turbulencias: entrevista con alvaro siza”*, in *El Croquis* 68/69+95 Álvaro Siza, p.9(trad.)



Fig. 1. Extracto da Planta Redonda da Cidade do Porto, 1813, George Balck – identificação do núcleo antigo (a cinzento) e da área de intervenção de S. Vitor (a laranja).

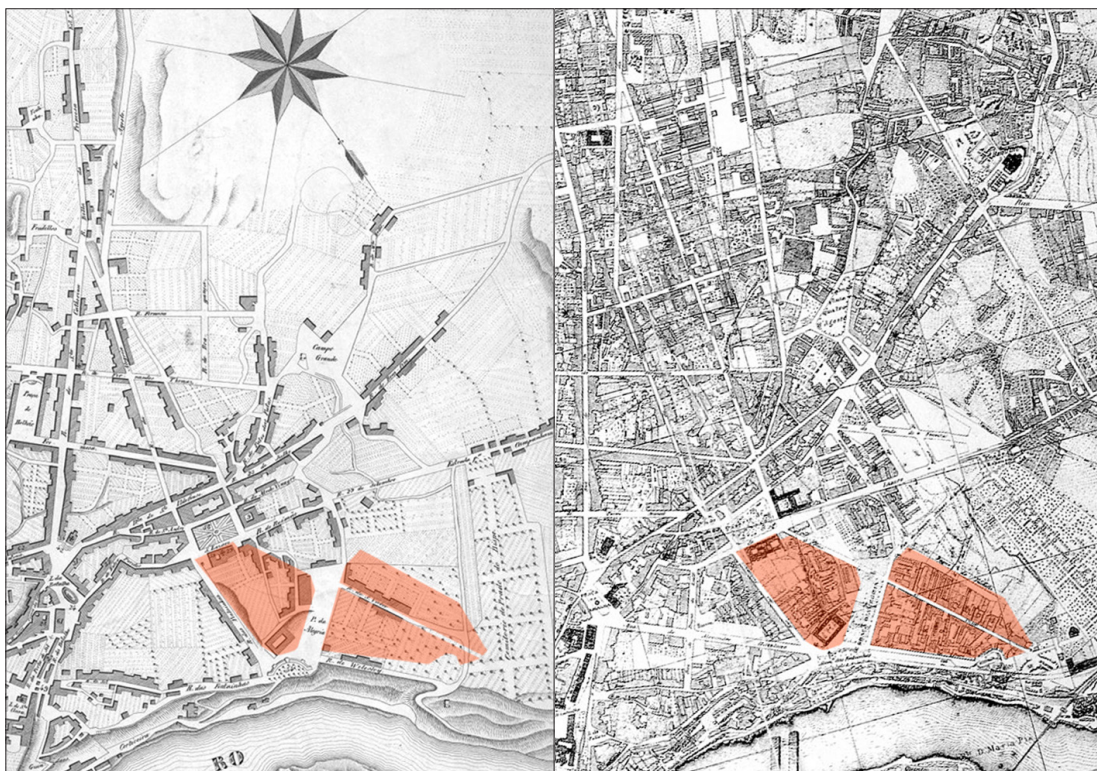


Fig. 2. Extractos da Planta da Cidade do Porto de Frederico Perry Vidal, 1844, e da Planta Topográfica da Cidade do Porto de Telles Ferreira, 1892 – evolução das zonas contíguas à área de intervenção de S. Vitor (a laranja).

2.1. DO PORTO OITOCENTISTA ÀS INTERVENÇÕES SAAL

O projecto de renovação da zona de S. Vítor, englobando intervenções variadas sobre três quarteirões contíguos e próximos aos Jardins de S. Lázaro, inscreve-se numa área industrial da cidade do Porto. Tendo sofrido um grande crescimento e posterior densificação durante o séc. XIX, esta constituía, à altura, um tecido urbano degradado e caracterizado pela ocupação do interior dos quarteirões por habitação operária – “as ilhas”. De facto, na segunda metade do séc. XIX, a cidade sofreu profundas alterações urbanísticas despoletadas pela industrialização. Segundo Manuel C. Teixeira, inicialmente, o aumento demográfico coincidiu com a sobrelotação do centro histórico e com a ocupação da nova cidade almadina pela burguesia. Em seguida, os logradouros das novas urbanizações foram loteados para casas baratas – ao longo das esguias parcelas construía-se pequenas casas em banda, de um ou dois pisos, com acesso por um corredor colectivo. A ilha foi promovida pelos proprietários burgueses como forma de especulação do terreno: a tipologia foi adaptada para rentabilizar os lotes oitocentistas, iniciando um longo processo de densificação da cidade. *“Este crescimento da cidade «para dentro», corporizado pelas «ilhas», é o aspecto mais importante do crescimento espacial do Porto no século XIX”*⁷.

A área visada pelo projecto, a nascente das muralhas, corresponde às antigas Quinta do Reimão e Quinta da Fraga. Apesar da edificação de uma gafaria e uma capela terem potenciado a ocupação desta zona no séc. XVI, apenas com as intervenções dos Almadás foram criadas as condições para iniciar o seu processo de urbanização. O rasgamento da Rua de Santo Ildefonso e o prolongamento da Rua do Reimão permitiram relacioná-la com o núcleo antigo. Por outro lado, a evolução de artérias perpendiculares, alternativas à Travessa de Senhora das Dores, reforçaram a ligação entre os Jardins de S. Lázaro, a Praça da Alegria e o Largo das Fontainhas, *“os jardins e os passeios mais na moda”* onde *“a aristocracia e a burguesia abastada do Porto davam os seus passeios vespertinos e dominicais”*⁸. S. Vítor antevia-se como uma zona burguesa, porém, a industrialização e os movimentos migratórios para a cidade tiveram aqui os seus efeitos, levando à ocupação do interior dos quarteirões pela classe operária.

*“Fisicamente escondidas no interior da cidade, dentro dos quarteirões, por detrás da face visível da cidade, as «ilhas» estavam como que enterradas no subconsciente colectivo da burguesia da cidade.”*⁹

Tratando-se de uma exploração do interior do quarteirão, as diferentes configurações das ilhas dependem, essencialmente, do modo de relação com o espaço público. Geralmente, a casa burguesa medeia a relação entre o corredor de acesso às habitações e a rua, evidenciando

7 Manuel A. Correia Teixeira, *“Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das «ilhas» da cidade do Porto”*, in *Sociedade e território n.º 2*, p. 77

8 Manuel A. Correia Teixeira, in *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, p. 236

9 Manuel A. Correia Teixeira, *“Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das «ilhas» da cidade do Porto”*, in *Sociedade e território n.º 2*, p. 82



Fig. 3. Vistas variadas de ilhas – fachada de casa burguesa com segunda porta de acesso à ilha, frente de ilha contígua à rua e corredor comunitário de uma ilha.

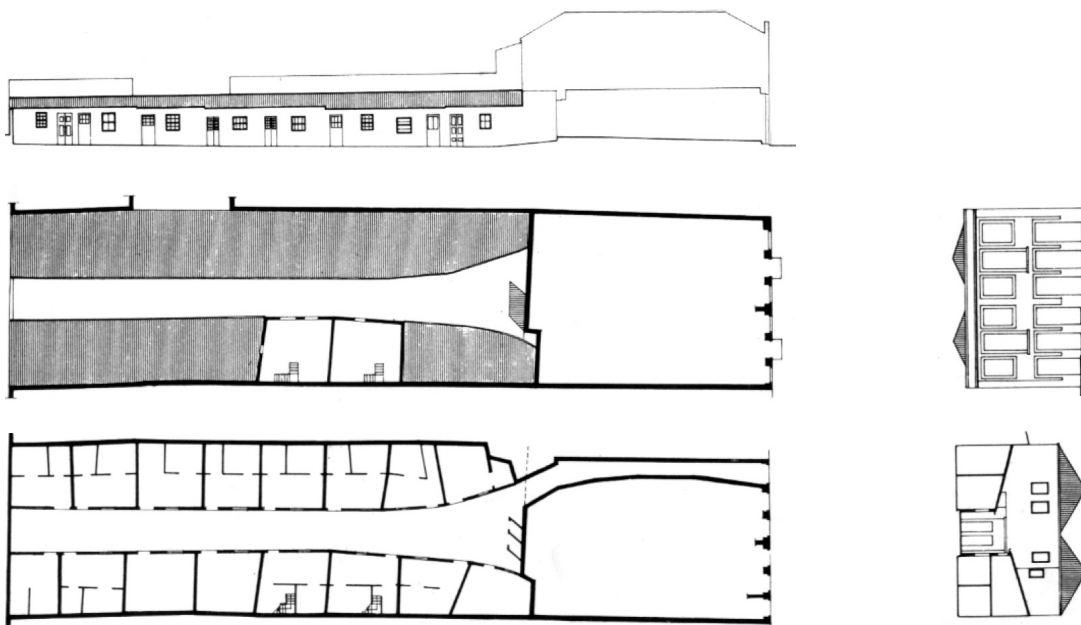


Fig. 4. Plantas superior e térrea, alçados e corte transversal da ilha n.º 80 da Rua de S. Vítor, 1892.



Fig. 5. Manifestação de moradores de ilhas após Abril de 1974.

Fig. 6. Início dos trabalhos no interior do quarteirão de Sra. das Dores.

que a ilha existe enquanto exploração do logradouro por parte do proprietário que aí habita. Na ausência da casa burguesa, o corredor encontra-se numa relação directa com a rua e a primeira habitação operária é privilegiada. Quanto ao corredor, referente fundamental desta forma de habitação, ao terminar num muro cego e encerrar cada comunidade num espaço ínfimo, fomenta a criação de relações de vizinhança e de uma identidade colectiva. Simultaneamente, conduz ao isolamento das comunidades operárias entre si, já esquecidas pela restante cidade.

Apesar das iniciativas tomadas, ao longo do tempo, para a resolução deste problema, os resultados não foram significativos e o número de ilhas continuou a aumentar. A última tentativa, o Plano de Salubridade das Ilhas do Porto, consistiu na deslocação dos moradores para bairros camarários construídos na periferia da cidade. Contudo, a conjuntura política desencadeada pela Revolução de Abril permitiu que se gerassem fortes processos reivindicativos capazes de reverter este processo. Em S. Vítor, como noutras zonas centrais da cidade, a municipalidade, sobre a pressão reivindicativa das associações de moradores que recusavam a deslocalização, assumiu que o solo expropriado e destinado à construção de um parque de estacionamento seria cedido aos antigos moradores das ilhas demolidas, conferindo-lhes o direito à habitação.

“...depois do 25 de Abril conseguimos intervir no interior de um movimento de transformação muito importante. Não se tratava de uma questão de mudança de método ou de pensamento, significava ter a possibilidade de realizar um trabalho prático, com toda a riqueza que pode trazer o contacto quotidiano com uma realidade em contínua transformação. Não fomos nós que mudámos, mas as condições do nosso trabalho.”¹⁰

O projecto de S. Vítor está inserido no programa do Serviço de Apoio Ambulatório Local¹¹, promovido por Nuno Portas, que impulsionou a integração e a exteriorização da habitação operária no centro da cidade, assim como a participação da população na discussão dos projectos que dizem respeito ao seu alojamento. Na condição de reivindicar a habitação digna e a permanência nos locais previamente ocupados, os projectos SAAL implicam a resolução dos problemas de habitabilidade à escala da casa e das áreas de intervenção. Simultaneamente, perante a questão do alojamento operário enquanto realidade segregada e desarticulada do território, sobretudo em zonas centrais urbanas, as brigadas acabam por se deparar com aspectos comuns ao nível da problemática da cidade. Como refere Álvaro Siza, *“Estudamos, também, um alargamento da metodologia de intervenção que toma em consideração, não só os problemas internos de cada associação e zona, mas aqueles que convergem e são comuns a todas as associações”¹²*. Na verdade, o SAAL gerou um debate que aprofunda reflexões sobre a

10 Álvaro Siza, *entretien avec alvaro siza*, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC) n.º 44*, p. 37 (trad.)

11 A democratização da arquitectura e da habitação só chega a Portugal em 1974, com a revolução política e, mais concretamente, com o SAAL. Este visa a constituição de equipas multidisciplinares – arquitectos, engenheiros, juristas, entre outros – que, em conjunto com as associações de moradores e em contacto directo com as populações, procuravam resolver o grave problema da habitação que se verificava em Portugal.

12 Álvaro Siza, *L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano*, in *Lotus n.º 13*, p. 86 (trad.)

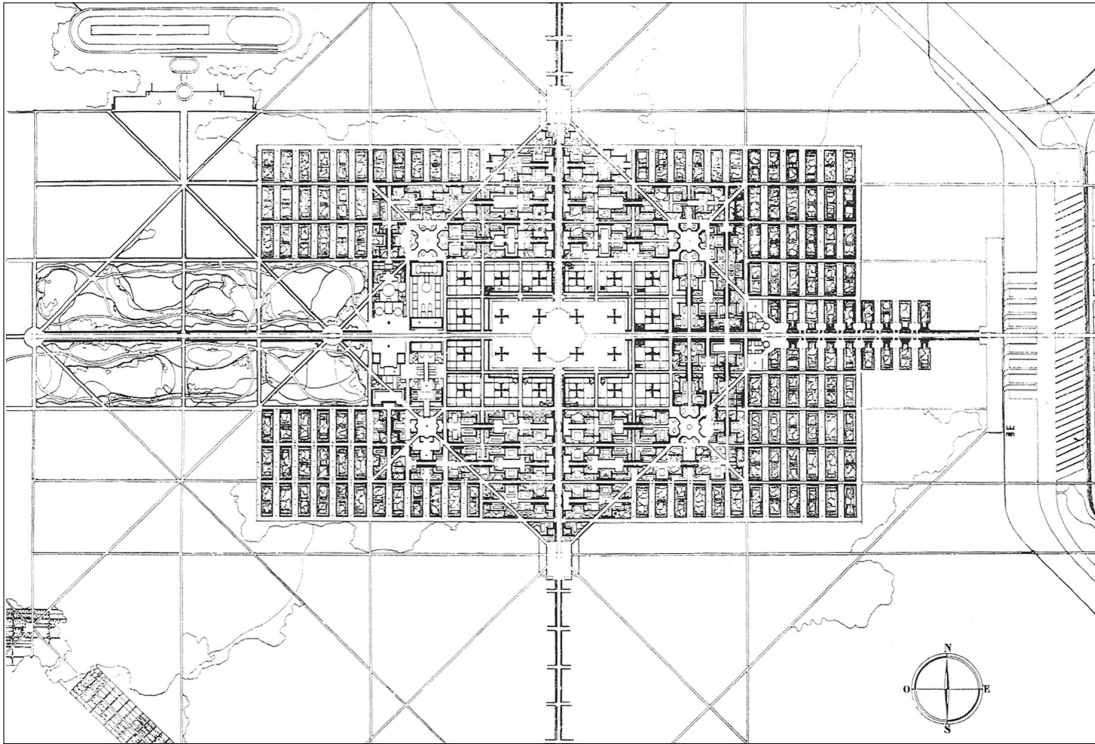
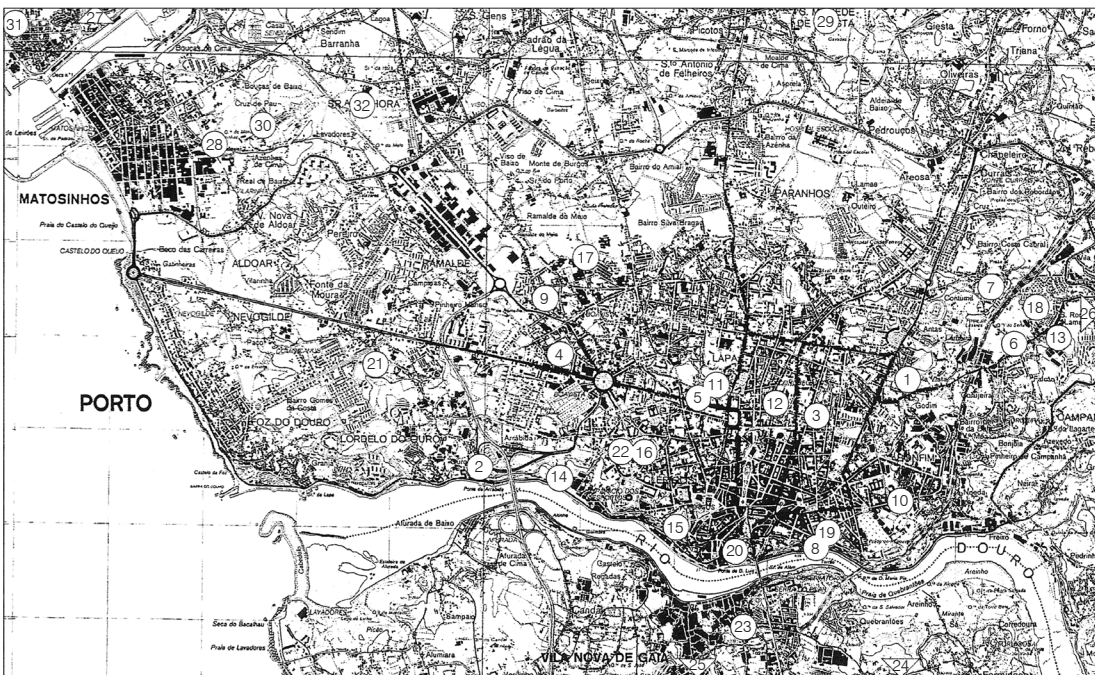


Fig. 7. Cidade contemporânea de 3 milhões de habitantes, 1922, planta geral, Le Corbusier.



- | | | | |
|----------------------------|----------------------|------------------|----------------------|
| 1. Antas | 9. Francos | 17. Prelada | 25. Santo Ovídio |
| 2. Arrábida | 10. Heroísmo | 18. S. Roque | 26. S. Pedro da Cova |
| 3. Bela Vista - D. João IV | 11. Lapa | 19. S. Vitor | 27. Angeiras |
| 4. Boavista | 12. Leal | 20. Sé | 28. Carcavelos |
| 5. Bouça | 13. Maceda - Acácio | 21. Serralves | 29. S. Mamede |
| 6. Chaves de Oliveira | 14. Massarelos | 22. Vilar | 30. Cruz de Pau |
| 7. Contumil | 15. Miragaia | 23. Cândido Reis | 31. Ilhas de Leça |
| 8. Fontainhas | 16. Parceria Antunes | 24. Gervide | 32. Senhora da Hora |

Fig. 8. Distribuição das operações SAAL na área do Porto.

arquitectura e a cidade, fruto da comparação das experiências e dos resultados.

*“No Porto, os arquitectos tiveram em 1975 a primeira oportunidade de trabalhar no centro histórico da sua cidade, e a acção das brigadas portuenses tinha implícita uma crítica em relação ao grande planeamento urbano de tradição moderna, apontando para um novo tipo de urbanismo (...) o plano constantemente aferido e alterado pela sua própria aplicação, o plano menos rígido, mais fragmentado, mais pragmático tendo em conta a conflitualidade de interesses que rege a cidade contemporânea.”*¹³

Perante a necessidade de repensar uma visão estratégica para a cidade, as brigadas do Porto recusaram o planeamento patente em certas propostas modernas que rompem com a continuidade morfológica da cidade histórica. Nesta perspectiva, enquadram-se as propostas de cidades ideais, pensadas como alternativas à cidade existente. Le Corbusier, por exemplo, tentando recuperar a dinâmica da vida urbana, sugere a reorganização dos elementos que constituem a cidade no território. Na verdade, as suas visões são profundamente ligadas ao passado da cidade, mas quebram com a sua continuidade morfológica com o objectivo de restituir a relação entre o habitar do homem e a natureza.

Pelo contrário, no SAAL, verifica-se uma vontade comum de reformular progressivamente a cidade actual, sem negligenciar a sua continuidade morfológica, intervindo do particular para o geral, em função das necessidades prementes. Os projectos incidiam, portanto, na procura de formas de ocupação e utilização diferentes, sem renunciar à cidade existente. Sugeria-se, implicitamente, a renovação de uma ordem espacial e social que tinha sido destruída pelas políticas de realojamento periférico das populações das zonas centrais degradadas em novos bairros suburbanos.

*“A imagem das ilhas é [...] qualquer coisa que a população repudia em bloco. Mas repudiar esta imagem, que tem implícita a segregação e a miséria, não significava recusar a sua centralidade ou o que tem de positivo a sua vida comunitária. E depois, tudo é melhor do que os Bairros Camarários: a cidade e a liberdade.”*¹⁴

¹³ Alexandre Alves Costa, 1974-1975, o SAAL e os Anos da Revolução, in *Portugal: a arquitectura do século XX*, p. 66

¹⁴ Alexandre Alves Costa, “A Ilha Proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas Considerações sobre um Título Enigmático”, in *J. A. n.º 204*, p. 12

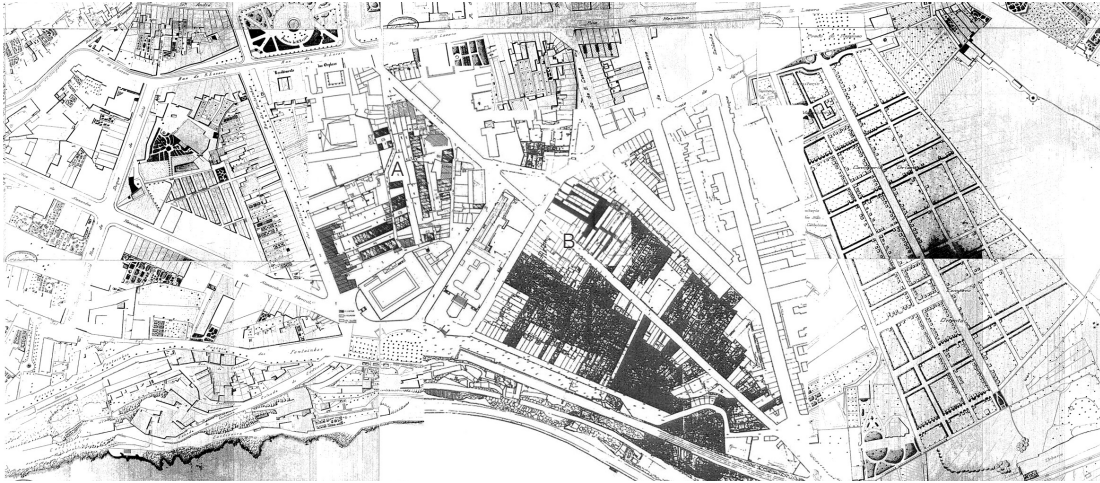


Fig. 9. Plano de intervenções para os sectores de Senhora das Dores (A) e de S. Vítor (B), montagem sobre um extracto da Planta da Cidade do Porto de 1952.

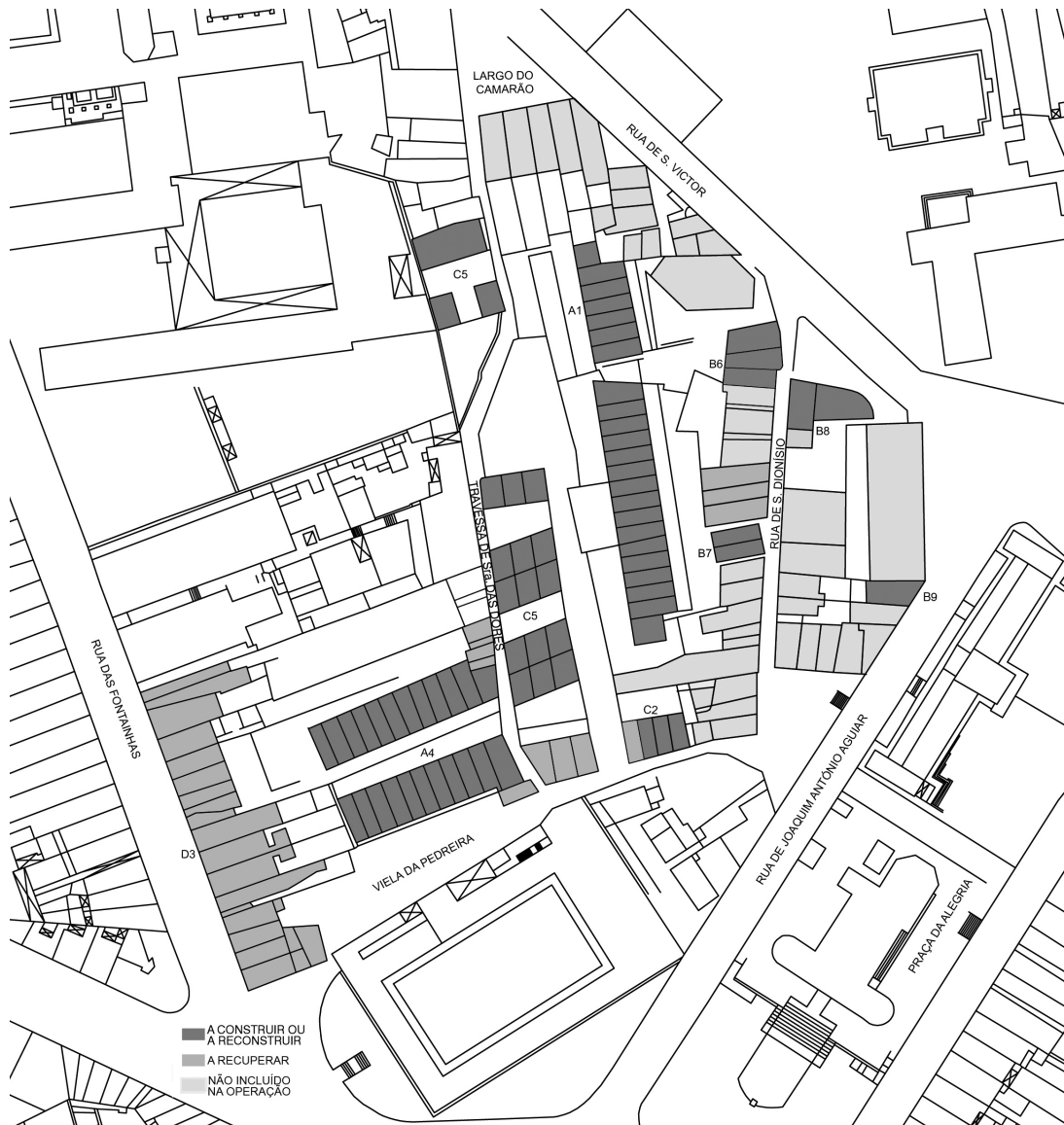


Fig. 10. Plano de intervenções para o sector de Sra. das Dores (A) do projecto de S. Vítor.

2.2. S. VÍTOR: UMA HARMONIA FUNDADA NO CONFLITO

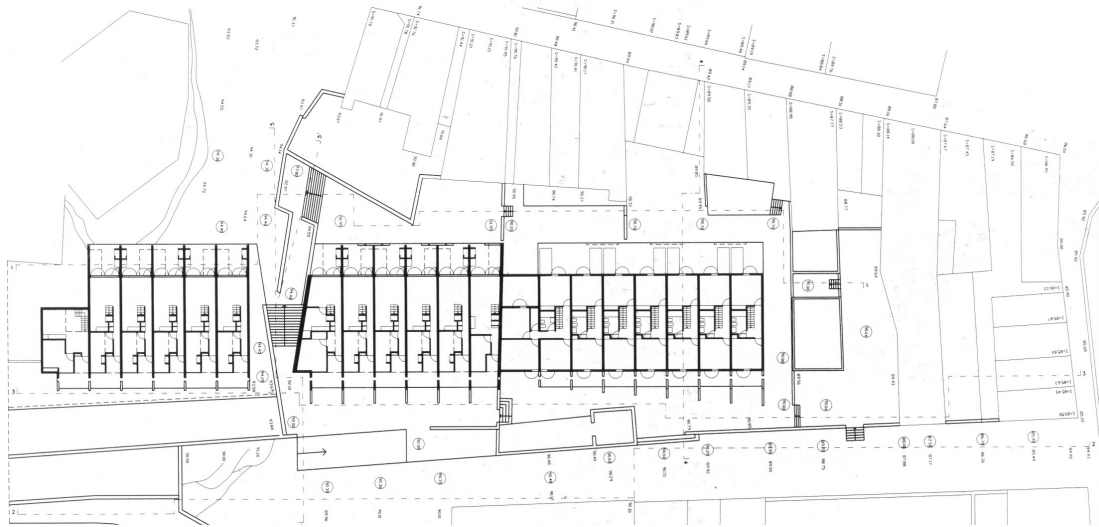
Em S. Vítor, a necessidade de realojar os moradores com urgência levou à divisão do projecto em duas fases, às quais correspondem, respectivamente, o sector a norte da Praça da Alegria, atravessado pela Travessa da Senhora das Dores, e o sector a sul, compreendendo os dois quarteirões divididos pela Rua de S. Vítor. Uma vez que o interior do quarteirão de Sra. das Dores ficou disponível após o protesto dos moradores contra a construção do parque de estacionamento, iniciaram-se rapidamente os trabalhos neste sector, enquanto prosseguiam os estudos para as restantes intervenções.

“Os projectos–SAAL concluídos (e são muito poucos) não são o resultado de inquéritos. Nós não tínhamos tempo. [...] Na nossa brigada decidiu-se construir de imediato. Pareceu-nos importante tirar partido da insegurança do momento. Por isso dizíamos às pessoas de S. Vítor: nós temos de construir de imediato, não podemos por isso fazer uma experiência nova ou responder completamente às vossas necessidades.”¹⁵

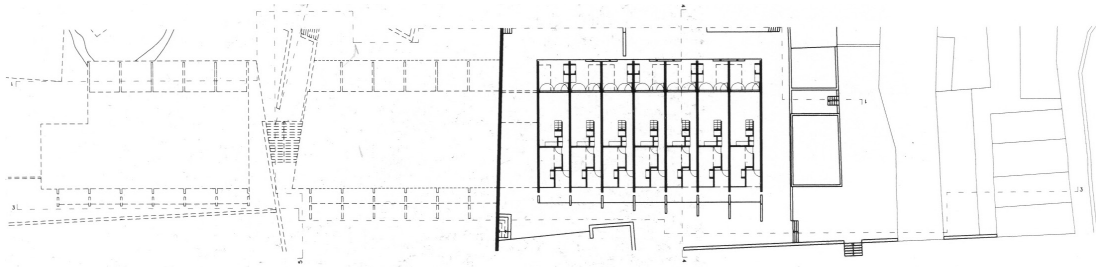
A estratégia adoptada, para além de resolver o problema da habitação, visa reformular a cidade através do redesenho dos espaços abertos e da colmatação da massa edificada que os configura. Assim, para Senhora das Dores são previstas intervenções diferenciadas – construção em terrenos livres (A1 e A4), construção em terrenos periféricos nunca edificados (B6, B7, B8 e B9), reconstrução aproveitando fundações ou muros de edifícios em ruínas (C2 e C5) e recuperação de edifícios (D3) –, possibilitando uma visão global da problemática a que seria necessário responder. No que respeita à segunda fase, no sector de S. Vítor é proposta a recuperação de uma ilha e, para ambas as zonas, prevêem-se, ainda, espaços de encontro potenciados por equipamentos de uso colectivo. Deste modo, o projecto de S. Vítor inscreve-se na ideia de reabilitar o interior dos quarteirões, degradado e ignorado pela cidade burguesa do Porto, e o espírito comunitário que contém, tornando-o parte vivencial da cidade. A ilha é um elemento base, entre outros, que se quer integrar na cidade enquanto referência a um passado invisível.

Da primeira fase, dá-se início à abertura da via de acesso ao interior do quarteirão, à reconstrução e recuperação do conjunto de quatro casas na Viela da Pedreira (C2) e à edificação de um volume simples de habitação em banda (A1), ao qual estão associadas algumas casas periféricas (B6 e B7) que permitem a entrada no quarteirão. Contudo, estas últimas, juntamente com as restantes intervenções, não chegam a ser realizadas, ficando apenas as quatro casas recuperadas e a banda incompleta como um indício da visão do autor.

¹⁵ Álvaro Siza, *“A arquitectura mais interessante aparece onde culturas se misturam intensivamente”, uma entrevista com Álvaro Siza por Dorien Boasson*, in *Álvaro Siza : exposição : arquitectura e renovação urbana em Portugal*, p. 20



piso 1



piso 0

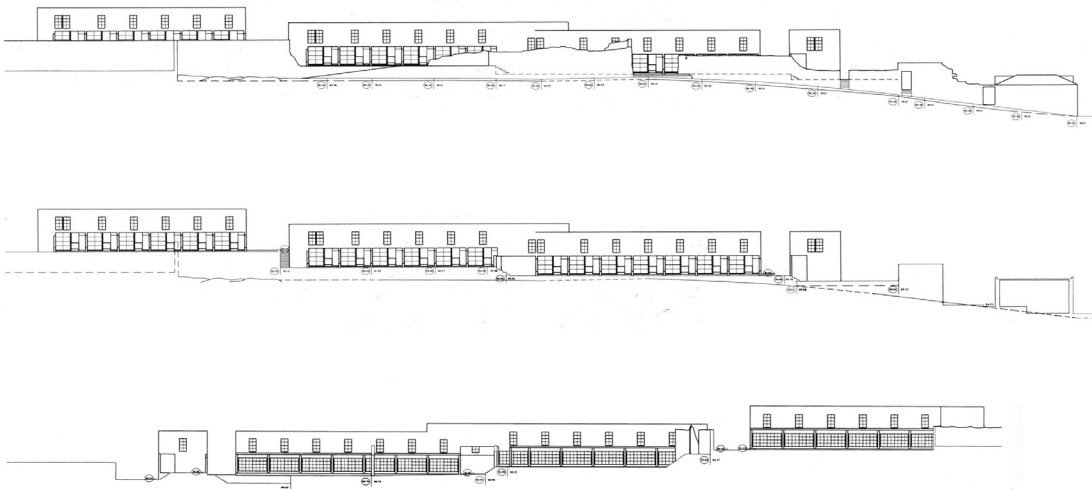
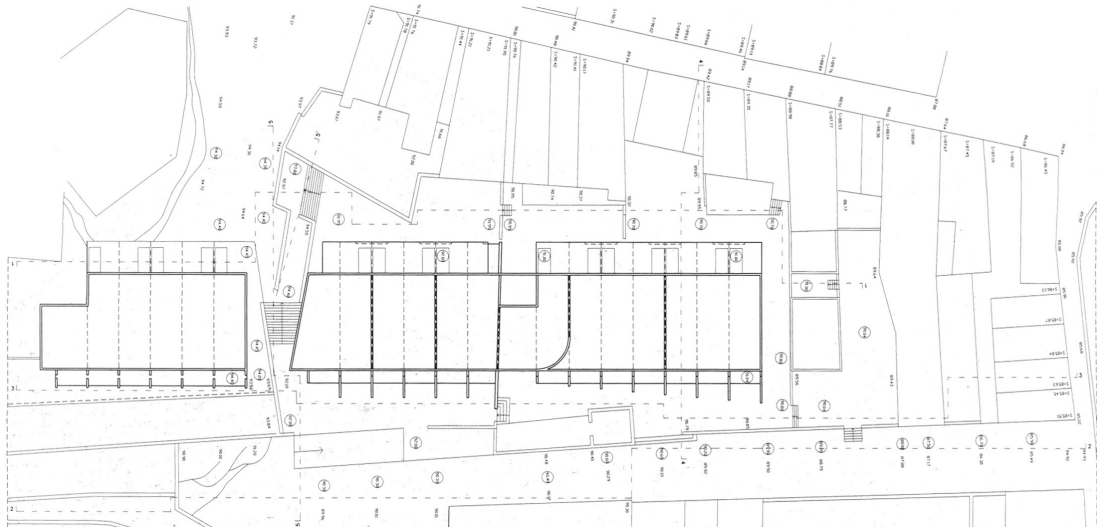
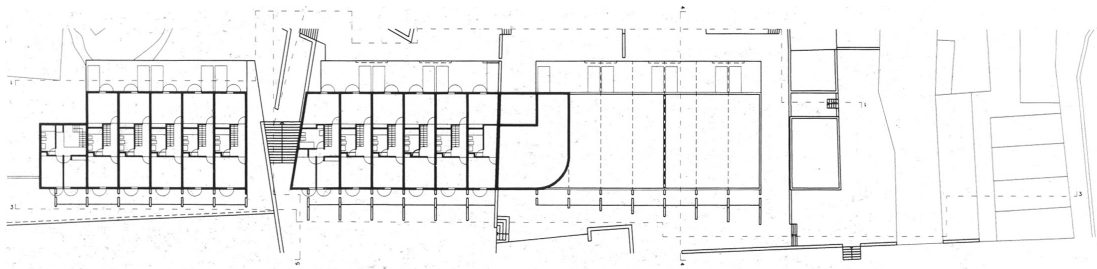


Fig. 11. Planta do primeiro piso e planta térrea do edifício A1, Sra. das Dores.
 Fig. 12. Alçados do edifício A1, Sra. das Dores.



cobertura



piso 2

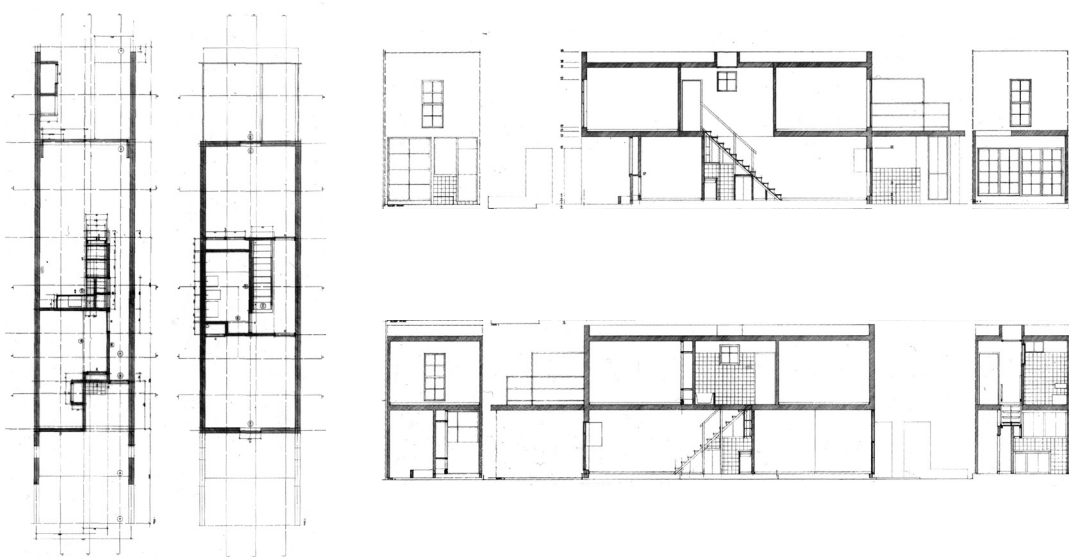


Fig. 13. Plantas da cobertura e do piso 2 do edifício A1, Sra. das Dores.

Fig. 14. Plantas, cortes e alçados do módulo habitacional do edifício A1, Sra. das Dores.

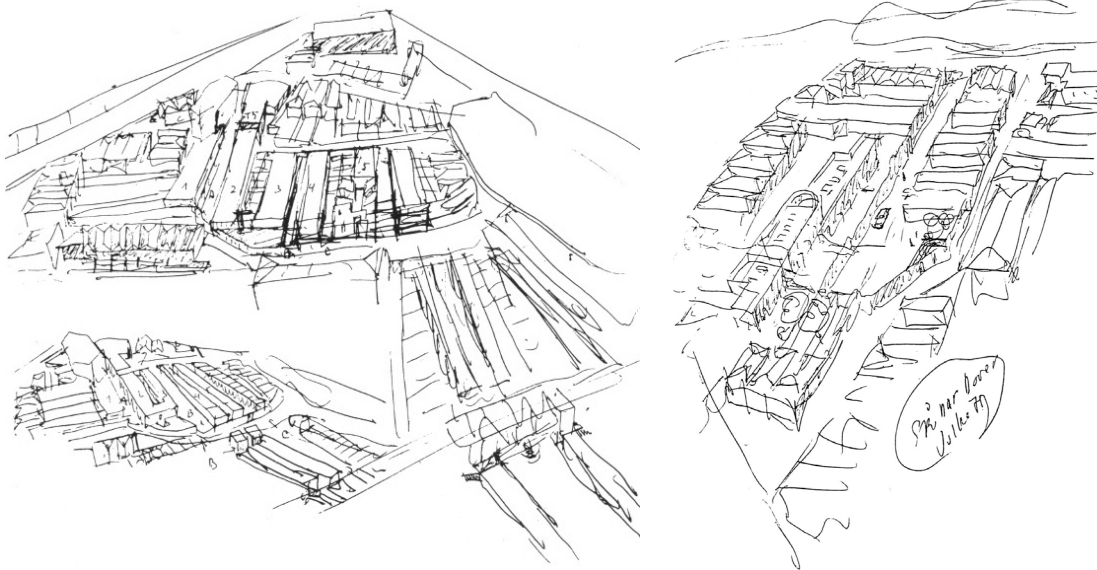


Fig. 15. Esquisso da primeira proposta para o sector de Sra. das Dores, Álvaro Siza.
Fig. 16. Esquisso do projecto para o sector de Sra. das Dores, Álvaro Siza.

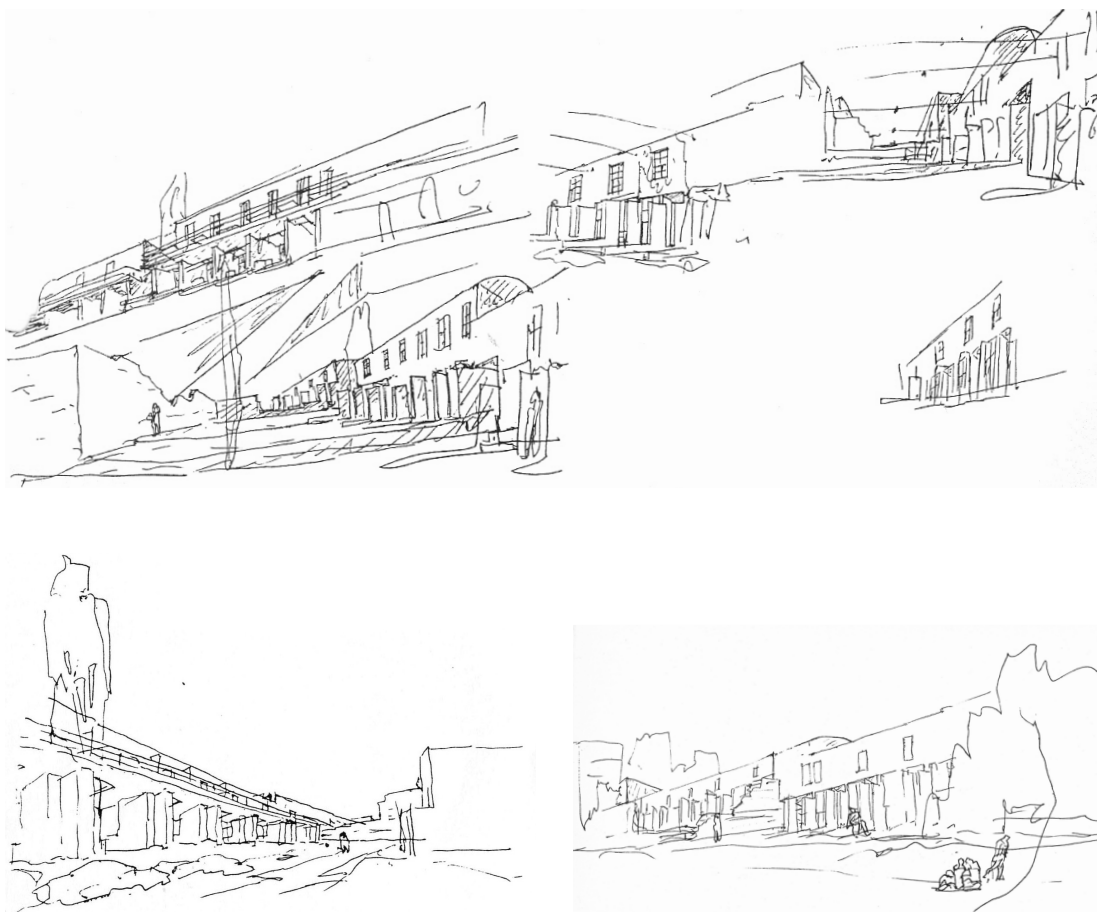


Fig. 17. Esquissos das fachadas do bloco A1, Sra. das Dores, Álvaro Siza.

Para o interior do quarteirão, a proposta inicial de um conjunto de blocos que adoptavam a direcção das ilhas que aí existiram, definindo percursos transversais entre a Travessa da Senhora das Dores e a Rua de São Dionísio, gera uma reacção negativa por parte da associação de moradores. Esta ideia é, então, abandonada, dando lugar a um edifício de habitações em banda, de dois pisos, implantado paralelamente ao conjunto de casas que conforma a Rua de S. Dionísio. Ao adaptar-se ao terreno, o bloco linear quebra-se em duas secções cuja altura varia de acordo com as plataformas preexistentes. Em frente à sua fachada principal, permanece um muro em ruínas, paralelo, que separa o interior do quarteirão, junto à viela que o atravessa, de um espaço mais resguardado, onde se repetem as entradas das habitações. Cada entrada individual caracteriza-se por uma pequena reentrância à qual se associa um banco, definindo um momento de transição. Já no interior da habitação, o corredor ladeado pela escada de acesso ao piso superior dá passagem para as áreas comuns, sala e cozinha. A partir daqui acede-se, finalmente, a uma área traseira, existindo outro momento de transição, coberto, com uma entrada de luz zenital. Para esta pequena área de logradouro, parcialmente coberta pelo terraço do piso superior, abre-se a fachada traseira que ao nível inferior é completamente envidraçada.

No interior do quarteirão da Sra. das Dores, os vestígios da memória do lugar suportam a intervenção traçada pelo arquitecto. A Travessa de Senhora das Dores, uma antiga fenda que liga a Praça de S. Lázaro ao Largo das Fontainhas, denuncia o carácter público e vivencial do interior do quarteirão. Outros caminhos, plataformas e muros semi-destruídos permanecem no local, apontando alinhamentos e memórias do lugar. O arquitecto utiliza estas infra-estruturas e integra-as na nova lógica de intervenção, explorando as potencialidades do lugar a partir do seu estudo cadastral, "*uma compreensão verdadeiramente histórica da cidade*"¹⁶.

Efectivamente, Siza mantém o muro em ruínas que permite a conservação da antiga travessa ao definir as escalas dos espaços contíguos. Na relação com o bloco construído, definem-se, então, dois espaços de carácter diferente que, associados ao muro, materializam a ambiguidade entre a ordem do novo e a do preexistente. O primeiro, público, entre o muro e a viela, assume uma relação directa com a cidade, enquanto que o outro, junto das casas, semi-público e mais marcado pela interioridade do quarteirão, potencia a vivência comunitária da população. A conservação do muro na relação com o edifício, para além de materializar a transição entre diferentes níveis de espaço, evoca o espaço de vizinhança característico da *ilha proletária*, onde se repetem as entradas das habitações. Porém, através do desenho de diferentes pontos de articulação e acessos, ultrapassam-se os seus problemas de isolamento.

No desenho do rés-do-chão, Siza exalta as vivências comunitárias e as relações entre os

¹⁶ Manuel A. Correia Teixeira, "*Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das «ilhas» da cidade do Porto*", in *Sociedade e território* n.º 2, p. 74

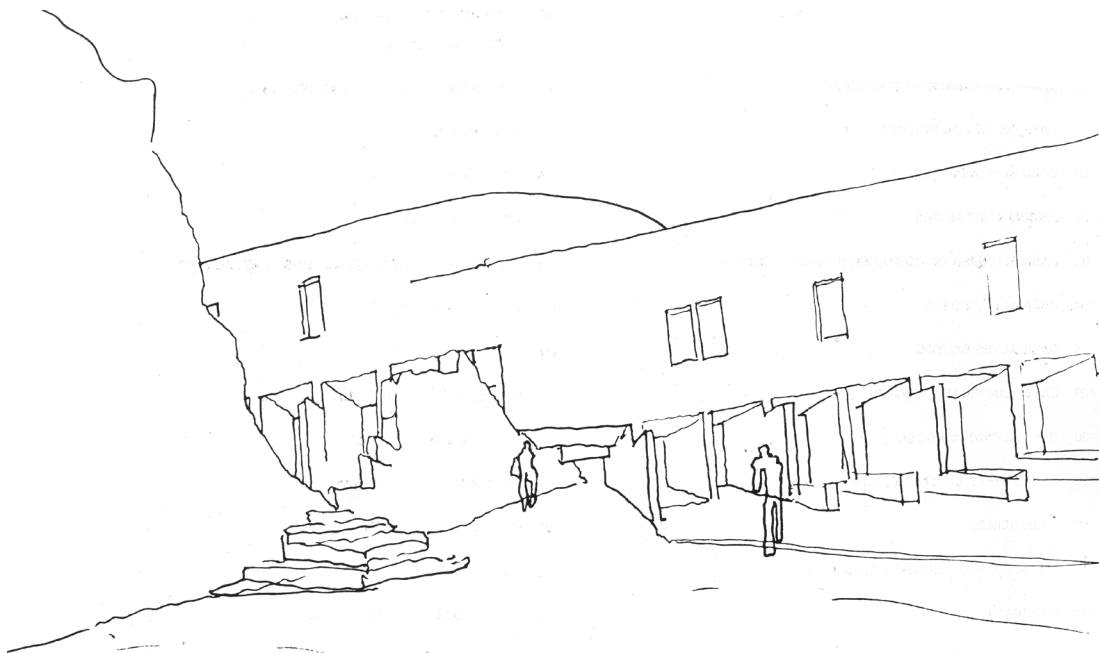


Fig. 18. Esquisso da passagem que interrompe o bloco A1, S. Vítor, Álvaro Siza.

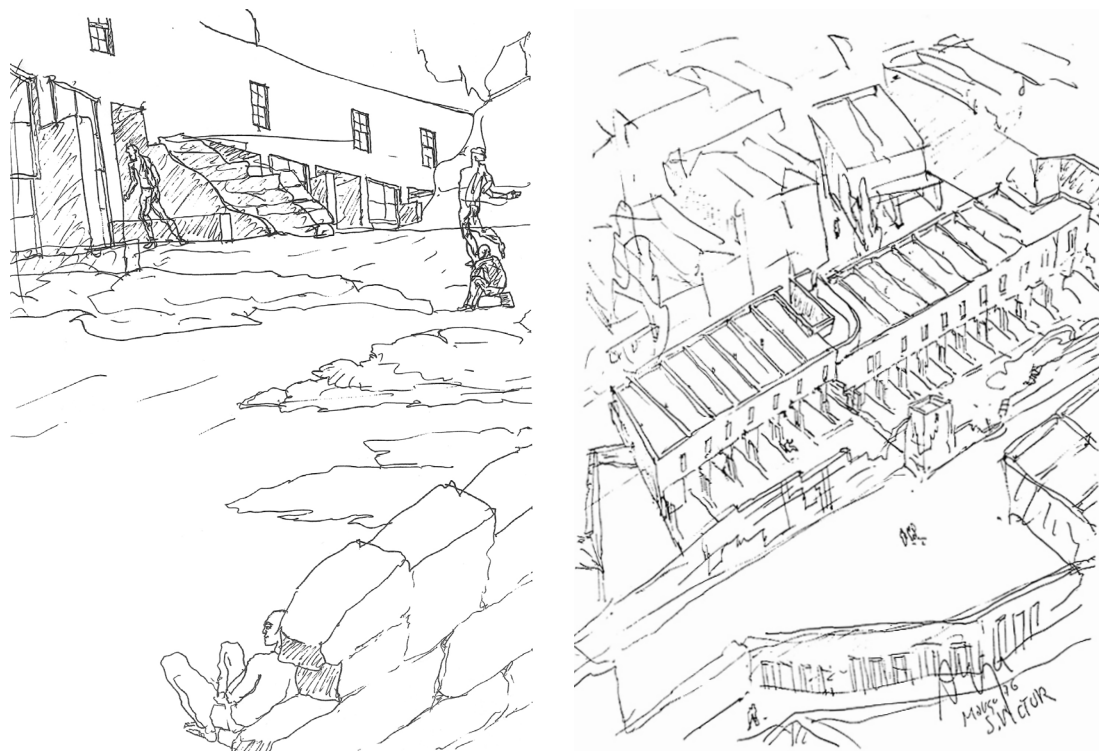


Fig. 19. Esquissos do bloco A1 na relação com a ruína, S. Vítor, Álvaro Siza.



Fig. 20. Vistas do bloco e da ruína em S. Vitor, Porto.



Fig. 21. Vistas aproximadas do bloco e da ruína em S. Vitor, Porto.



Fig. 22. Vista dos muretes e da ruína, Sra. das Dores.



Fig. 23. Vista da empena de um edifício integrado no projecto de Álvaro Siza para Caxinas.

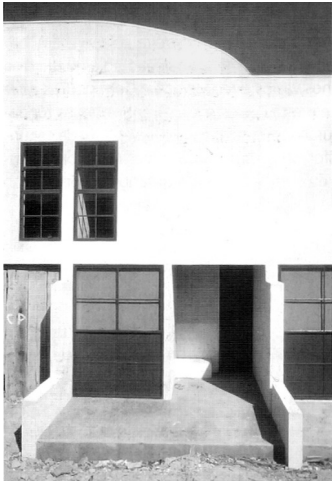


Fig. 24. Vista aproximada da fachada frontal do bloco A1, Sra. das Dores.



Fig. 25. Vista de Hoek van Holland de J. P. P. Oud.

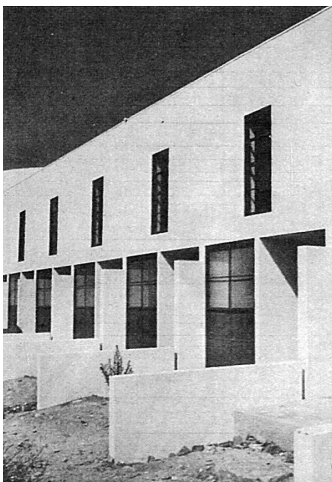


Fig. 26. Vista das fachada frontal do bloco A1, Sra. das Dores.



Fig. 27. Vista das fachada traseira do bloco A1, Sra. das Dores.

espaços que envolvem a banda, através da dualidade leveza-peso. Conservando a memória de um antigo caminho pedonal, rompe uma passagem térrea no edifício que permite relacionar os espaços que o envolvem e reforçar a ideia de vivência comunitária alargada a todo o quarteirão. O vazio da passagem e a transparência franca das superfícies de caixilharia, tornando evidente a relação das zonas comuns das habitações com o espaço exterior, opõem-se à massa horizontal do piso superior, que encerra a vida privada exibindo apenas duas janelas por habitação, uma em cada fachada. Parece existir uma intenção de prolongar para o interior das habitações a vida comunitária legível no espaço entre o perímetro da ruína e a entrada das habitações. A dualidade leveza-peso manifesta-se, também, entre o perímetro da ruína, quase defensivo, e a entrada de cada habitação, espaços acolhedores e transponíveis, que se agarram ao solo através dos muretes. Aqui, o arquitecto conjuga claramente as ruínas e as vivências cadastrais do lugar com as necessidades inerentes à habitação.

Ainda relacionado com a ideia de comunidade, no desenho da banda de casas, surge a repetição. Tal como as escadas na Bouça e os pátios em Caxinas, os muretes, além de funcionarem como elementos de suporte, desenham a subdivisão das unidades habitacionais e evidenciam a mesma identidade colectiva. De certo modo, os muretes quebrados, na sequência das paredes de meação que avançam para além da fachada ao nível térreo, parecem ser antecidos no projecto de Caxinas. Neste último, no desenho das empenas, a parede é também quebrada, numa progressão, até assumir a dimensão do muro que conforma os pátios privados.

No tratamento das excepções, surge a oportunidade de quebrar a ordem da composição. O atravessamento sob o edifício e a mudança de cota das plataformas preexistentes são o mote para enriquecer o ritmo composto da fachada e exaltar a força da repetição. Aqui, Siza duplica a janela, tal como nos topos das secções do bloco, e desenha uma curva na cumeeira, evocando a obra de Pieter Oud em Hoek van Holland. Neste momento de excepção, é projectado um módulo habitacional diferente dos restantes que, ao estender-se sobre o espaço da passagem, ganha dois quartos no piso superior (figs. 19 a 22).

Não só a repetição dos muretes como a simplicidade da linguagem caracterizam a imagem do edifício. As fachadas rebocadas e pintadas originalmente num tom verde-claro conferem homogeneidade ao edifício, interrompida pela leve caixilharia de madeira, pintada de castanho. Siza combina numa composição delicada elementos e princípios modernos, como a cobertura plana, e referências à arquitectura portuense. Se no piso inferior dominam grandes superfícies envidraçadas, no piso superior repetem-se pequenos vãos verticais com janelas de guilhotina colocadas à face da parede exterior, tal como nas casas burguesas do Porto do séc. XIX. Conciliando elementos de origens aparentemente divergentes, S. Vítor parece encontrar o seu lugar no tempo e na cidade.

O contraste entre o bloco e o muro, juntamente com os muretes propositadamente quebrados

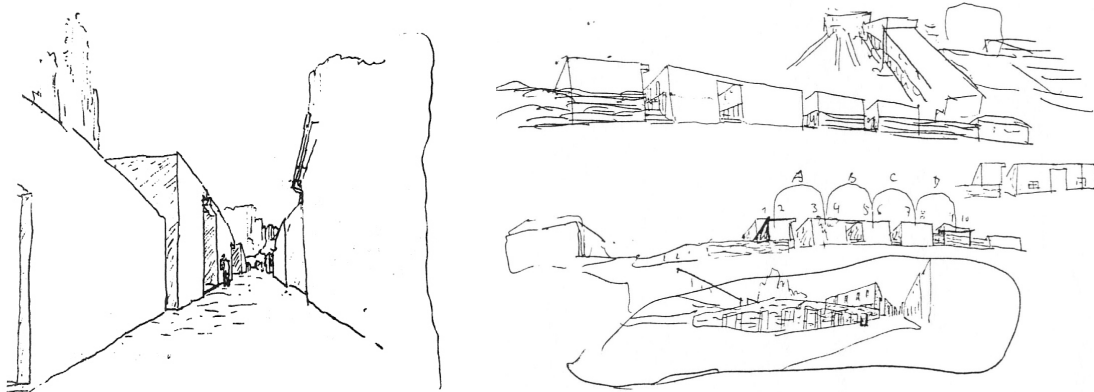


Fig. 28. Esquissos da Travessa de Sra. das Dores e da intervenção C5, Álvaro Siza.

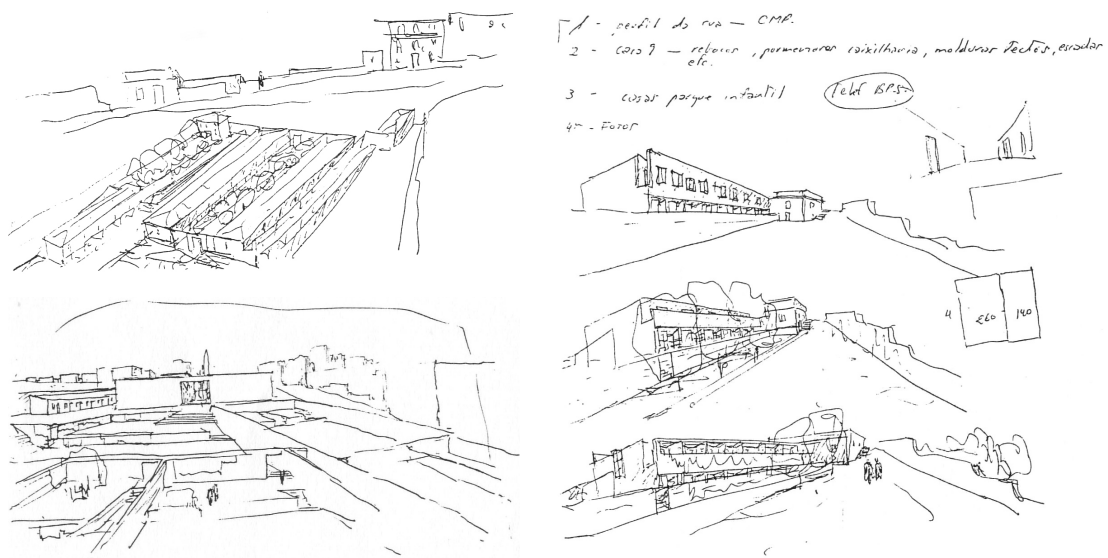


Fig. 29. Esquissos da intervenção A4 e da relação que esta estabelece com a Vieira da Pedreira, Álvaro Siza.

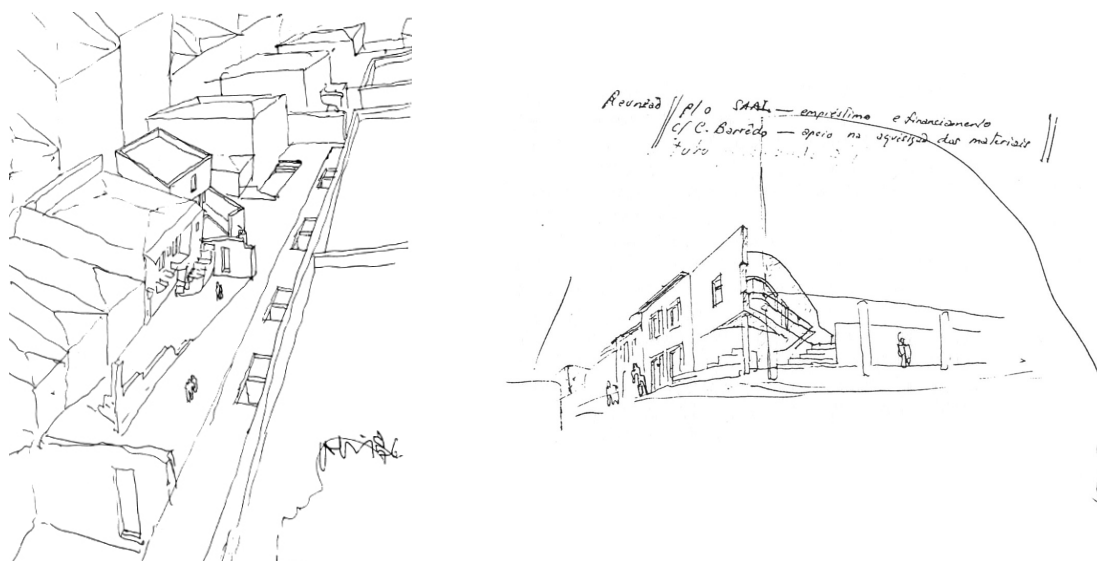


Fig. 30. Esquissos dos edifícios B7 e B9, a nascente do bloco A1, Álvaro Siza.

e o rebocar parcial da ruína existente junto ao edifício, reforça a ambiguidade e a simultânea capacidade de síntese entre a ordem do novo e a do preexistente. Na verdade, os fragmentos preexistentes cumprem a função de ligar o passado ao presente e constituem, simultaneamente, elementos fundamentais para redesenhar o espaço exterior, já que é material disponível, aberto, manipulável.

“Podemos dizer que existiam e existem ainda duas cidades: a aparente e representativa e a cidade escondida dos interiores de quarteirão, dos pátios e das ilhas. Esta é a cidade marginalizada, tolerada porque indispensável ao seu desenvolvimento, a cidade que o regime não conseguiu dispersar...”¹⁷

Atentando sobre a totalidade do projecto para Senhora das Dores, facilmente se compreende um conjunto de intervenções pontuais e diversificadas que contribuem para a dignificação do quarteirão enquanto parte integrante e vivencial da cidade. Trata-se de uma reestruturação urbana que, dentro de um quadro de equidade, rompe o limite do quarteirão, criando passagens e percursos que relacionam o exterior com o interior. Elementos urbanos como a travessa, o quarteirão e a ilha, são reinterpretados como fragmentos que se adaptam no sentido de corroborar um conceito de cidade mais democrático.

No centro do quarteirão, como vimos, permanece a Travessa de Senhora das Dores, denunciando que o interior do quarteirão pode ser vivido pela cidade. Mais do que integrá-la no seu projecto, Siza procura conferir uma nova escala e um novo significado urbano à estreita travessa, reforçando o seu carácter de atravessamento. Para tal contribuem o jogo rítmico das construções a nascente (C5) que cria permeabilidades e expõe esse espaço interno e, no lado oposto, a abertura de corredores perpendiculares, no âmbito da intervenção A4. Nesta última, o arquitecto reinterpreta o modelo da ilha, no sentido de explorar as valências do espaço comunitário que lhes é inerente. Propondo edifícios em banda paralelos, o corredor é agora dignificado, mediante o aumento da sua escala, o seu desenho cuidado e a introdução de arborização. Nos topos, os pórticos, enquanto reinterpretação das passagens sob a casa burguesa, valorizam a relação com a Travessa de Senhora das Dores e com os espaços que se desenham a nascente. Aqui, ao pórtico central sucedem-se plataformas que criam um espaço de transição, culminando no alargamento da Viela da Pedreira, também ela redesenhada.

No limite nascente do quarteirão, para além da recuperação de algumas casas, outras intervenções convergem na concretização da continuidade espacial entre a rua e o interior do quarteirão. A construção de três casas (B6) reforça a conformação da Rua de S. Dionísio, mas, ao libertar um pequeno largo a norte, permite a passagem para o interior. Também o edifício B7, ao soltar-se das construções adjacentes e definir a sua fachada principal na perpendicular às

¹⁷ Álvaro Siza, “O 25 de Abril e a transformação da cidade”, in *As cidades de Álvaro Siza*

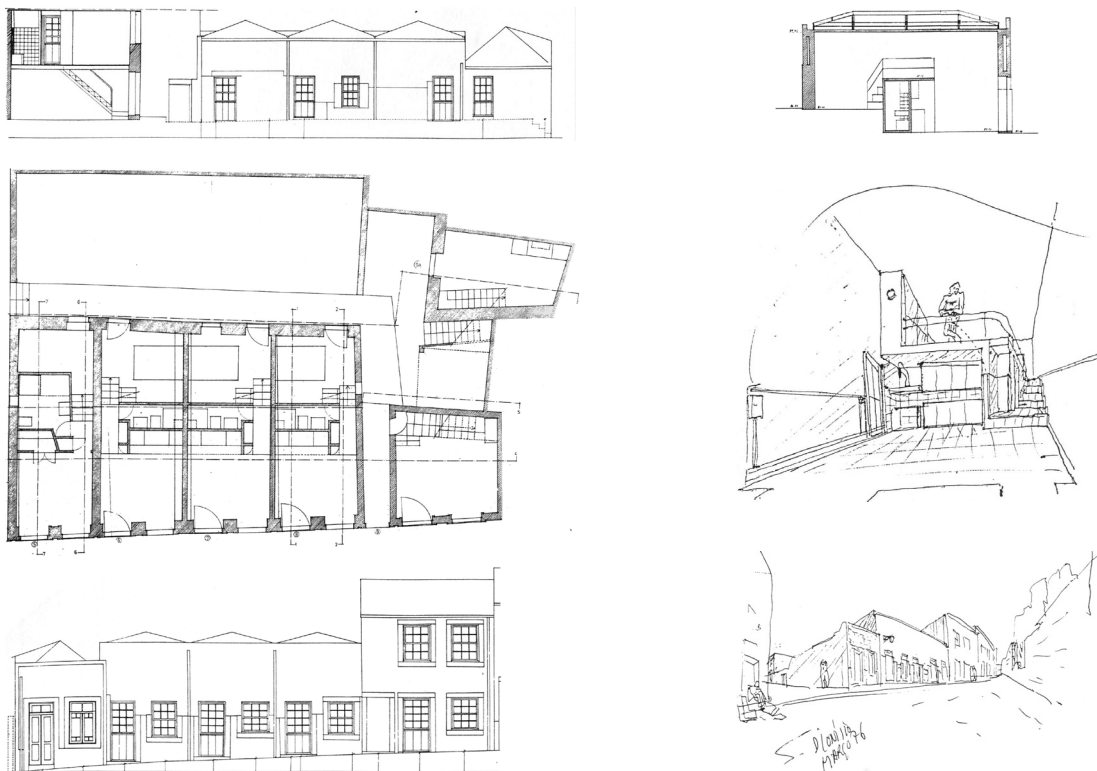


Fig. 31. Projecto para o conjunto C2, plantas, cortes e esboços, Sra. das Dores, Álvaro Siza.



Fig. 32. Vistas do conjunto C2, Sra. das Dores, Álvaro Siza.

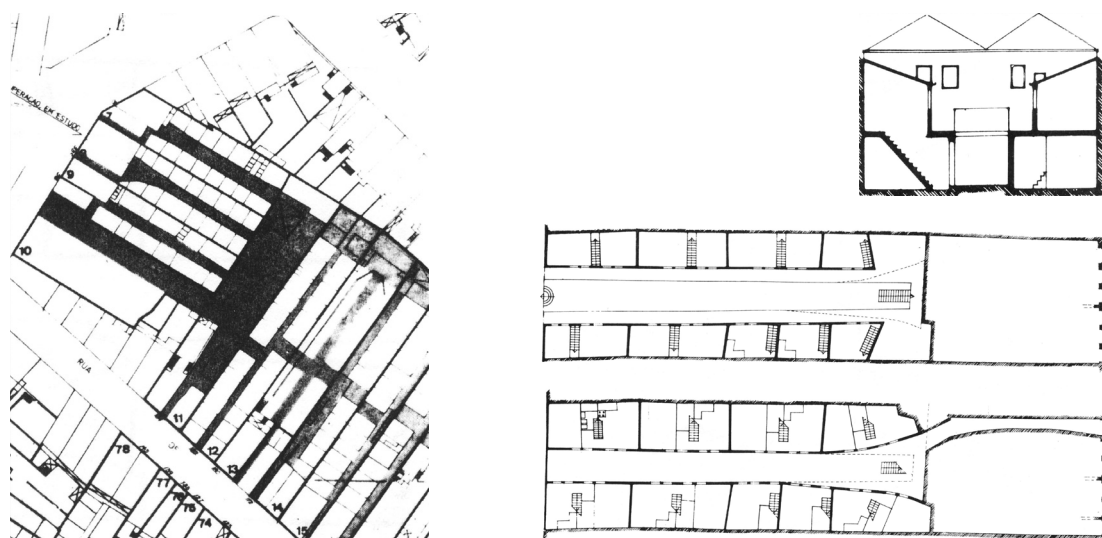


Fig. 33. Plano geral do sector de S. Vítor e projecto de recuperação de uma ilha, plantas e corte.

empenas, cria uma ligeira torção relativamente à rua, anunciando o mesmo convite à entrada. Ainda aqui, o gaveto B9 remata a galeria do edifício existente a norte e, assumindo uma escada com grande expressividade, relaciona o nível da plataforma do interior do quarteirão com a cota da rua. Já no lado oposto do quarteirão, junto da Rua de São Dionísio, é proposta a recuperação de um conjunto de casas (D3) que encerra, finalmente, os eixos de permeabilidade visual que atravessam o terreno segundo a direcção este-oeste.

A sul, as intervenções convergem na vontade de redefinir a Viela da Pedreira e consolidar a sua frente. Juntamente com três casas preexistentes a restaurar, o conjunto C2 permite desenhar mais uma entrada para o interior do quarteirão. Estas casas, antigas e desabitadas, são reconstruídas enquanto que nas suas traseiras é proposto um espaço colectivo. As fundações existentes e as paredes em ruína são aproveitadas e completadas por uma arquitectura de linguagem moderna. Na reestruturação do interior, o arquitecto evita as compartimentações tradicionais e opta por um espaço contínuo, cruzando o conhecimento histórico e cultural do lugar com os modelos internacionais. No desenho de alçado, a sobreposição parcial de reboco sobre a velha parede reforça a leitura por estratos e é exemplo da continuidade possível entre uma nova linguagem e a expressão da arquitectura preexistente. Esta sobreposição permite, como Alves Costa afirma, *“uma aproximação gradual a um desenho urbano que tende a superar, seja os critérios simples de restauro, seja a eliminação física da cidade existente”*¹⁸.

*“A maior preocupação será, no entanto, o estudo dos espaços públicos, sobretudo o sistema de percursos que possibilitem a comunicação entre os vários grupos até aí isolados. Este estudo permitiu viabilizar a recuperação das ilhas e ainda a sua consideração como elemento base do tecido urbano, possível suporte de novos desenvolvimentos.”*¹⁹

Na segunda fase do projecto, no sector a sul da Praça da Alegria, Siza propõe recuperar as ilhas existentes e qualificar os espaços contíguos, economizando tempo e meios (figs. 33 e 34). No que respeita ao desenho dos corredores colectivos, os muros cegos que os fecham nos topos são substituídos por pórticos, possibilitando conceber um sistema de percursos que relaciona as várias ilhas. Quanto à relação com a rua, como se trata de uma reabilitação, o autor conta ainda com a presença da casa burguesa. Para contornar esta restrição, rasgam-se algumas entradas para a Rua de S. Vítor, permitindo a comunicação entre o espaço comunitário, agora uno, e o espaço público. Assim, é enfatizada a intenção de transformação de uso e significado dos espaços livres, dando forma a um desejo de vida colectiva e integrando sempre a ruína como memória que não se quer apagar.

A recuperação das habitações passa por ampliar a sua área, agrupando células e sobrepondo

¹⁸ Alexandre Alves Costa, *“A Ilha Proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas Considerações sobre um Título Enigmático”*, in *J. A. n.º 204*, p. 13

¹⁹ Alexandre Alves Costa, *“Álvaro Siza”*, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 39

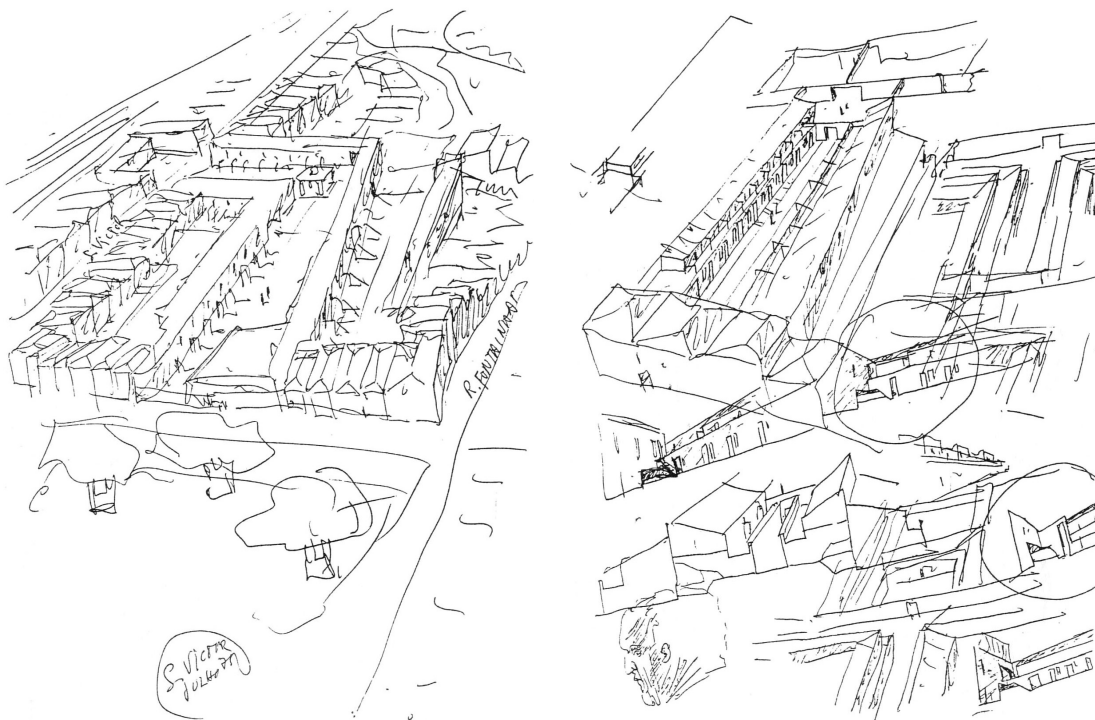


Fig. 34. Vista geral da intervenção em S. Vitor e estudos da recuperação de uma ilha, esquissos, Álvaro Siza.

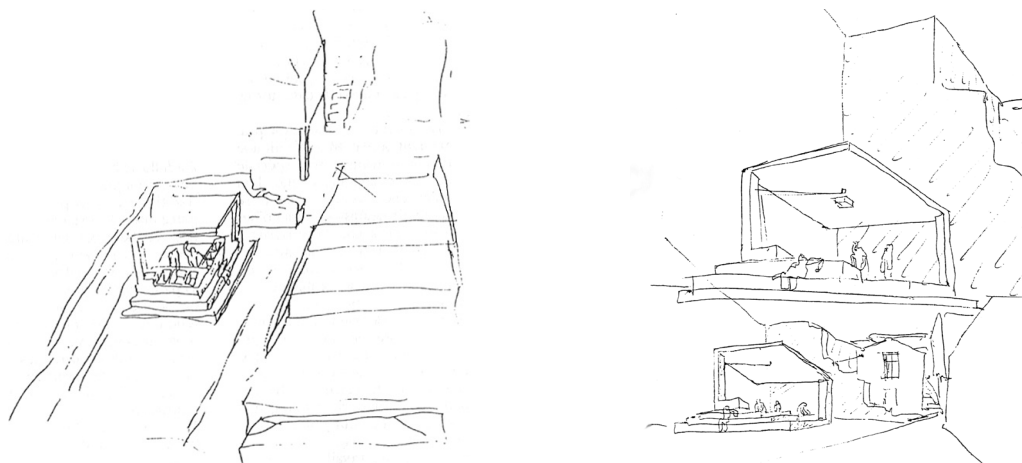


Fig. 35. Tanque coberto integrado em Sra. das Dores, esquissos, Álvaro Siza.



Fig. 36. Equipamento de uso desconhecido integrado em Sra. das Dores, esquissos, Álvaro Siza.

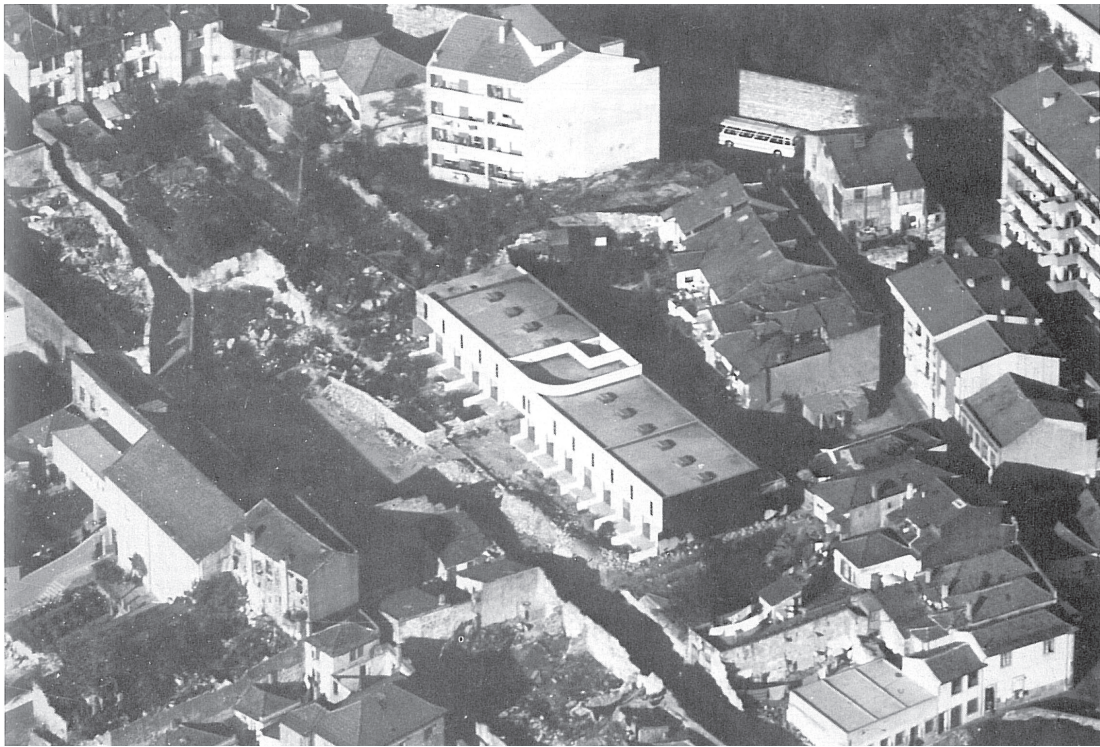
um piso. Este último, ao recuar em relação à fachada do rés-do-chão, liberta uma galeria superior que comunica com o corredor comunitário através de uma escada central. Esta nova configuração demonstra a preocupação com a salubridade das ilhas, permitindo acrescentar um piso sem condicionar a iluminação e a ventilação do espaço colectivo.

A continuidade espacial gerada pelas intervenções em ambos os sectores seria, finalmente, qualificada pela introdução de equipamentos de uso comum, sobretudo nos “*espaços de transição de zona para zona*”²⁰. Também na Bouça, as bandas que se estendem pelo quarteirão são rematadas por pequenos equipamentos colectivos que se relacionam directamente com a cidade. Já em S. Vítor, esta premissa é traduzida pela inserção de um tanque coberto que, apesar da inexistência de informação exacta relativa à sua localização, parece encontrar-se nas traseiras do conjunto C2. Outros desenhos sugerem a proposta de mais equipamentos, enigmáticos quanto à forma e ao uso – um parece aproveitar umas ruínas de pedra no pátio traseiro do bloco A1, enquanto que o outro, já no segundo sector do projecto, situa-se no interior do quarteirão entre a Rua de S. Vítor e a Alameda das Torrinhãs. A integração destes elementos, um recurso frequente nas *Siedlungen* do movimento moderno, evita que o bairro adquira o carácter de dormitório e reforça, novamente, a vida colectiva tão característica do lugar.

Em S. Vítor, a identidade local é mantida como referência a um passado colectivo que importa dignificar e integrar no processo de transformação da cidade, numa “*reactualização incessante do que fomos ontem em função do que somos hoje, deixando em aberto o que quisermos ser amanhã*”²¹. O fortalecimento da identidade colectiva e o envolvimento da habitação na configuração do espaço público são meios de transformação do carácter marginalizado do lugar que não obscurecem a sua história. Assim, o projecto demonstra o equilíbrio e a continuidade possível entre realidades aparentemente contrárias, o tradicional e o novo, o escondido e o aberto à cidade. A sua fracção construída impunha uma nova ordem através de uma arquitectura em que o passado é suporte do novo. Absorvendo a condição humana, histórica e de circunstância, esta arquitectura representa um momento frágil, o encontro vital entre a realidade que vem do passado e aquilo que é intuído do futuro.

20 Álvaro Siza, “*Memória Descritiva*”, in *As cidades de Álvaro Siza*

21 Alexandre Alves Costa, “*Álvaro Siza*”, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 28



3. O DELINEAR DA IDEIA DE CIDADE

O projecto de renovação da zona de S. Vítor, entendido na sua totalidade, procurava reabilitar o interior dos quarteirões e a vida comunitária que contêm, utilizando a ilha como “*possível estrutura de desenvolvimento da cidade*”²². Deste modo, ultrapassa a ideia limitada de um destino individual e inscreve-se no sentido de um futuro colectivo. Contudo, o SAAL foi dissolvido, o projecto não foi terminado e o que foi construído ficou incompleto, perdendo o seu significado e a clareza da sua intenção relativamente à cidade.

A partir dos termos em que Siza justifica a proposta para S. Vítor, procuramos, agora, caracterizar a sua ideia de cidade. Neste âmbito, interessa compreender o projecto como momento específico do percurso arquitectónico de Siza. Na verdade, S. Vítor não explora um modelo urbano particular, contudo qualifica e aprofunda a ideia de cidade que está patente nos projectos e obras anteriores. Para além das experiências de Siza e das suas referências, importam ainda os textos e depoimentos que constituem uma lição de coerência, objectividade e sensibilidade. Como base de análise, optei por “O procedimento inicial”, “Um arquitecto foi chamado”, “Oito pontos”, “Outro pequeno projecto” e “Farmácia Moderna”, textos que denunciam algumas linhas do seu entendimento da arquitectura. Por outro lado, “E vice-versa” e “A cidade que temos” versam sobre a sua concepção de cidade.

²² Álvaro Siza, *L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano*, in *Lotus n.º 13*, p. 86 (trad.)

3.1. UNIDADE NA COMPLEXIDADE URBANA

“Se, do ponto de vista metodológico, é sempre possível distinguir a Arquitectura do Urbanismo, para mim pelo menos, não há distinção.”²³

Como não é possível separar os conceitos de arquitectura e urbanismo, muitos dos princípios que definem a sua percepção de arquitectura contaminam a sua ideia de cidade. Esta última vai-se delineando a partir de uma primeira perspectiva sobre a arquitectura que, procurando alcançar uma condição universal, baseia-se na relação com o lugar e a memória.

“Partiu da ideia apontada na primeira visita, porque considera que não se projecta somando bocados de informação, e que esta serve, se aplicada a uma ideia, para a corrigir e a definir. E que a ideia está no “sítio”, mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso pode e deve surgir ao primeiro olhar...”²⁴

Siza afirma, frequentemente, a necessidade de olhar o sítio como primeiro passo na concepção de um projecto. A importância deste momento de reconhecimento deriva da consciência de que a arquitectura vai estabelecer relações com as formas do mundo, quer estas pertençam à natureza quer resultem da apropriação e criação humanas. Quando refere que *a ideia está no sítio*, pode ler-se uma intenção em imaginar e construir a partir do que existe.

“Ao iniciar um estudo, encontramos-nos perante objectivos que determinam tensões contraditórias numa realidade concreta, de raízes muito profundas, feita de sobreposições, transformações, recuperações, perante um conjunto de experiências e de informação prévias, próprias ou alheias, perante modelos, interesses e contactos.

Creio que nesta rede tão complexa de “desígnios” se encontra, como uma matriz, quase tudo o que determina o “desenho”.”²⁵

O lugar é um palimpsesto e as palavras de Siza mostram a consciência da coexistência das várias marcas ou presenças num mesmo lugar, obra ou cidade. Sendo o lugar expressão da existência do homem e forma de representação da relação que este estabelece com a natureza, é também a manifestação de todos os tempos que, actuando com o sítio e a matéria, o vão alterando e definindo. Assim, para além das características geográficas, topográficas ou morfológicas do suporte físico, importam os valores históricos, culturais e sociais que o caracterizam. A partir do seu conhecimento crítico, Siza inclui nos seus projectos a complexidade do lugar.

“Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas talvez opostas, mas nunca sem

²³ Álvaro Siza, “Não faço distinção entre Arquitectura e Urbanismo”, *O centro de Montreuil*, in Álvaro Siza : uma questão de medida, p. 172

²⁴ Álvaro Siza, *Um arquitecto foi chamado*, in Álvaro Siza. Escrits, p. 17

²⁵ Álvaro Siza, *O procedimento inicial*, in Álvaro Siza. Escrits, p. 13

relação.

Muito do que antes desenhei (muito do que outros desenharam) flutua no interior do primeiro esquisso. Sem ordem. Tanto que pouco aparece do sítio que tudo invoca. Nenhum sítio é deserto. Posso sempre ser um dos habitantes."²⁶

Em "Oito Pontos", Siza acrescenta ao conhecimento da realidade concreta, formada pelos valores do presente e pelas memórias do passado, a percepção dos anseios e das novas possibilidades inscritos no lugar enquanto condição prévia para actuar em profundidade. Trata-se de procurar os problemas em aberto aos quais a forma deve responder, quer seja no sentido de criar alternativas perante as necessidades presentes, quer seja no sentido de consolidar e construir em conformidade com o existente.

A relação entre obra e lugar em Siza não pode ser considerada como decorrência de uma visão exclusivamente contextualista ou dominada pela ideia de *genius loci*²⁷. O lugar, visto como produto da acumulação de sedimentos de diferentes tempos, é base sempre aberta à transformação, é material artístico.

A consciência da complexidade das circunstâncias permite a Siza, já nos anos 70, considerar o sítio na sua totalidade e trabalhar perante a realidade concreta com que se depara. S. Vítor é disso exemplo – numa área central da cidade caracterizada pela habitação clandestina, pelas más condições de vida e pela degradação do edificado, o projecto não ignora a realidade em que se insere. O forte pragmatismo na reutilização dos elementos encontrados no terreno evidencia uma atitude de respeito pela situação existente como produto social que não deve ser ignorado – "*Havia famílias que viviam ali há muito tempo, com um certo número de pontos de referências, e, para mim, seria terrível destruir essas referências*"²⁸. Reapropriando os "*fragmentos de uma evolução urbana cheia de contradições*"²⁹, pretende transformar a realidade sem esquecer o passado, de forma a defender a identidade colectiva, a potenciar o modo de vida da população e a concretizar as suas aspirações.

Simultaneamente, a reutilização de elementos encontrados no lugar estende-se para a escala do espaço urbano. Importa aqui a intenção de transformar a realidade preexistente, caracterizada pela presença da ilha proletária, numa estrutura capaz de construir cidade, agora digna e qualificada. Este propósito é sintoma de uma arquitectura que toma tudo como estímulo, sensível à realidade urbana e à identidade local. Partindo de uma análise da evolução

²⁶ Álvaro Siza, *Oito pontos*, in Álvaro Siza. *Escrits*, p. 27

²⁷ O termo *Genius Loci* refere-se ao espírito do lugar e é objecto de culto na religião romana. A expressão foi adoptada no campo arquitectónico para definir uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interacção entre lugar e identidade. Para Aldo Rossi, *Genius Loci* representa a relação singular e simultaneamente universal entre certa situação local e as construções que a habitam. Aqui, utilizamos este termo para designar uma compreensão intuitiva do carácter e da identidade do lugar.

²⁸ Álvaro Siza, *entretien avec alvaro siza*, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC) n.º 44*, p. 37 (trad.)

²⁹ Alexandre Alves Costa, "*Álvaro Siza*", in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 28

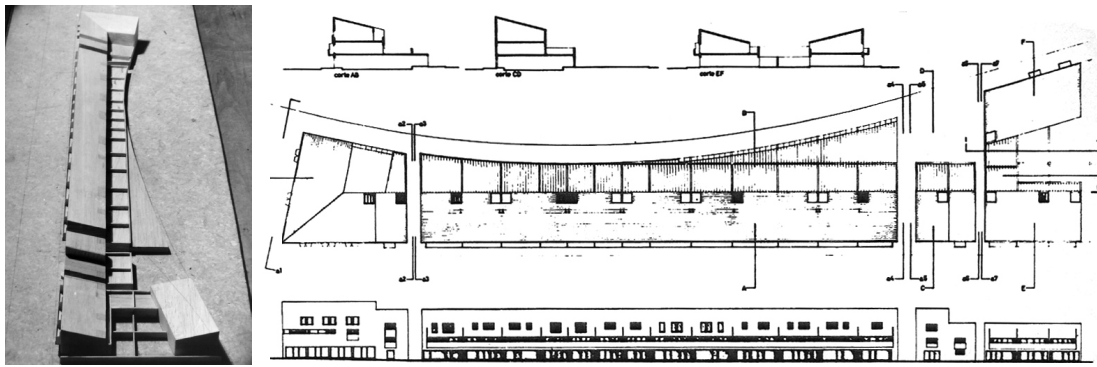


Fig. 37. Projecto para Caxinas, maquete, planta de cobertura e secções, Caxinas.

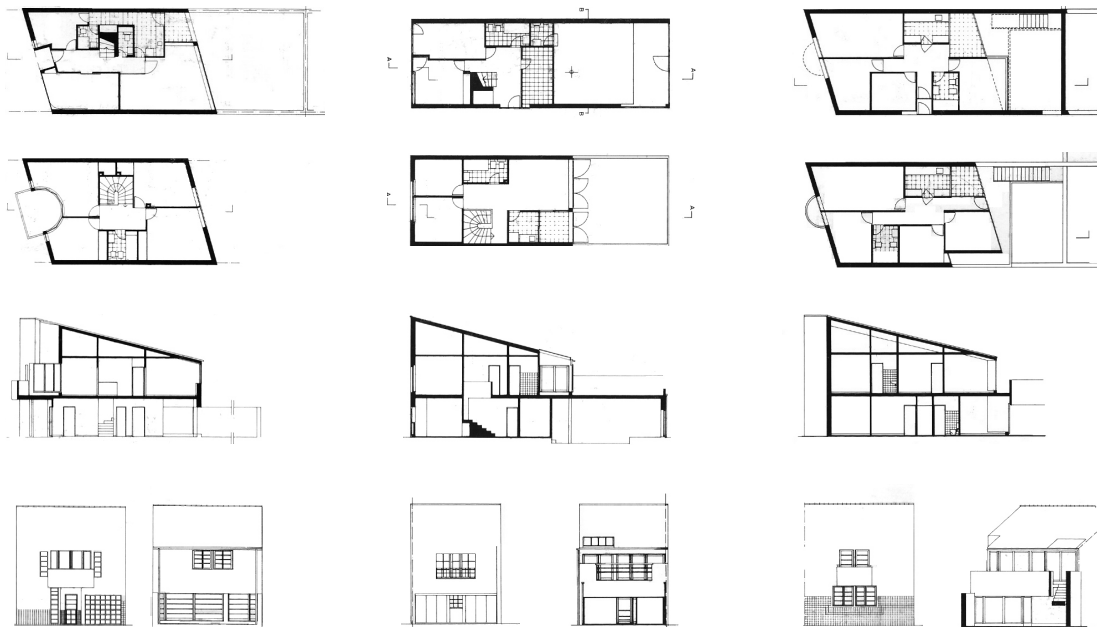


Fig. 38. Tipologias A, B e C das habitações propostas para Caxinas, plantas, cortes e alçados.

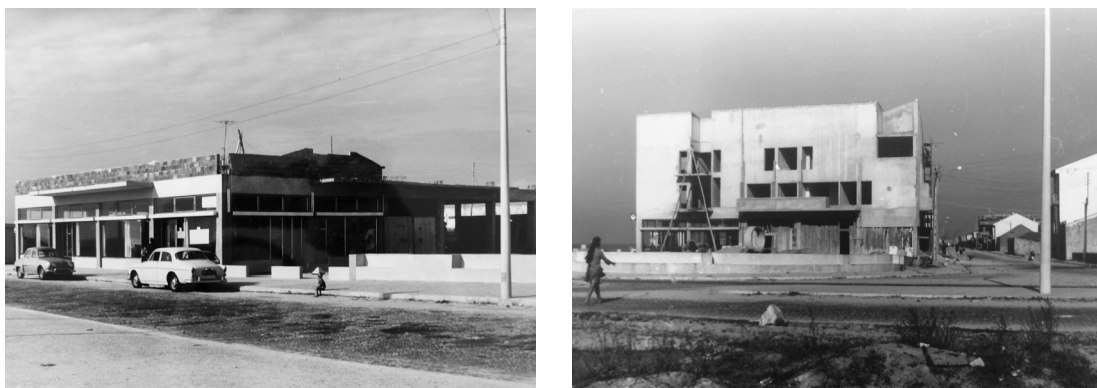


Fig. 39. Vistas do edifício de topo que integra um espaço comercial preexistente, em fase de construção, Caxinas.

histórica da área envolvente, dos motivos e processos de fragmentação a que foi submetida, o projecto joga com o contexto geral da cidade, sem deixar de se referir ao contexto imediato da intervenção, consciente de constituir uma acção pontual. Assim, fundamenta-se na instabilidade e descontinuidade do lugar e na multiplicidade da realidade urbana, relacionando-se com a cidade de forma diversificada.

A experiência de S. Vítor vem informada pelo projecto para Caxinas (1970-72), um loteamento para casas de férias numa praia de pescadores a norte do Porto. Numa faixa de terreno entre a marginal e uma rua residencial, a proposta para Caxinas consiste numa banda contínua de casas de dois pisos, rematada nos topos por edifícios que se soltam, criando passagens pedonais entre as duas ruas. O desenho de diferentes modelos de ocupação e soluções passíveis de variação para os lotes não põe em causa a unidade da proposta, pois Siza define, como denominador comum, uma referência clara à arquitectura anónima local – “*pequenas habitações coloridas construídas segundo plantas muito simples*”³⁰. O café clandestino, o único elemento previamente construído no terreno, é conservado e integrado na arquitectura proposta, sendo previstos outros espaços comerciais. Esta opção denuncia a procura de uma razão que não reprima nenhum dos elementos que constituem a realidade urbana, mas que permita a sua coexistência.

As estratégias de S. Vítor e de Caxinas parecem decorrer de uma leitura da cidade enquanto manufactura. Se Aldo Rossi defende que “*A cidade, como coisa humana por excelência, está constituída pela sua arquitectura e por todas aquelas obras que constituem uma forma de transformação da natureza*”³¹, Siza considera que através da arquitectura é possível encontrar unidade e restituir o equilíbrio nessa realidade complexa.

O projecto para a Avenida da Ponte (1969-73) e o Banco de Oliveira de Azeméis (1971-74) manifestam o mesmo “*desejo de unidade entendida como polémica expressão da complexidade*”³². Assim, não devem ser entendidos enquanto tentativas de potenciar uma cidade alternativa, em ruptura com o existente. Em ambos os casos, Siza estabelece uma continuidade com os espaços da cidade, proporcionando, simultaneamente, um certo grau de autonomia aos novos edifícios.

O projecto da Avenida da Ponte foi, para Siza, a primeira oportunidade de projectar no centro do Porto. Na sequência da abertura de um arruamento no tecido medieval da cidade para dar sequência à Ponte D. Luís, surge a necessidade de consolidar uma parcela fracturada, onde persiste uma unidade arquitectónica clara. A proposta de intervenção consiste, então, num edifício que rompe com a envolvente ao nível da linguagem, constituindo, porém, uma

30 Álvaro Siza, in *Álvaro Siza Vieira : Porto : Lisboa : Seminar Woch*, p. 81 (trad.)

31 Aldo Rossi, *Estructura de los hechos urbanos*, in *La arquitectura de la ciudad*, p. 77 (trad.)

32 Alexandre Alves Costa, “*Álvaro Siza*”, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 22

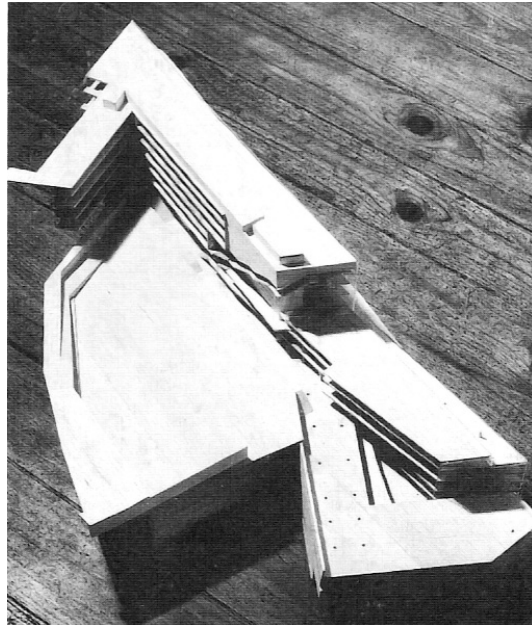
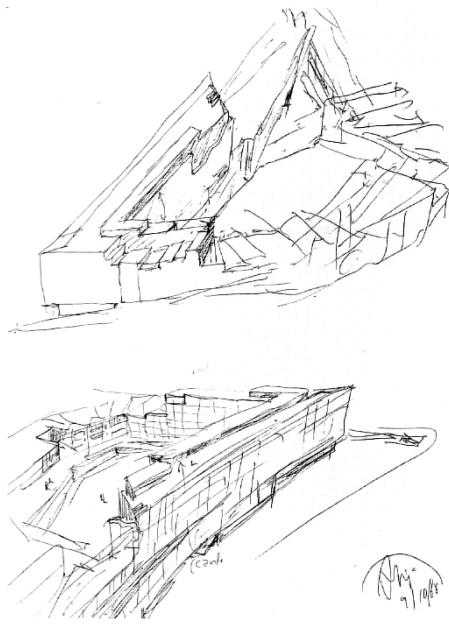


Fig. 40. Projecto para a Avenida da Ponte, Porto, vista da maqueta e esquisso, Álvaro Siza.

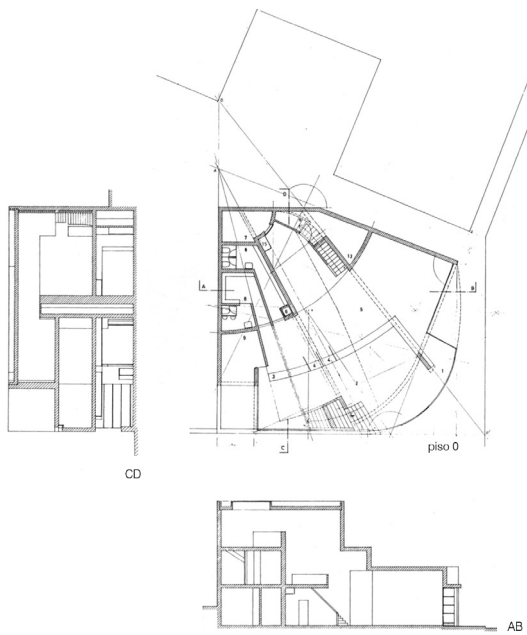


Fig. 41. Banco de Oliveira de Azeméis, vista exterior, planta principal e cortes, Álvaro Siza.

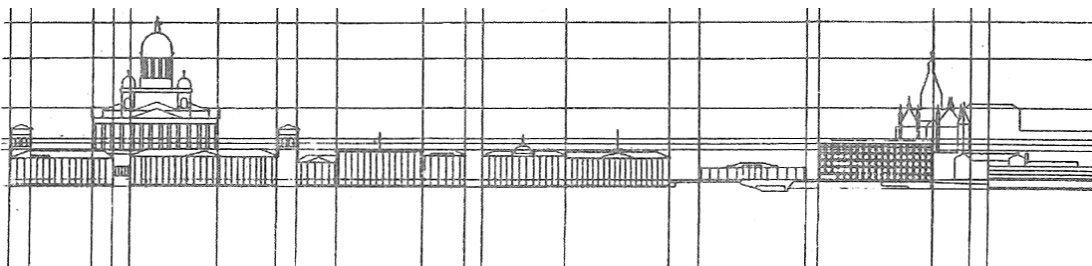


Fig. 42. Análise esquemática do skyline de Helsinquia, Alvar Aalto.

forma ancorada nas construções envolventes. Ao desenhar a fachada como um grande espelho de vidro, Siza afirma “a contemporaneidade com convicção”, resolvendo, também, “a descontinuidade com o passado, projectando-o no presente”³³.

No Banco de Oliveira de Azeméis (1971-74), Siza retoma estes princípios de relação entre objecto arquitectónico e cidade. O edifício é construído sobre uma matriz geométrica desenhada sobre as geratrizes da praça onde se implanta e das construções que a envolvem. Assim, nos seus limites, encontra correspondências claras com o tecido urbano envolvente, mas no que diz respeito à linguagem, estabelece-se novamente uma descontinuidade com o lugar, sublinhando a singularidade do edifício. Levantando a possibilidade de comparar a procura de uma solução harmoniosa nesta obra com a análise esquemática do skyline de Helsinquia, Peter Testa sugere que Aalto é “um precursor da arquitectura contextual de Siza”³⁴.

Nos anos 70, Siza “declara superada a fase em que se pensava que a unidade da linguagem resolvia alguma coisa e reconhece a complexidade da cidade constituída por fragmentos que se adicionam ou sobrepõem.”³⁵ De facto, estes projectos salientam a condição de uma paisagem urbana composta por várias partes, fragmentos que não consideram necessariamente a totalidade da cidade mas que fazem parte do mesmo conjunto.

Ao longo da obra de Siza, a consciência da complexidade do lugar e da cidade traduz-se num “verdadeiro atlas de urbanismo que estabelece novas éticas e táticas nas estruturas difusas e emergentes da cidade contemporânea”³⁶. De certo modo, Siza corrobora a crítica implícita no SAAL ao planeamento urbano que visa resolver os problemas da cidade de um modo unitário, acreditando que a arquitectura, enquanto “resposta a um problema concreto”³⁷, não é unívoca mas aberta, reformulando, caso a caso, a realidade com que se depara.

33 Alexandre Alves Costa, “Álvaro Siza”, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 22

34 Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 135

35 Alexandre Alves Costa, “Álvaro Siza”, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 22

36 Alexandre Alves Costa, “Álvaro Siza”, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 24

37 Peter Testa, “Cosa Mentale”: a arquitectura de Álvaro Siza, in *Álvaro Siza*, p. 8

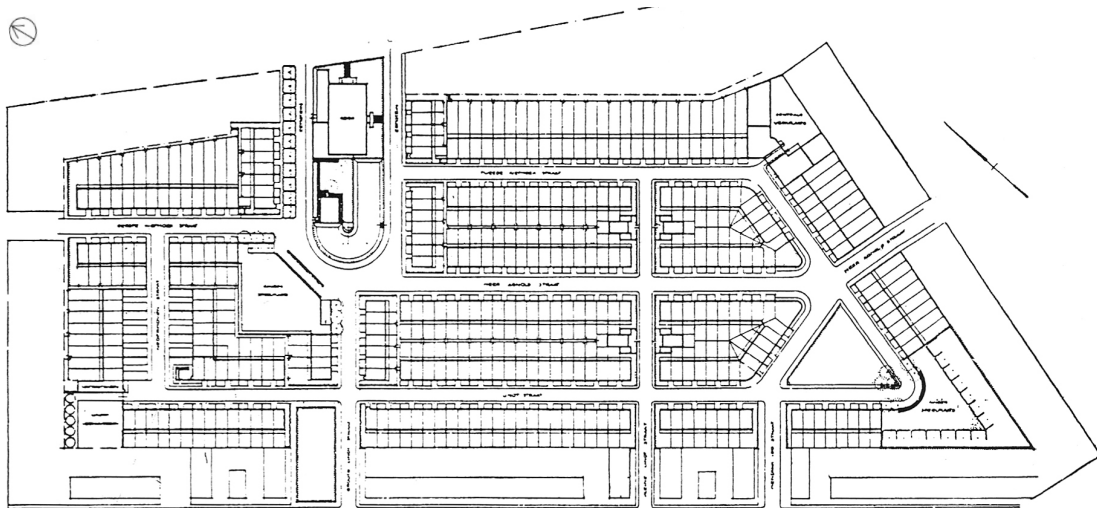


Fig. 43. Planta geral do bairro de Kiefhoek, Roterdão, J.J.P. Oud.

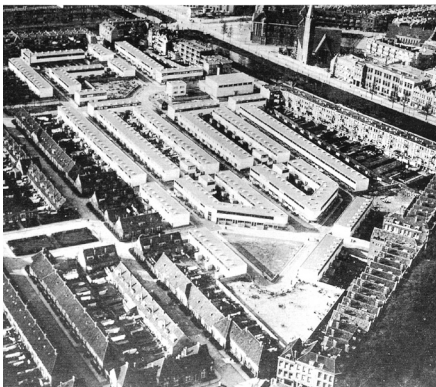


Fig. 44. Vista aérea e perspectivas de uma rua residencial e de um gaveto do bairro de Kiefhoek, Roterdão.

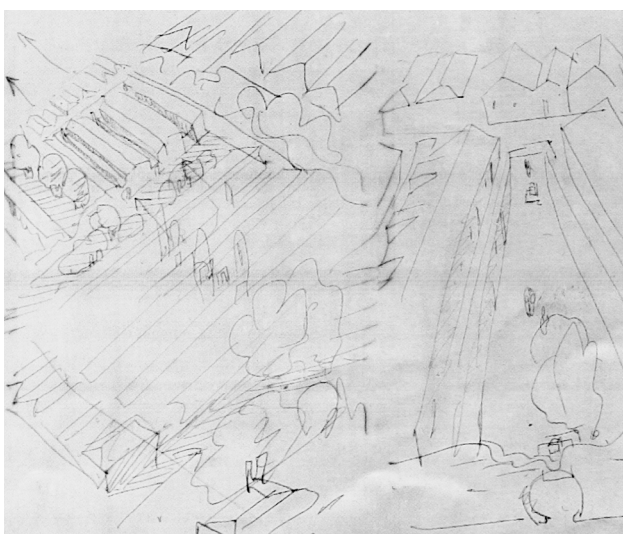


Fig. 45. Relação entre edificado e espaço livre no sector de Sra. das Dores do projecto de S. Vitor.

Fig. 46. Espaços colectivos das ilhas do sector de S. Vitor, esquisos, Álvaro Siza.

3.2. A CONTINUIDADE NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE

Reconhecendo que a cidade é o resultado de um processo de transformação permanente, para Álvaro Siza, a cidade é também o registo histórico da permanência do Homem num dado lugar. Neste sentido, a solução para os problemas da actualidade não deve negar o passado. A leitura contínua e global do tempo e das problemáticas que atravessam a cidade permite assumir, como fundamento de um projecto, a continuidade da estrutura existente, vinculando o projecto ao tecido que o envolve e à tradição positiva da construção da cidade.

Como vimos, os projectos SAAL-Norte partilham essa vontade de reformular a cidade em função dos novos interesses, sem renunciar à cidade existente. Como o problema da habitação em 1974 em Portugal é o mesmo que levou às múltiplas experiências do movimento moderno, é natural que estas constituam referências para os projectos SAAL. Importam aqui as experiências do movimento moderno centro-europeu dos anos 20 que, apesar da grande diversidade de posições e arquitectos envolvidos, assentam na mesma promessa de uma cidade melhor a partir da continuidade com a sua morfologia histórica. Sob o desejo de adquirir o seu direito à cidade e nela ficar integrada de um modo natural, “a *Siedlung centro europeia dos anos 20 define-se como uma parte da cidade que incorpora a estrutura urbana preexistente, tratando de a complementar e diversificar*”³⁸.

O bairro de Kiefhoek (1925-29) de Pieter Oud, na zona sul de Roterdão, é disso exemplo, podendo considerar-se como “*um resumo da sua reflexão sobre a capacidade da arquitectura moderna, surgida do pensamento abstracto, para reinterpretar a questão da habitação proletária*”³⁹. Perante uma envolvente urbana residencial, com construções perimetrais de pouca altura, Oud propõe uma grande ocupação do solo, sem por isso negligenciar os espaços livres. Assim, a sua intervenção joga-se no trabalho sobre o interior do quarteirão – afastando-se do quarteirão fechado da cidade oitocentista, define linhas de habitações em paralelo, dispostas costas com costas, desenhando entre elas espaços de uso preferencialmente privado. Os momentos de contacto entre o bairro e a área urbana envolvente são enfatizados por elementos de carácter excepcional. Na extremidade da rua principal, junto às duas ruas oblíquas, os blocos encerram o pátio interno e integram áreas comerciais nos gavetos agudos, actuando como uma porta urbana. Por outro lado, a praça central que alberga uma igreja abre-se para uma artéria importante da cidade, definindo outra entrada para o interior do quarteirão.

Com efeito, a proximidade entre S. Vítor e Kiefhoek, não é apenas formal, assentando no desejo de continuação da cidade existente. Ao concentrar o trabalho sobre o interior do quarteirão,

³⁸ Carlos Martí Arís, in *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, p. 23 (trad.)

³⁹ Carlos Martí Arís, *Bairro Kiefhoek, Rotterdam, 1925-29, J. J. P. Oud*, in *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, p. 75 (trad.)

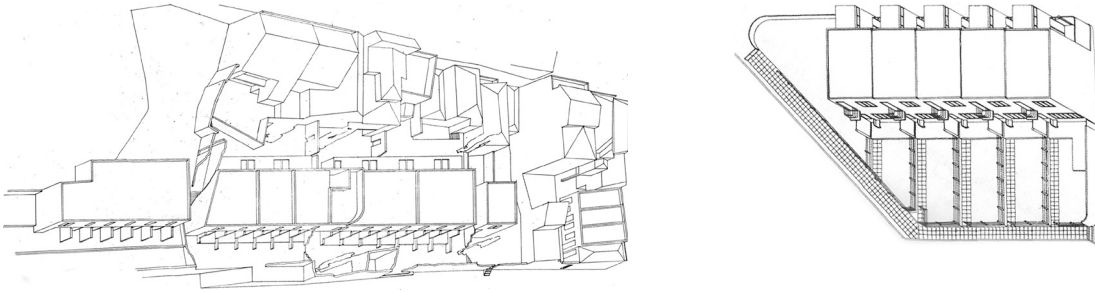


Fig. 47. Axonometria do bloco A1 do projecto de S. Vítor, Álvaro Siza.

Fig. 48. Axonometria de um conjunto de casas mínimas experimentais em banda, J. P. P. Oud.

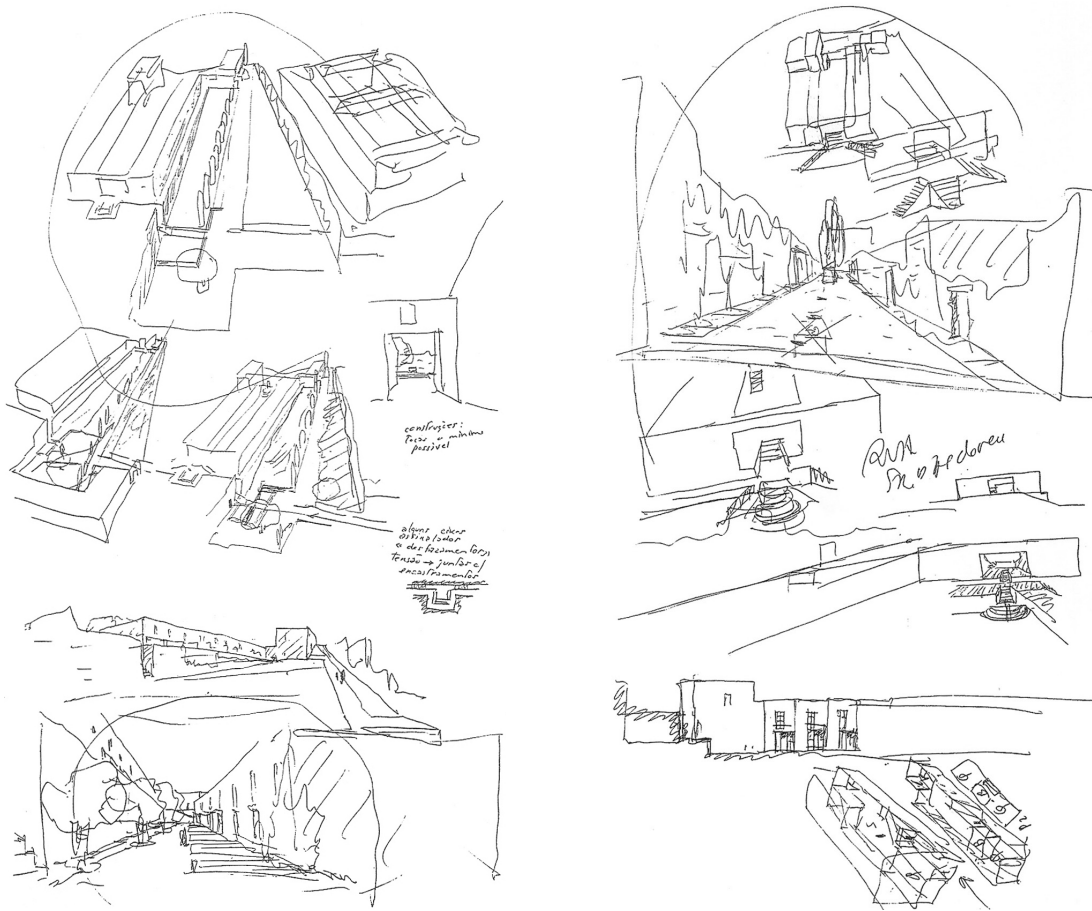


Fig. 49. Estudos da intervenção A4 em Sra. das Dores, espaços públicos e colectivos, esboços, Álvaro Siza

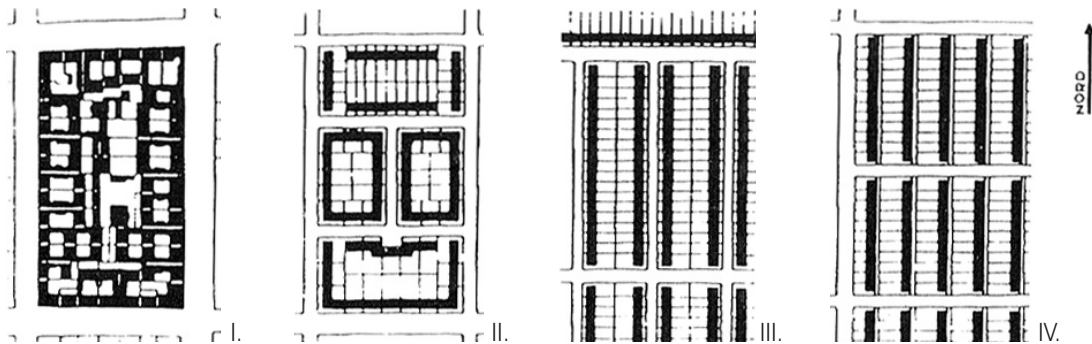


Fig. 50. Esquemas de evolução do quarteirão de Ernst May

tal como acontece em S. Vítor, Oud explora as relações entre o interior e o exterior e, assim, procura integrar o novo bairro na vida da cidade. Simultaneamente, a morfologia do novo conjunto, com os blocos alongados, as ruas longitudinais e a praça central, parece remeter para a *"implantação dos povoados de fundação medievais, especialmente aos formados a partir de um traçado longitudinal que os atravessa de um extremo ao outro"*⁴⁰.

Estabelecendo como fundamento de um projecto a continuidade com a história da cidade, é possível conservar e, simultaneamente, responder às transformações necessárias. Assim, não deve haver rupturas, mas adaptações e transformações que surgem do confronto que a cidade estabelece com o seu passado. A continuidade no que diz respeito à cidade e às suas tradições resulta da consciência de que a arquitectura é uma resposta à circunstância humana e uma expressão não deliberada de um tempo. O reconhecimento desta pertinência advém da consciência da especificidade do lugar onde se constrói, dos homens para quem se constrói e das consequências que a arquitectura terá sobre o sítio.

De facto, a estratégia de S. Vítor assenta na recuperação e reelaboração de elementos recolhidos no lugar, mas admite a adequação à cidade actual, passando pela possibilidade de transgredir os padrões encontrados no confronto com outros modelos. Por um lado, a tipologia do edifício construído manifesta o espírito de comunidade próprio das bandas de casas do bairro de S. Vítor, sobretudo em certos princípios de organização das unidades habitacionais e na relação destas com o espaço público. Simultaneamente, como vimos, existe uma correspondência entre o bloco e certas obras de Pieter Oud, nomeadamente um conjunto de casas experimentais em banda (1927), como nota Eduardo Souto de Moura no seu relatório de estágio. Por outro lado, as intervenções que não chegam a ser realizadas assentam na reutilização das construções e dos modelos de ocupação do território encontrados no lugar. No projecto de recuperação de uma ilha, o acréscimo de um piso e o desenho do corredor elevado constituem reinterpretações do modelo original. Também a intervenção A4 é disso exemplo, consistindo em edifícios em bandas paralelas no interior do quarteirão. Aqui, a reinterpretação da ilha, encarada como estrutura que pode constituir cidade, cruza-se com as referências às Siedlungen alemãs ou à terceira fase da transformação do quarteirão proposta por Ernst May, revelando como algumas propostas do Movimento Moderno têm antecedentes próximos ou mesmo directos na cidade medieval e oitocentista. O edifício contínuo, já presente no projecto para Caxinas, é exemplo desse recurso evidente a modelos internacionais contextualizados pelas marcas do lugar.

Para Siza, o projecto é uma proposta de transformação que, na perspectiva da continuidade com o existente, incorpora as marcas do lugar. Projectar não significa necessariamente a repetição do que encontra no terreno nem a criação de algo novo, mas a transformação de

⁴⁰ Carlos Martí Arís, *Bairro Kiefhoek, Rotterdam, 1925-29*, J. J. P. Oud, in *Las formas de la residencia en la ciudad moderna*, p. 79 (trad.)

algo que já existe. Neste sentido, o tempo e a história são determinantes na compreensão da arquitectura e dos processos compositivos e evolutivos da cidade, permitindo interpretar o passado, sistematizar as transformações urbanas e as mutações provocadas diariamente no corpo urbano. Na perspectiva do projecto, não importa analisar modelos imobilizados no passado, mas a possibilidade de recuperar o seu significado num novo contexto que se apresente. Em S. Vitor, a relação estabelecida entre as formas residenciais do passado do lugar e certas ideias de cidade elaboradas pela cultura moderna, permitem recompor a unidade da experiência histórica da cidade na arquitectura proposta.

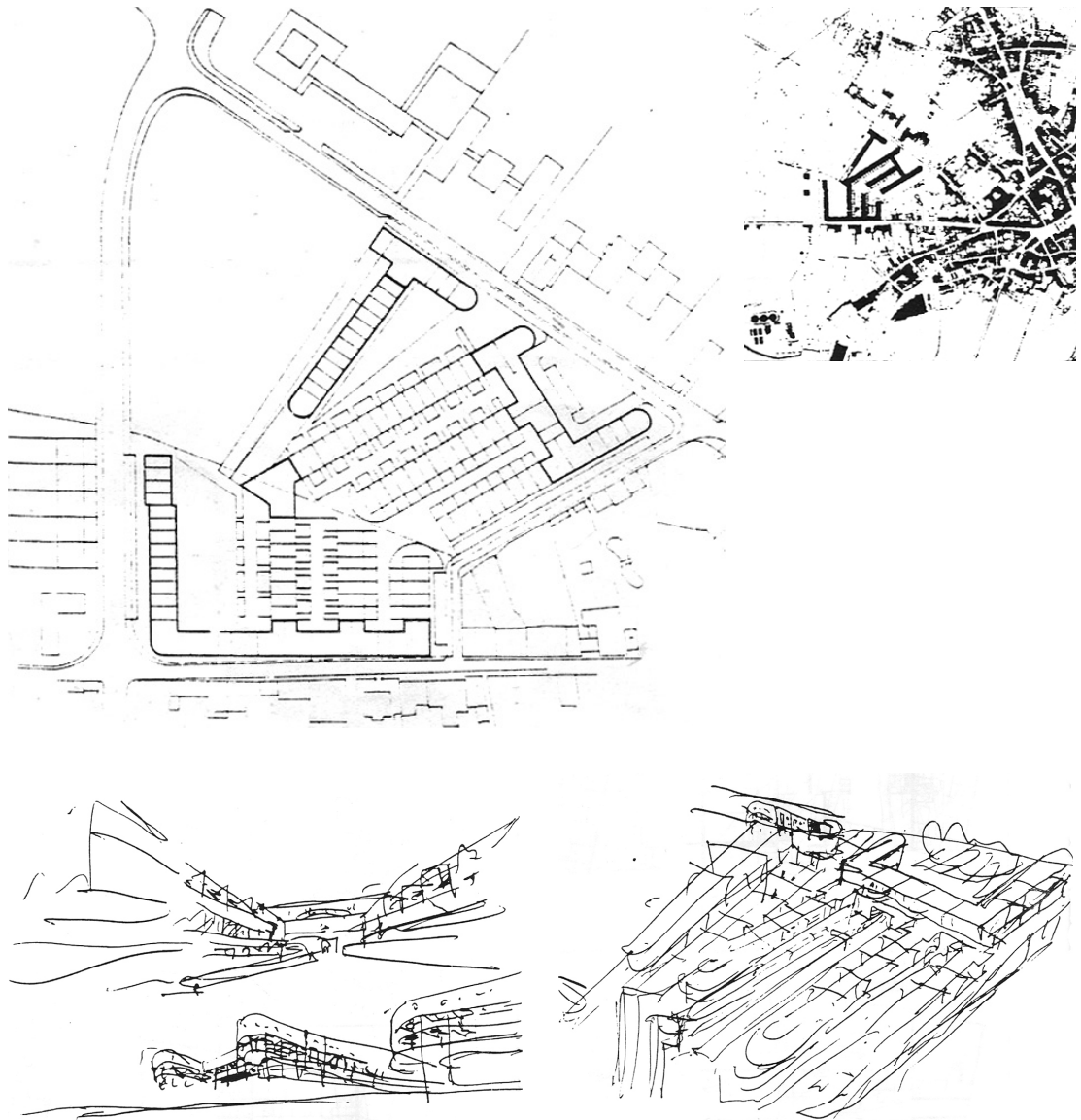


Fig. 51. Projecto de Bárbara de Sousa, Ovar, planta geral, implantação e esboços, Álvaro Siza.

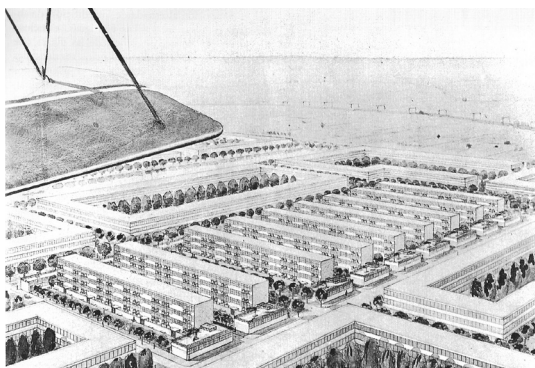


Fig. 52. Vista aérea do conjunto habitacional de Blijdorp, J. P. P. Oud.

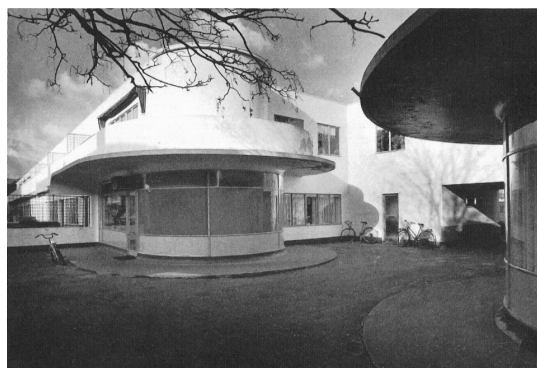


Fig. 53. Vista de Hoek van Holland, J. P. P. Oud.

3.3. UNIVERSALIDADE E MISTIÇAGEM

“Gostaria de construir no deserto do Sahara.

Provavelmente, ao abrir fundações, alguma coisa iria aparecer, adiando a prova da Grande Liberdade: cacos, uma moeda de ouro, o turbante de um nómada, desenhos indecifráveis gravados em rocha.

Nesta terra não há desertos. E se houvesse?

Provavelmente estaria condenado a construir um barco carregado de Memórias, próximas ou distantes até à inconsciência: invenções.”⁴¹

De facto, Álvaro Siza não acredita na total liberdade criativa do arquitecto. Para ele, não existem desertos vazios de qualquer circunstância, tal como também não existe a possibilidade de fazer arquitectura sem referências. A arquitectura, enquanto “*actividade cultural, suporte colectivo e facto urbano*”⁴², é um processo de transformação colectiva, não só de contextos mas também de modelos preexistentes, pelo que a sua obra concilia a resposta às circunstâncias particulares que envolvem o projecto com a reutilização do conhecimento construído ao longo do tempo. Nem mesmo num deserto se parte do zero, porque há sempre o homem para, com a sua bagagem cultural, imaginar e construir.

Como vimos em S. Vítor, Siza manifesta a capacidade de manipular, na construção da cidade, modelos e referências muito diversos, numa adaptação constante às particularidades do lugar. “*No contexto de um trabalho concreto, o arquitecto utiliza esses instrumentos em função desse contexto e já não se trata de uma posição crítica, mas a utilização o mais prudente possível em relação a uma dada situação.*”⁴³ Também nas experiências de Bárbara de Sousa (1972), em Ovar, e da Bouça (1973/77), no Porto, Siza transporta para a cidade actual o modelo da habitação em linhas paralelas com pátios intersticiais, tão presente em certas experiências do movimento moderno.

Num grande quarteirão perto do centro de Ovar, o loteamento de Bárbara de Sousa define-se a partir das duas vias mais importantes que confinam o terreno – cada edifício é composto por um corpo que se relaciona com a rua e por bandas habitacionais que se ramificam do primeiro, perpendicularmente, espraiando-se no interior do quarteirão. Apesar da distinção entre espaço público e colectivo, materializada pela massa edificada que conforma os arruamentos, a permeabilidade entre o pátio interno e a rua, gerada através de passagens térreas que atravessam os edifícios, denuncia uma arquitectura que procura responder aos diferentes lugares da cidade, ligando-os entre si. Mesmo ao nível formal, os topos curvilíneos dos blocos apontam para uma afinidade formal clara com Hoek van Holland de Pieter Oud.

41 Álvaro Siza, *Outro pequeno projecto*, in *As Cidades de Álvaro Siza*

42 Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 133

43 Álvaro Siza, *entretien avec alvaro siza*, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC) n.º 44*, p. 33 (trad.)

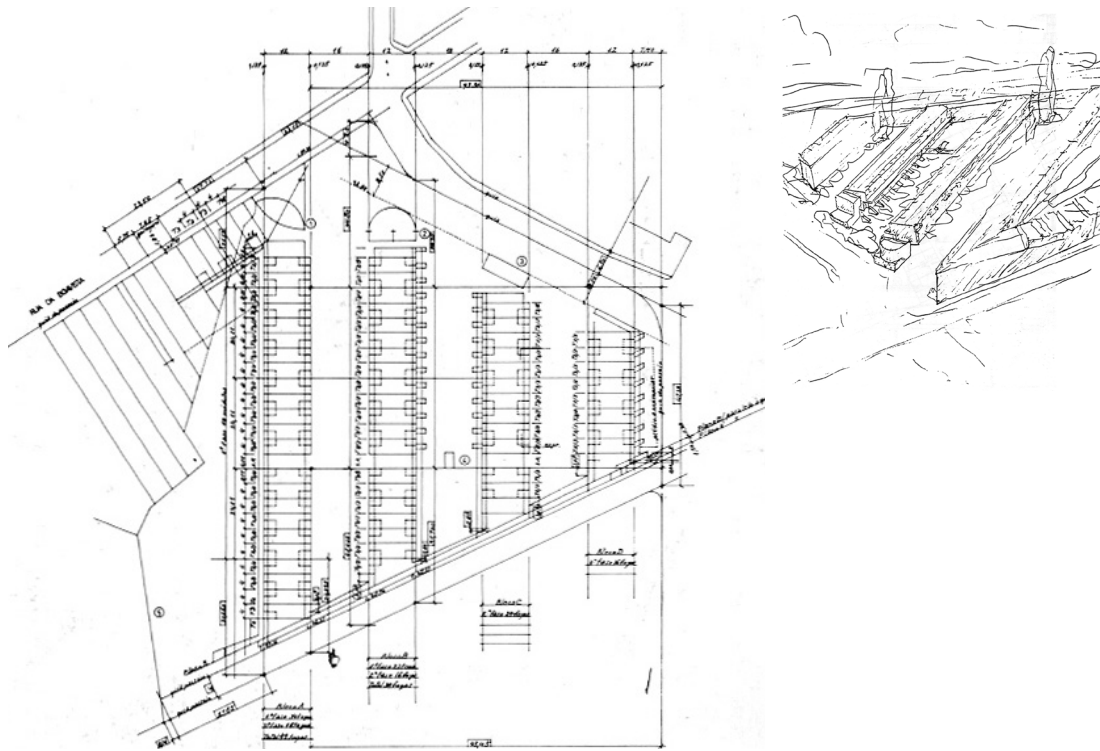


Fig. 54. Projecto da Bouça, Porto, planta geral e esquisso, Álvaro Siza.

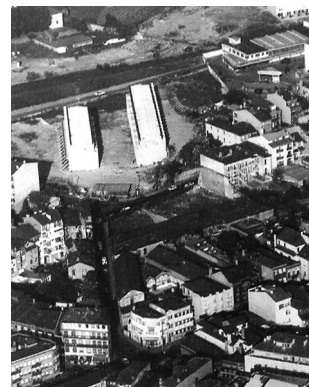
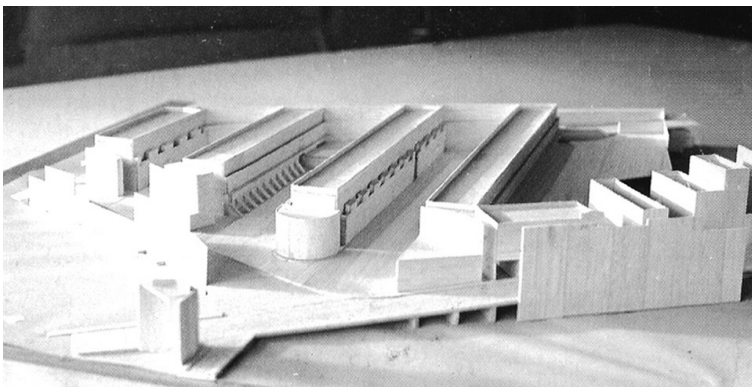


Fig. 55. Maqueta do projecto e vista aérea da Bouça, Porto, Álvaro Siza.



Fig. 56. Banda habitacional, Bouça, Porto, Álvaro Siza.

Fig. 57. Edifícios habitacional de secção escalonada, Sunila, Helsinquia, Alvar Aalto.

No centro do Porto, o projecto para a Bouça consiste em quatro bandas de habitação que se alongam pelo quarteirão, ancoradas a norte, no muro do caminho-de-ferro preexistente. À semelhança de S. Vitor, Siza integra na proposta os percursos marcados no lugar, rompendo passagens sob o edifício. Na verdade, a unidade urbana é garantida pelo atravessamento contínuo dos espaços exteriores colectivos e, também, pela articulação do conjunto com a cidade, tal como ocorre em Bárbara de Sousa. Ao nível das formas construídas, este diálogo estabelece-se através da fragmentação dos topos, mais baixos, e do desenho de uma rótula na relação com a Rua da Boavista. Nestes pontos, localizam-se alguns equipamentos, uma biblioteca, lavandaria e lojas, que também afirmam um princípio de vida comunitária. Segundo Alves Costa, na Bouça “*é aplicada uma racionalidade abstracta que procura encontrar pontos de apoio locais para uma lógica compositiva que define limites e justifique a forma que apenas estabelece um diálogo distante com a envolvente em momentos especiais de um projecto estruturalmente de ruptura*”⁴⁴. A imagem do projecto, caracterizada pelo jogo de cheios e vazios, pela repetição das escadas e pela expressão das paredes de meiação das habitações, expressa a ideia de comunidade e remete para a obra de Aalto em Sunila (1939).

Vendo o tempo como uma continuidade, o movimento moderno não é entendido como um ponto de ruptura. Trata-se de uma etapa da história da arquitectura rica em experiências, conhecimento que pode ser posto à prova pela sua utilidade no presente. Siza questiona, ainda, se os seus códigos algumas vez foram monolíticos: “*Ninguém hoje pode ignorar o pluralismo do chamado Movimento Moderno, a permanente crítica no interior da febril reconstrução da cidade europeia, os gestos contraditórios, as desconcertantes, seminais, expressões de uma contínua e multifacetada pesquisa, paralela aos conformismos e aos manifestos*”⁴⁵.

Por outro lado, Siza lê a arquitectura tradicional como “*uma soma de experiências, muito demoradas, de adaptação ao meio, reflectindo igualmente as transformações desse relacionamento*”⁴⁶. A reinterpretação de modelos e convenções encontrados no lugar facilita a compreensão dos seus fundamentos e pode ajudar a responder a questões do presente. Sem fazer reviver uma época específica, nem repetir acriticamente tudo o que se considera tradicional, a aproximação à tradição e à arquitectura vernacular é sintoma de uma abordagem global do espaço construído e da história e condição para ancorar a Arquitectura em consonância com a identidade local.

Como defende Rossi, “*o estudo da história da arquitectura, entendida como material da arquitectura, deve estar estreitamente vinculado ao projecto*” dado que “*a confrontação com a história entende-se em função das lutas presentes e a mesma história é parte do presente*”⁴⁷. Por isso, a multiplicidade e a mestiçagem que formam a obra de Siza recolhem amplamente as mais

44 Alexandre Alves Costa, “Álvaro Siza”, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 24

45 Álvaro Siza, *Farmácia Moderna*, in *Álvaro Siza. Escritos*, p. 54

46 Álvaro Siza, *entretien avec alvaro siza*, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC) n.º 44*, p. 34 (trad.)

47 Aldo Rossi, in *Proyecto y ciudad historica : I Seminario Internacional de Arquitectura en Compostela*, p. 15 (trad.)

diversas influências, desde a cultura do século até à arquitectura da antiguidade.

Para Siza, essa universalidade “*tem mais a ver com a vocação das cidades, nascidas de séculos de intervenções, de cruzamentos, de suposições e da mistura das influências mais opostas, mas que resulta inconfundível*”⁴⁸.

Na realidade actual, podemos falar de uma cidade difusa, cujas partes e elementos são a expressão dos diferentes tempos da sua construção. Mas na sua transformação contínua, jogam não só os caracteres particulares e indissociáveis da sua situação geográfica e histórica, como também outros universais, que advêm de um longo processo de assimilação de influências e aculturações. Sendo a cidade o lugar, por excelência, onde se cruzam os diferentes tempos da sua construção, é também o lugar onde se encontram, mais intensamente, o local e o global.

A condição de universalidade na cidade complementa-se, então, com a noção de individualidade de cada cultura e momento histórico. Considerando, nos seus projectos, a continuidade da história e a globalidade do espaço urbano – o particular e o universal, o erudito e o popular, o novo e o antigo –, “*Siza não encobre as contradições e conflitos entre as diversas tradições arquitectónicas, e entre uma envolvente formada no passado e os valores do presente*”⁴⁹. A leitura alargada da história da arquitectura e da cidade é condição para resolver os problemas da cidade actual.

48 Álvaro Siza, “*salvando las turbulencias: entrevista con alvaro siza*”, in *El Croquis* 68/69 + 95 Álvaro Siza, p. 6 (trad.)

49 Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 177

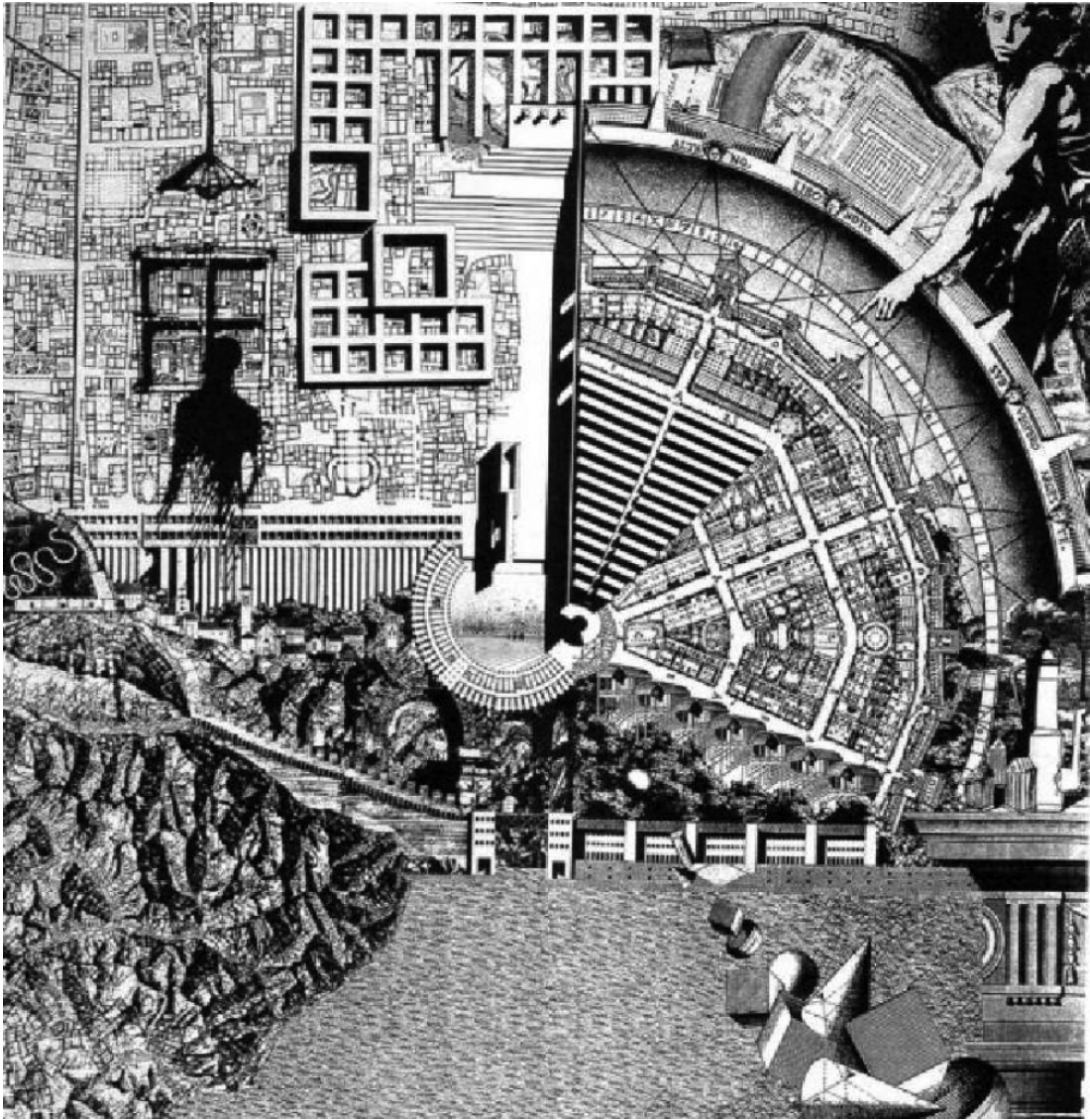


Fig. 58. Cidade Análoga, Aldo Rossi.

3.4. FRAGMENTO E MEMÓRIA: A CONDIÇÃO EVOLUTIVA DAS CIDADES

Aldo Rossi vê a história das cidades como um processo de colagens e sobreposições, de acordo com as necessidades e conjunturas culturais e sociais, que adquirem valores específicos na memória individual e coletiva. Processos de formação e transformação diversos geram partes de cidade caracterizadas, onde elementos primários, como monumentos, constituem pontos fixos da dinâmica urbana e geram pólos de localidade. Portanto, considera que a cidade é complexa, constituindo-se por edificado e memórias que se referem a tempos, lugares e culturas específicos. Também Álvaro Siza esboça uma ideia de cidade construída pelo tempo, que se vai transformando, acrescentando ao mesmo lugar as configurações do espaço urbano.

*“Há um perpétuo movimento que tende a refazer o equilíbrio da cidade. (...) A acção do arquitecto habita o interior dessa perpétua deslocação. Há um ballet quase imperceptível e ininterrupto na superfície terrestre, e quem não segue os movimentos dos coros ou dos solos não pode participar (Allegro, Andante, Adagio...)”*⁵⁰

Considerando o carácter evolutivo da cidade, uma intervenção é um novo estrato que, sem ter a pretensão de ser o último ou de constituir uma solução definitiva, se sobrepõe a uma matriz física, sociocultural e histórica em constante transformação. Aceitando o carácter fragmentário de cada intervenção, Siza realça a individualidade de cada acontecimento arquitectónico. Simultaneamente, a fragmentação de corpos presente na evolução histórica das cidades anuncia uma unidade possível, composta de elementos de épocas distintas – *“É um problema essencial ligar coisas desiguais, porque a cidade de hoje é, na realidade, um conjunto feito de fragmentos muito diversos. Numa cidade o problema é formar um todo com ruínas, edifícios de períodos diferentes, fragmentos... A cidade não é forçosamente contínua, mas muito mais complexa. Procurar fazer das suas peças um todo é necessário para desenvolver a nossa metodologia e isto é possível”*⁵¹. Por isso, o projecto de S. Vítor desdobra-se numa variedade de intervenções pontuais e polifacetadas, que procuram a unidade dentro dos limites estabelecidos pelas especificidades do lugar.

“A transformação da cidade é fenómeno natural e prova de vitalidade, se de acordo com as suas necessidades, ou seja, com as necessidades colectivas do cidadão.

*E uma das necessidades colectivas consiste na vivência quotidiana dos resíduos da história de que é feita a cidade, contributo fundamental à consciência da história e do devir.”*⁵²

Se a cidade é obra colectiva, é também representação da sua memória e dos valores da sua identidade. Aldo Rossi defende que, ao longo do tempo, *“é possível constatar uma permanência*

50 Álvaro Siza, *E vice-versa*, in *Des mots de rien du tout / Palavras sem importância*, p. 60

51 Álvaro Siza, *entretien avec alvaro siza*, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC) n.º 44*, p. 37 (trad.)

52 Álvaro Siza, *A cidade que temos*, in *As cidades de Álvaro Siza*

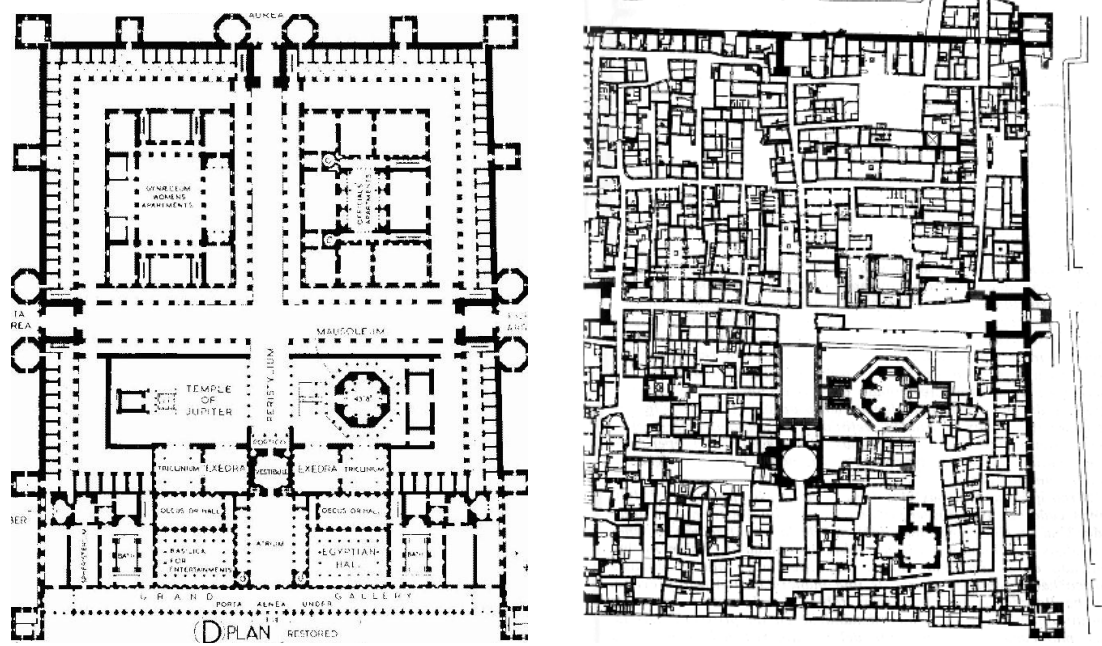


Fig. 69. Planta do Palácio romano de Dioclesiano e levantamento da cidade de Split (1966).



Fig. 69. Vistas das ruínas do palácio integradas na cidade de Split.

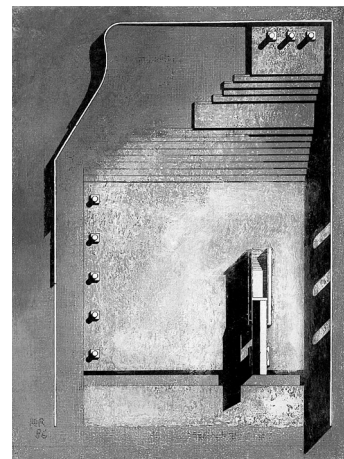


Fig. 62. Praça do município e monumento a Partigiani, Segrate, vista e planimetria geral, Aldo Rossi.

de motivos que assegura uma relativa unidade na expressão urbana”⁵³. As persistências, sejam o traçado urbano ou os monumentos, são formas remeniscentes dos vários estratos históricos da cidade. Por isso, são fragmentos de um tempo passado que pertence ao Homem, uma imagem que, associada à história, constrói uma memória colectiva. Considerando que as formas têm “a capacidade de assumir valores, significados e usos diversos”⁵⁴, Rossi defende também que a evolução e a sobrevivência da cidade implicam a reutilização das formas persistentes que contribuem para a sua identidade. Note-se o caso do palácio de Split – a partir da estrutura formal de um palácio romano, espaços domésticos evoluem para espaços urbanos, originando uma cidade medieval. Split não só constitui um paradigma da distinção entre arquitectura e cidade, como também evidencia que, ao longo do tempo, as grandes estruturas formais da cidade mantêm o seu carácter polarizador, apesar das possíveis mudanças de funções e transformações, promovendo o desenvolvimento urbano.

O projecto de S. Vítor manifesta este esforço em manter a identidade colectiva fundada na memória das ilhas. Por isso, em Sra. das Dores, a ordem racional e repetitiva da habitação sobrepõe-se aos vestígios da anterior ocupação do lugar – os caminhos traçados no terreno, as plataformas que restaram das demolições e o muro em ruínas. Estes elementos, para além de transportarem memórias e suportarem a identidade da comunidade, no encontro com o novo, ganham novos significados. Veja-se a ruína de pedra, mantida e recortada pelo tempo, que caracteriza o espaço que antecede a entrada nas habitações, junto com os muretes que sucedem as paredes divisórias dos módulos. A partir do confronto entre o novo bloco e a ruína, desenha-se um pátio colectivo, marcado pela interioridade do quarteirão, que evoca o espaço de vizinhança da ilha. A “coexistência vital do novo com a ruína”⁵⁵ denuncia uma visão global da realidade de projecto e a consciência das tensões que a configuram. As memórias e os fragmentos encontrados no terreno, são matéria de trabalho concreto, artefacto num processo de transformação, e a sua reinterpretação é sempre possível.

Por outro lado, a noção de fragmento, presente na leitura da cidade evolutiva sujeita a um processo de acumulação, pode ser transposta para a metodologia de projecto. A arquitectura de Rossi parece resultar, frequentemente, de uma composição aditiva de elementos que, em conjunto, definem uma unidade. Com base na ideia das permanências, os elementos que utiliza são formas simples e reconhecíveis, capazes de evocar um passado ou uma memória. A própria Cidade Análoga de Rossi representa esse conjunto múltiplo, composto de várias peças reconhecíveis e abrangentes, elementos independentes do sítio de onde partem, mas capazes de contribuir para a identidade da cidade.

53 Aldo Rossi, in *La arquitectura de la ciudad*, p. 89

54 Aldo Rossi, in *La arquitectura de la ciudad*, p. 208

55 Kenneth Frampton, “Poesia e Fragmentação: A arquitectura de Álvaro Siza”, in *Profissão Poética*, p. 14

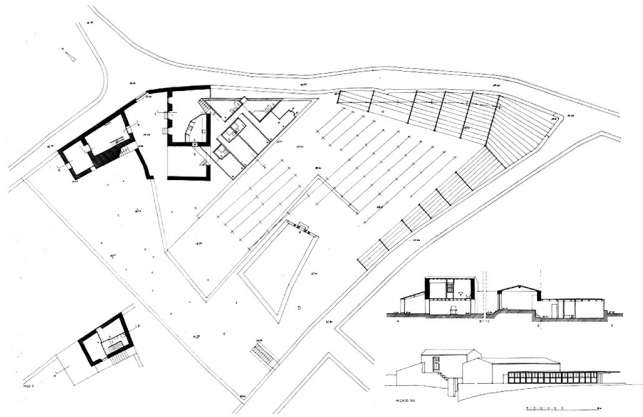


Fig. 63. Reconversão da casa Alcino Cardoso, planta e secções do conjunto e vista do novo corpo.

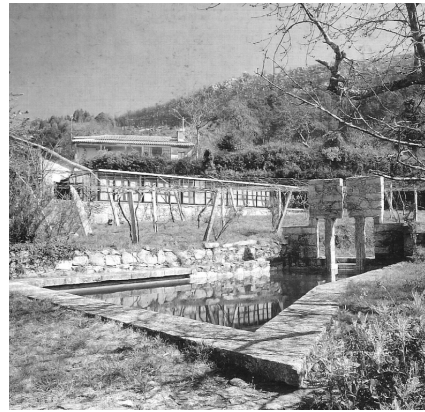
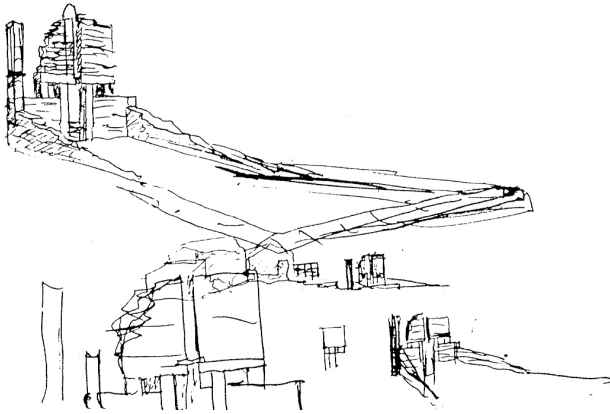


Fig. 64. A piscina da casa Alcino Cardoso, esquisso de Álvaro Siza e vista da ruína inventada.

Tal como Rossi, Siza considera que é possível, e muitas vezes necessário, utilizar as formas preexistentes para promover a evolução da cidade actual. Simultaneamente, mostra plena consciência de que a memória, na condição de imaginário, é facilmente educável – *“Hitler escreveu que para destruir um povo, para nele apagar a consciência de si próprio, basta destruir os seus monumentos, o meio físico a partir do qual ele se identifica”*⁵⁶.

Neste sentido, deve atentar-se no projecto de reconversão de um conjunto habitacional rural numa casa de férias, a casa Alcino Cardoso (1971-73), em Moledo do Minho. Além de tomar os elementos preexistentes como instrumentos, Siza recorre a formas que, enquanto fruto da invenção do arquitecto, simulam presenças históricas e prolongam a memória do real. Na reconversão do edificado, uma nova ala de quartos invade um corpo do conjunto preexistente com uma linguagem divergente. Alves Costa afirma que *“o momento de encontro do novo e do recuperado, agora penetração física e não apenas virtual, é expressivamente enfatizado”*⁵⁷. O envidraçado do novo corpo assenta sobre um muro que reforça a leitura dos socalcos, reflectida na própria implantação do conjunto. Numa segunda fase, o desenho do espaço exterior, protagonizado pelos socalcos, é completado por uma piscina projectada à imagem de um tanque agrícola. Num dos seus limites, Siza desenha um portal de entrada – *“o elemento escultórico de entrada da água na piscina é terreno aberto, o monumento à essência perene da arquitectura que, como no princípio, não é mais do que marca de posse da terra e de respeito pelos elementos da Natureza”*⁵⁸. Este muro semi-destruído é ruína inventada, é simulação uma presença histórica que confere à piscina um valor simbólico.

Deve ainda referir-se que o fragmento também está presente na obra de Alvar Aalto, mas com um significado diverso. A sua arquitectura revela a preocupação pelo bem-estar físico dos utilizadores, e esta aspiração também forma parte dos postulados do movimento moderno. No entanto, Aalto entende que a arquitectura deve abandonar a tentação demiúrgica e estabelecer uma relação de equilíbrio entre o homem e o lugar, entre o espaço apropriado e a natureza. A fragmentação lê-se, então, na ideia de desdobramento de escalas e na aproximação ao particular, meios utilizados na busca da humanização que caracteriza a sua arquitectura.

Provavelmente influenciado pelas obras de Rossi e de Aalto, Álvaro Siza revela uma atracção pelo fragmento, enquanto tema determinante para a compreensão da cidade e instrumento de projecto.

“Cada desenho está obrigado a captar com o máximo rigor e em todos os matizes, um momento concreto de uma imagem fugidia. E quanto mais se reconheça o carácter fugaz da realidade, mais

56 Álvaro Siza, *A cidade que temos*, in *As cidades de Álvaro Siza*

57 Alexandre Alves Costa, *“Álvaro Siza”*, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 22

58 Alexandre Alves Costa, *“Álvaro Siza”*, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 22

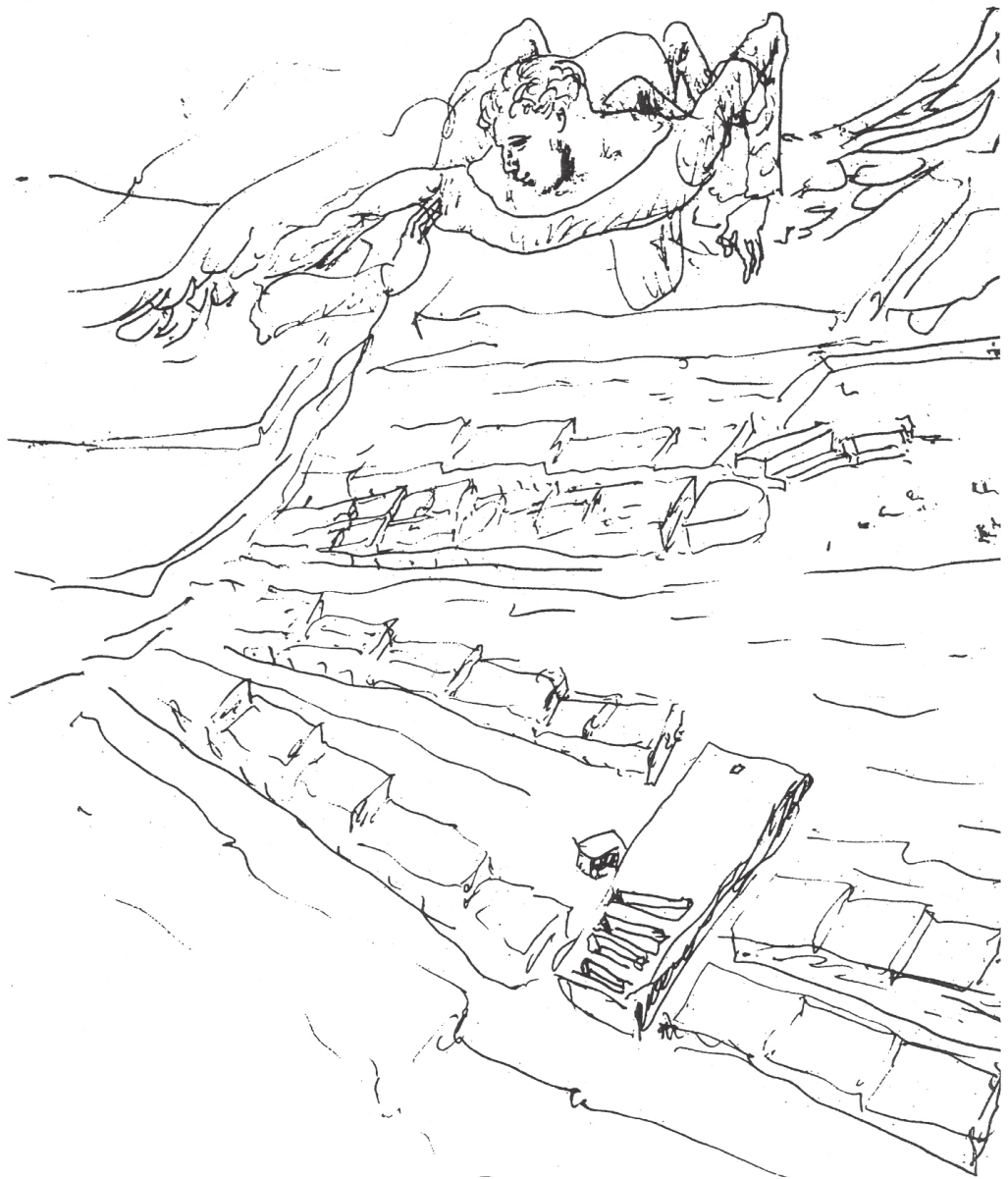


Fig. 65. Anjo fragmentado, esquisso de Álvaro Siza.

claro deve ser o desenho, ainda que tanto mais vulnerável quanto mais exacto."⁵⁹

Desmontada a imagem fixa, linear e contínua de uma cidade ou projecto, a forma fragmentada aparece como resposta flexível a um contexto complexo e multifacetado, capaz de responder a situações diversas. Ao longo a sua obra, repete-se a fragmentação de sólidos, a utilização de elementos formais existentes e a manipulação e invenção de ruínas, sobre esse conjunto de várias partes que é a cidade. Lendo a arquitectura enquanto obra construída e suporte de vida, a sua principal condição é a de ser caracterizada e modificada pelo tempo, contribuindo para a construção da *alma da cidade*.

59 Álvaro Siza, *A maior parte dos meus projectos*, in *01 textos por Álvaro Siza*, p. 299



4. OUTRAS OBRAS E PROJECTOS

*“Dizem-me (alguns amigos) que não tenho teoria de suporte nem método. Que nada do que faço aponta caminhos. Que não é pedagógico.(...) Não me atrevo a pôr a mão no leme, olhando apenas a estrela polar. E não aponto um caminho claro. Os caminhos não são claros.”*⁶⁰

Siza não explicita uma teoria que antecipa o seu percurso arquitectónico. Sem se reger por uma doutrina única, de acordo com a metodologia implícita nas suas reflexões, também não é possível dizer-se que a sua arquitectura é puramente empírica. A continuidade da sua obra está presente num conjunto de princípios que se vão definindo pela experiência.

De facto, S. Vítor é o resultado de um acumular de experiências e hipóteses que aí puderam desenvolver-se e, como a obra de Siza é uma continuidade permanente, a ideia de cidade aí desenhada é posteriormente amadurecida no seu percurso arquitectónico. As experiências em Évora, Berlim, Macau, Haia e Lisboa partilham, por isso, um modo de ver e intervir na cidade. Contudo, estes projectos e obras relacionam-se com múltiplos vectores circunstanciais que lhes conferem a sua especificidade e também permitem uma leitura cronológica relativamente alargada da obra de Álvaro Siza. Assim, arriscamos na diversidade, acreditando que os casos de estudo seleccionados levantam uma multiplicidade de questões que permitem a complexificação e clarificação progressiva da ideia de cidade de Siza.

⁶⁰ Álvaro Siza, *Oito Pontos*, in *Álvaro Siza. Escritos*, p. 28

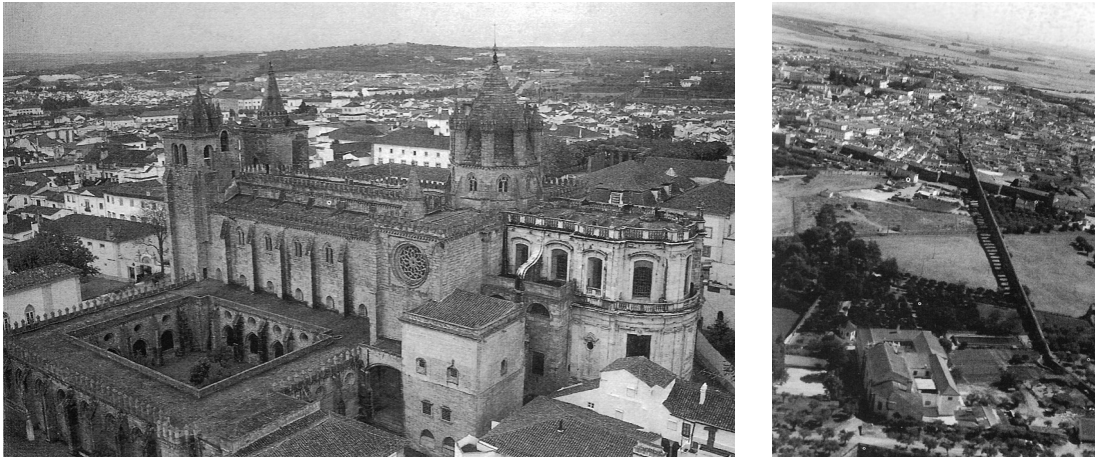
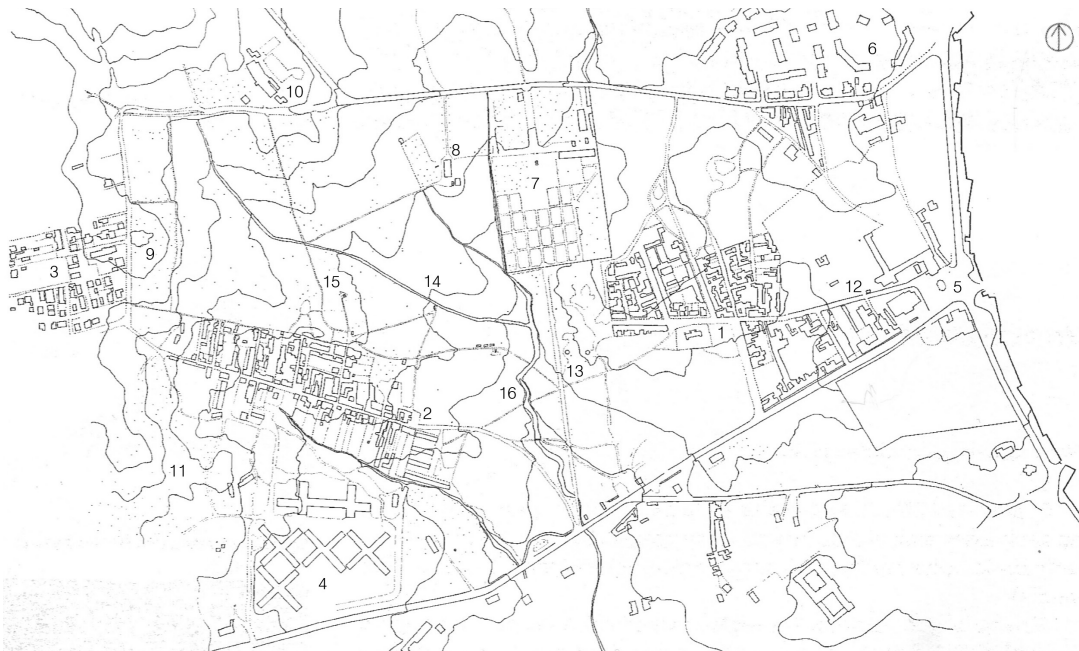


Fig. 65. Vistas da cidade de Évora, a catedral e o aqueduto.



- | | | | |
|-------------------------|----------------------------|----------------------------|-----------------------|
| 1. Nossa Sra. da Glória | 5. Portas d' Alconchel | 9. Quinta de Sra. de Aires | 13. Molinos |
| 2. Santa Maria | 6. Vista Alegre | 10. Piscinas Municipais | 14. Poço com cisterna |
| 3. Fontanas | 7. Quinta da Malagueira | 11. Bosque de Escurinho | 15. Alberca |
| 4. Cruz da Picada – FFH | 8. Quinta da Malagueirinha | 12. Rua dos Salesianos | 16. Turgela |

Fig. 66. Área de intervenção, situação prévia.



Fig. 67. Quinta da Malagueira, preexistências rurais e aglomerados adjacentes.

4.1. BAIRRO DA MALAGUEIRA (1977-...), ÉVORA

Évora é uma cidade rica em história, tendo passado pela ocupação romana. O centro histórico mantém a ambiência típica de burgo medieval, onde a arquitectura reflecte a passagem do tempo e o encontro de diversas culturas. O seu perfil, delineado pelas muralhas e pela catedral, ergue-se sobre a paisagem, simbolizando o domínio sobre os terrenos agrícolas que a circundam.

Aqui, como na maior parte das cidades portuguesas, a grande necessidade de habitação é ignorada durante o Estado Novo, levando à sobrelotação do centro histórico. Simultaneamente, desenvolve-se a construção de bairros ilegais, na periferia da cidade, que não oferecem um mínimo de qualidade de vida e estão totalmente apartados da cidade.

“Para aquela área já existia um plano, elaborado nos finais dos anos sessenta, que previa a construção de edifícios altos (...). Nuno Portas (...) decidiu suspender essas construções e definiu novos princípios. Estes previam a conservação da densidade do plano anterior para mil e duzentas habitações, a preservação da faixa verde que acompanhava uma linha de água, ainda presente, e a construção de habitações baixas e alta densidade.”⁶¹

Após a Revolução de Abril, uma ampla área da periferia da cidade é destinada a uma Associação de Moradores. Como a rápida extinção do programa não permite a execução de qualquer projecto, a Câmara Municipal de Évora, presumivelmente reconhecendo o trabalho de Álvaro Siza no Porto, encarrega-o deste plano, que deve ser realizado com a população organizada, dando continuidade ao princípio de participação originado pelo SAAL.

Deste modo, o bairro da Malagueira, incluindo 1200 fogos e um número significativo de serviços públicos e comerciais, vem substituir o plano vetado por Nuno Portas. O terreno, no sopé da colina e a poente do núcleo antigo, está marcado pela ausência clara de políticas urbanas. Para além do tecido contínuo e espontâneo dos bairros clandestinos, estão disseminadas construções variadas que geram uma ocupação do território parca e desordenada – edifícios públicos, de serviços e zonas habitacionais dispersas, como o conjunto de edifícios construídos no âmbito do plano anterior. Os novos pressupostos, dos quais se destaca a construção de habitações baixas, prendem-se com a intenção de relacionar a escala do novo bairro com a cidade de Évora, respeitando o seu perfil.

⁶¹ Álvaro Siza, *Évora - Malagueira*, in *Imaginar a evidência*, p. 105



Fig. 68. Esquisso da Quinta da Malagueira, Álvaro Siza.

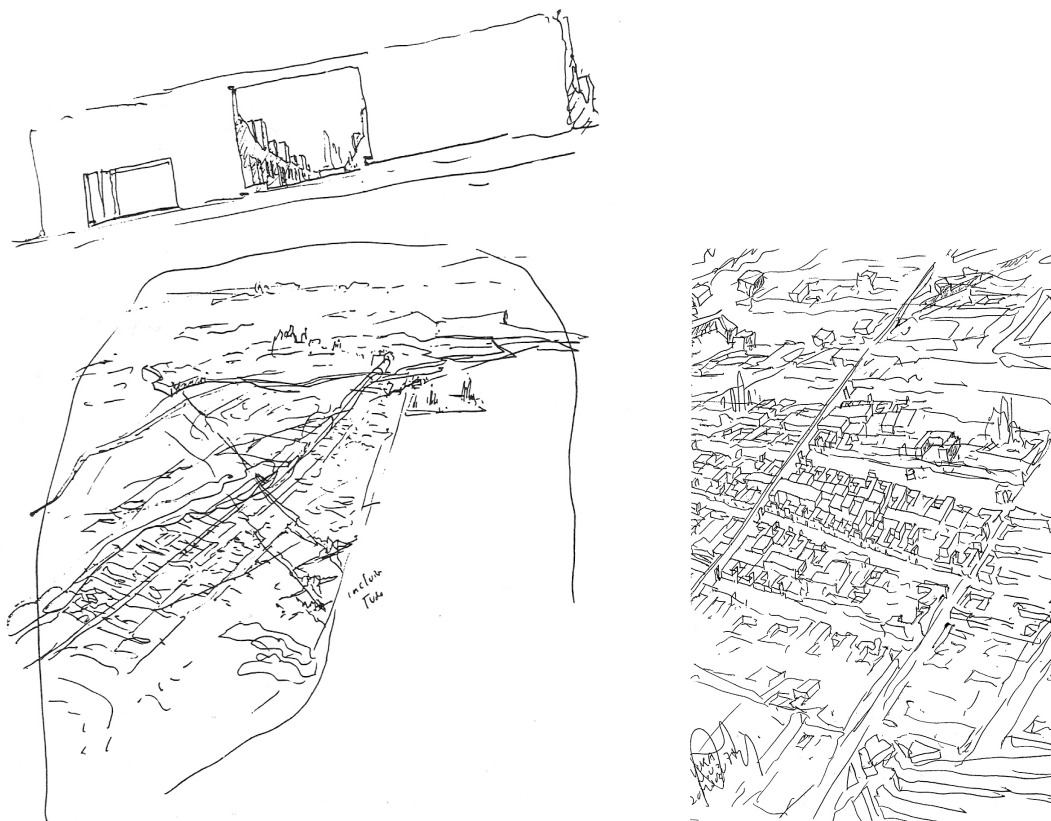


Fig. 69. Estudos da proposta de extensão da cidade e do tecido urbano, esquissos, Álvaro Siza.

4.1.1. Da cidade intramuros para a periferia

“Alvaro Siza visita la Quinta da Malagueira, en Évora, en marzo de 1977. Un dibujo es testigo de ese primer encuentro. Al fondo, el perfil de la Quinta se confunde con el de la ciudad. (...) Su mirada recorre, a ras del suelo, los pliegues del terreno: atraviesa árboles y caminos, una línea de agua, un pozo.

Uno no puede dejar de pensar en el primero dibujo de La Corbusier en Chandigarh y en la inscripción que le acompaña: “Le terrain était vide...”.

*Ninguna frase podría ser más inadecuada para acompañar el dibujo de Évora.”*⁶²

Os primeiros desenhos revelam o processo de aproximação ao terreno – o arquitecto apreende o que o rodeia, recolhendo indícios e acumulando preexistências. Com a cidade no horizonte, a antiga Quinta da Malagueira é atravessada por duas estradas e uma linha de água, estando ainda presentes as herdades de Sra. de Aires e da Malagueirinha. Mas o reconhecimento do lugar ultrapassa o terreno – Siza explora o bairro de Santa Maria e procura conhecer o núcleo antigo, testemunho da arquitectura de várias épocas e culturas. Quando começa a definir a proposta, continua a abranger essa realidade na sua totalidade, relacionando a área em expansão com a cidade e os bairros clandestinos. Cada desenho constitui uma síntese do conjunto, “autênticos “voos” de inspecção do território”⁶³, denunciando uma visão global da cidade.

*“O que imagina faz-se presente e tomba sobre o chão ondulado, como um lençol branco e pesado, revelando mil coisas a que ninguém prestava atenção: rochas emergentes, árvores, muros e caminhos de pé posto, tanques, depósitos e sulcos de água, construções em ruínas, esqueletos de animais.”*⁶⁴

A sugestiva comparação entre o tecido do novo bairro e um lençol exprime a vontade de projectar uma malha residencial que se adapta às ondulações do terreno e denuncia as presenças anónimas que o habitam. Respeitando a posição proeminente do centro histórico e o seu valor simbólico, desenha-se, então, um tecido residencial baixo e contínuo, de ruas estreitas que irrigam quarteirões compostos de habitações unifamiliares. Esta trama é estruturada através do cruzamento de dois eixos que ligam as diferentes partes da cidade. Na verdade, Siza segue um padrão que procura a extensão da cidade, ou seja, crescimentos lineares ao longo de ruas principais que se estendem para o exterior das muralhas. Prolonga-se, então, a Rua de Serpa Pinto a partir de uma praça importante, atravessando toda a área no sentido este-oeste, até ao aglomerado de Fontanas. Este eixo, simultaneamente pedonal e rodoviário, admite uma conduta elevada e acessível que transporta para o bairro instalações como luz, gás e electricidade. O

62 Carlos Muro, in *Álvaro Siza: Barrio de la Malagueira, Évora*, p. 9

63 Enrico Molteni, in *Álvaro Siza: Barrio de la Malagueira, Évora*, p. 12 (trad.)

64 Álvaro Siza, *Évora*, in *Álvaro Siza. Escritos*, p. 69



Fig. 70. Planta geral de Évora com a proposta para o bairro da Malagueira, desenho de Andrea Gropello.



Fig. 71. Plano geral para a Malagueira, terceira versão.

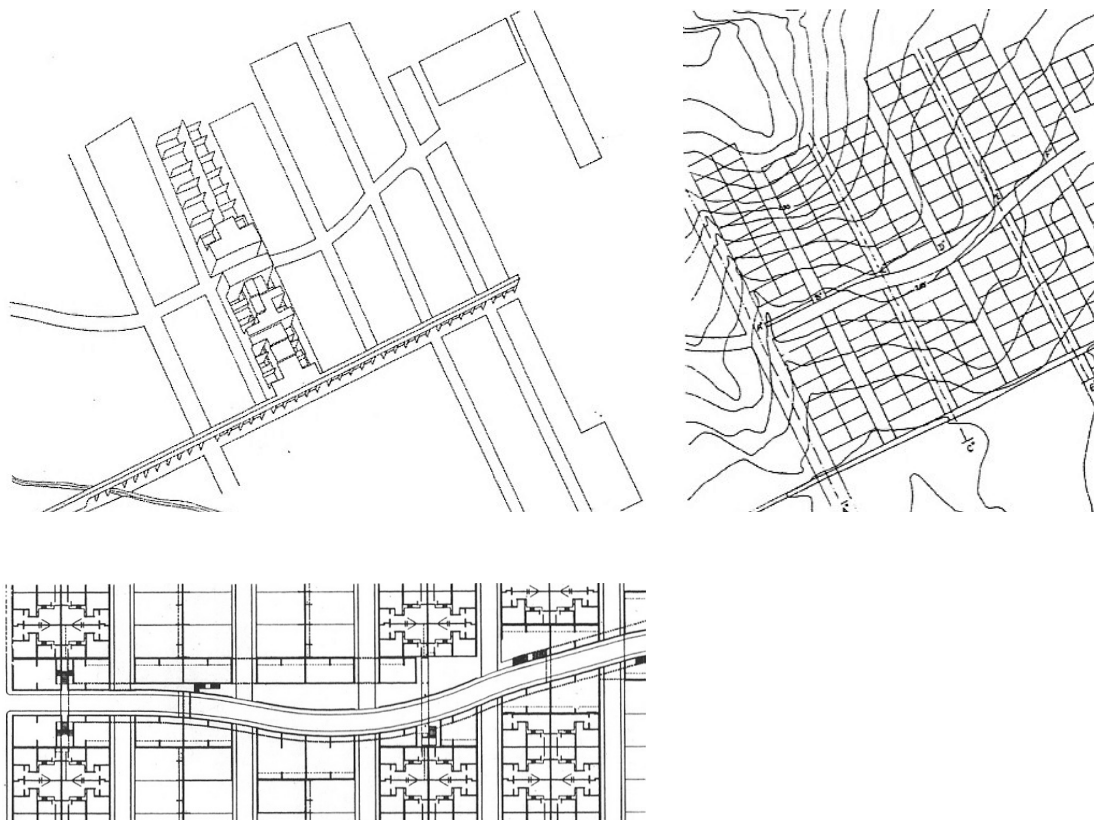


Fig. 72. Sector norte, axonometria geral, planta de implantação e planta da rua comercial *Broadway 2*, Malagueira.



Fig. 73. Habitação evolutiva, tipologias A e B, plantas e secções, primeira versão, Álvaro Siza.

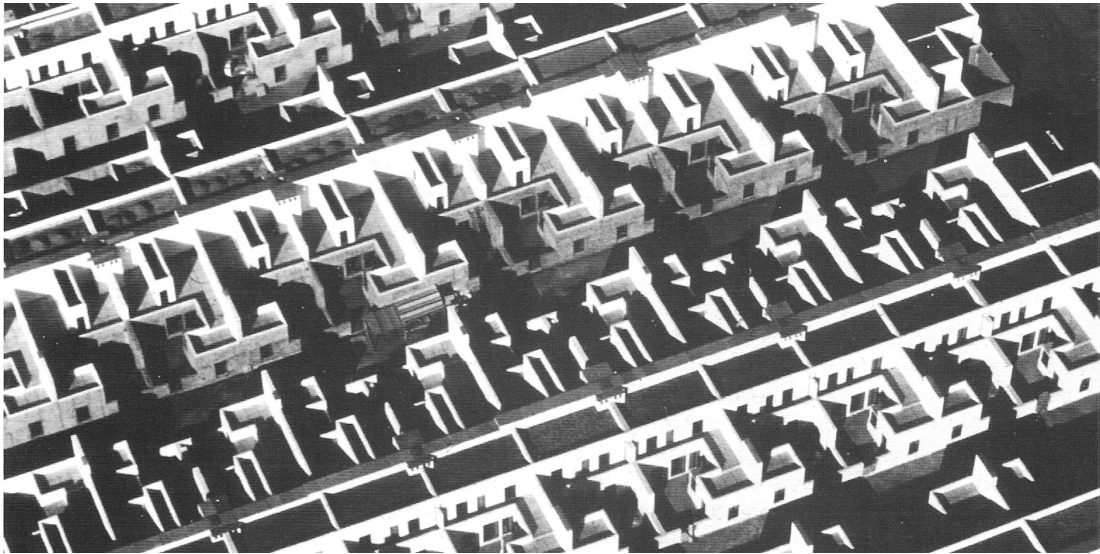


Fig. 74. Vista aérea do tecido urbano em fase de construção, Malagueira.

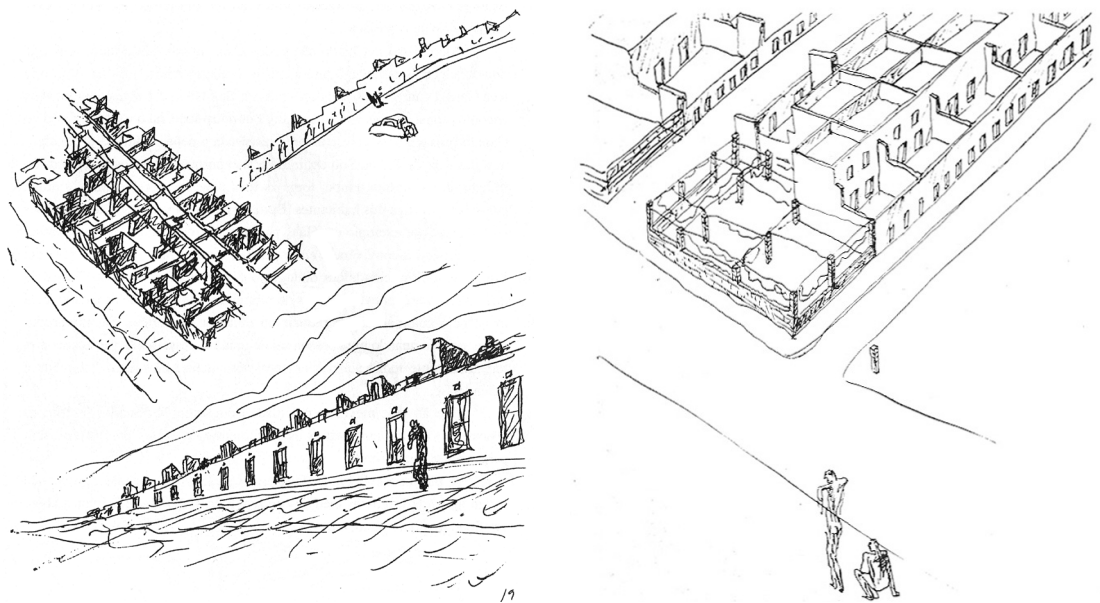


Fig. 75. Esquissos do tecido urbano, da agregação e da imagem das casas, Malagueira, Álvaro Siza.



Fig. 76. Vistas do Bairro da Malagueira.

segundo eixo, perpendicular, desenha-se conforme os percursos existentes e a topografia.

Para além da definição dos eixos, também a morfologia e a volumetria do bairro revelam a procura de integração dos aglomerados clandestinos. O tecido urbano constrói-se através de um sistema estrutural com base na conduta, que se ramifica em braços secundários, ou seja, muros transversais sobre os quais seguem as instalações, que contituem os eixos centrais dos quarteirões. Ao contrapor para ambos os lados muros de 12 metros, desenha-se uma estrutura portante, em forma de espinha, que define o quarteirão linear composto de parcelas auto-suficientes – “*O sistema estabelecido por Siza para a construção do tecido residencial basea-se num esquema estrutural elementar de muros de sustentação*”⁶⁵. O bairro é, então, construído a partir da repetição da parcela de 8 por 12 metros, estabelecendo distâncias de referência, escala e ritmos. Para este espaço que dispõe de apenas uma fachada, Siza opta pela casa com pátio que, além das vantagens climáticas, permite aumentar a superfície de iluminação do espaço interior. Dentro deste princípio, definem-se duas tipologias que diferem na posição do pátio e na relação entre a casa e a rua – na primeira, a construção adoça-se ao muro de trás, oferecendo maior privacidade e um pátio de transição entre público e privado; a segunda, raramente utilizada, liberta o pátio nas traseiras.

Apesar da possível monotonia decorrente da repetição de uma única parcela, este esqueleto permite construir cada unidade habitacional de modo independente. Perante esta flexibilidade, Siza opta pela habitação evolutiva, definindo variantes para ambos os tipos conforme o número de quartos necessário (fig. 73). Assim, apesar da repetição das mesmas janelas de inspiração vernacular sobre a fachada exprimir uma ideia de simplicidade, são as quebras provocadas pela topografia e a diversidade de configuração das habitações que enriquecem o alçado da rua. Já o ritmo das chaminés, remontando à arquitectura local, “*estabelece um elemento vertical forte contrapondo-se à linha horizontal contínua, de referência, estabelecida pela parede de rua*”⁶⁶.

“*Como a cidade de Évora mostra de forma exemplar, a complexidade e a variedade não dependem dos tipos de habitações mas da sua articulação com os espaços livres...*”⁶⁷

A alta densidade do tecido urbano permitiu libertar francas superfícies que denunciam a condição rural. O bairro incorpora a forma do terreno e espraia-se na paisagem sob a forma de três sectores diferenciados, unidos entre si e à cidade através da conduta. Apesar da configuração de cada um seguir directrizes específicas, os princípios básicos do plano propagam-se por todos eles. A sul do eixo este-oeste, o núcleo principal segue a matriz espacial e geométrica do bairro de Santa Maria, desenhando-se, entre ambos, uma rua que “*permite a regeneração*

65 Enrico Molteni, in *Álvaro Siza: Bairro da Malagueira*, p. 25 (trad.)

66 Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 111

67 Álvaro Siza, *Estudio de Detalle de un área de 27 ha integrada en el Plan de Expansión Oeste de Évora*, in *Álvaro Siza: Barrio de la Malagueira, Évora*, p. 99 (trad.)

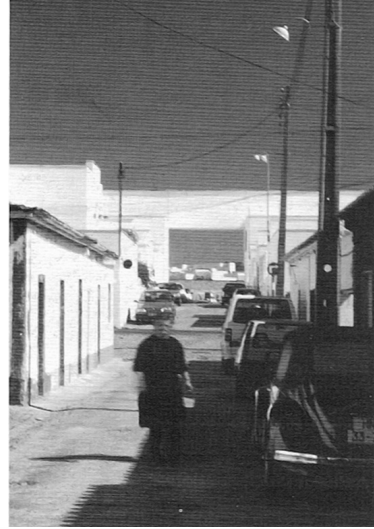


Fig. 77. Vista aérea dos três sectores do bairro da Malagueira.

Fig. 78. Rua transversal do bairro de Santa Maria que se une ao novo bairro.

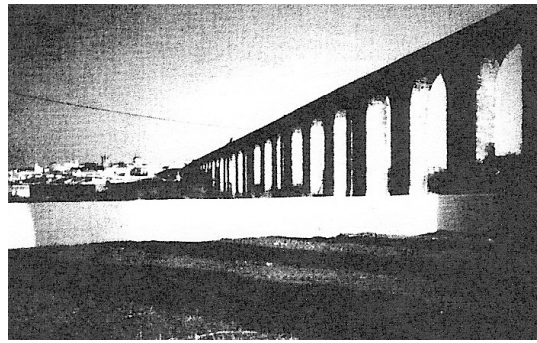


Fig. 79. A conduita da Malagueira e o aqueduto quinhentista, Évora.

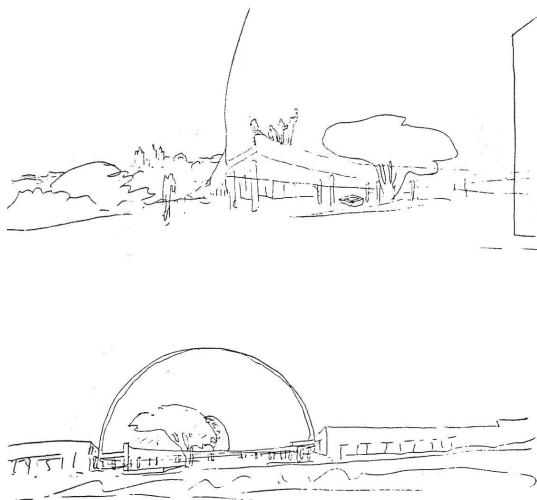
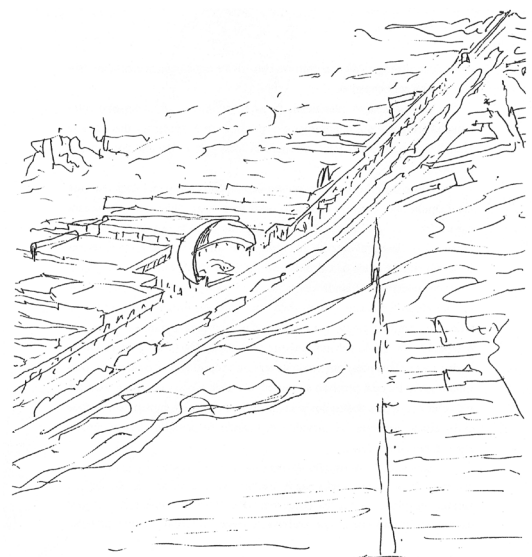


Fig. 80. Esquissos do lugar de encontro com a semi-cúpula, Malagueira, Álvaro Siza.

das áreas livres das casas já existentes e torna possíveis acessos, escadas e jardins, para que os habitantes possam sair da clandestinidade”⁶⁸. A norte, Siza converte um caminho existente, em direcção à Malagueirinha, no limite sul de outro sector. Aqui, o desenho ondulado de uma rua central interfere na continuidade da grelha – ao diversificar as dimensões e geometrias das parcelas na relação com a rua, são gerados espaços a ocupar com funções comerciais (fig. 72). Por último, o sector na Quinta de Sra. de Aires conforma-se mediante a aproximação ao bairro de Fontana e a adaptação à modelação do terreno, que se revela como princípio comum aos três sectores.

*“Seja qual for a “conversação” entre “protagonistas” – gestos de identidade, sinais constantemente trocados, côro de vozes pouco a pouco acrescentadas –, o cimento da cidade consiste no tecido de construções contínuo e aparentemente banal, feito de repetição e de contenção, de cuja vivência depende afinal a necessidade de monumentos.”*⁶⁹

Tratando de um plano de expansão de cidade, para Siza, é fundamental o jogo de escalas mediante a inclusão de espaços identitários, funções públicas e serviços. Estes são projectados como momentos de excepção que ora revelam traços do lugar, ora distinguem geometrias do novo tecido. De facto, a conduta, a espinha dorsal do tecido urbano, ultrapassa as suas funções práticas de canal de infraestruturas para marcar física e simbolicamente o território – *“Esta grande estrutura, que atravessa todo o terreno, tem por isso e sobretudo a função de definir uma outra escala”*⁷⁰. Podendo ser associada ao aqueduto de Évora pela sua escala, desenho e materialização – um pórtico contínuo que oferece espaços de percurso cobertos, construído em blocos de betão contrastando com o branco das casas –, a conduta transporta para o bairro a escala pública e a identidade colectiva da cidade. Por outro lado, como a cidade não se constrói instantaneamente, a conduta funciona como *catalizador urbano*⁷¹, atraindo funções não definidas à priori – *“Quería evitar que a localização de novas funções fosse casual e alheia a toda a estrutura do bairro”*⁷². Nos topos norte dos quarteirões adjacentes ao eixo principal, abrem-se para a paisagem espaços para posterior ocupação. Já no momento de torção deste eixo, a conduta agrega-se às construções, libertando um lugar de encontro e marco da identidade colectiva, onde Siza desenha uma semi-cúpula, também ela voltada para a paisagem, marcando a relação entre distintos níveis de espaço.

Fora da malha regular, elementos como o muro da quinta ou o conjunto de eucaliptos alinham percursos e criam pontos de referência. Contudo, outros como o teatro ao ar livre e a fonte

68 Álvaro Siza, *Évora – Malagueira*, in *Imaginar a evidência*, p. 115

69 Álvaro Siza, *E vice-versa*, in *Palavras sem importância*, p. 60

70 Álvaro Siza, *Évora – Malagueira*, in *Imaginar a evidência*, p. 119

71 No livro *“La arquitectura de la ciudad”*, Aldo Rossi denomina de *“elementos primários”* as grandes infraestruturas urbanas, como as igrejas ou mesmo a conduta da Malagueira, e defende que estas constituem catalizadores urbanos na medida em que geram à sua volta pólos de localidade.

72 Álvaro Siza, *Évora - Malagueira*, in *Imaginar a evidência*, p. 119

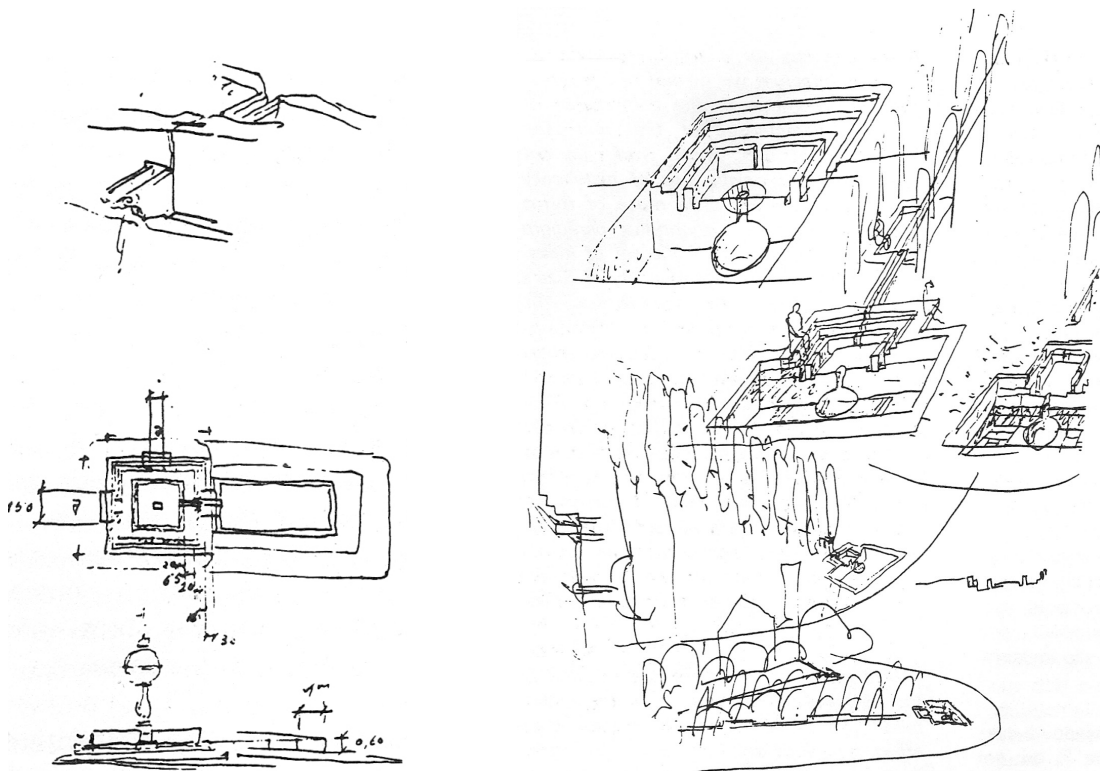


Fig. 81. Estudos e reinterpretação da fonte de Torralva, Álvaro Siza.

são criados e, demarcando-se no território, procuram vincular o bairro às preexistências envolventes. Na verdade, a fonte proposta tem como referência indiscutível a fonte de Diogo de Torralva, situada no interior da cidade. Desenhando um canal que conduz a água desde um tanque quadrangular até a uma plataforma inferior, onde inverte a esfera armilar, Siza concilia a reinterpretação deste exemplo com o reconhecimento da tradição agrícola dos canais de irrigação. Tal como na concepção da conduta, Siza estabelece uma continuidade com o centro e transforma o *sítio* num *lugar* identificável, ao apoiar-se num elemento convencional e identitário.

*“O que construímos na Malagueira é como o grau zero de uma cidade, ou mais exactamente, o ponto que se segue imediatamente ao zero.”*⁷³

A Malagueira exemplifica claramente a *mestiçagem cultural* e a *sensibilidade* que caracterizam a obra de Siza. A leitura atenta do lugar cruza-se com a consideração da história da arquitectura que se estende até às estruturas urbanas da antiguidade. Como Alves Costa afirma, *“Álvaro Siza concebe a cidade como os Romanos, que, expandindo o modelo helenístico império fora, o levaram da racionalidade mais abstracta ao bom senso da adaptabilidade às condições topográficas e construídas, logo culturais, preexistentes. Só que Siza não conquista um terreno que desconhece. A sua especial sensibilidade para lhe captar a essência interfere à partida num complexo processo de desenho que transfigura o real em elemento do projecto e a proposta como que em natureza prévia”*⁷⁴.

73 Álvaro Siza, *“Viver intensamente”*, *À volta da Malagueira*, in *Álvaro Siza : uma questão de medida*, p. 79

74 Alexandre Alves Costa, *1974-1975, o SAAL e os Anos da Revolução*, in *Portugal: arquitectura do século XX*, p. 70

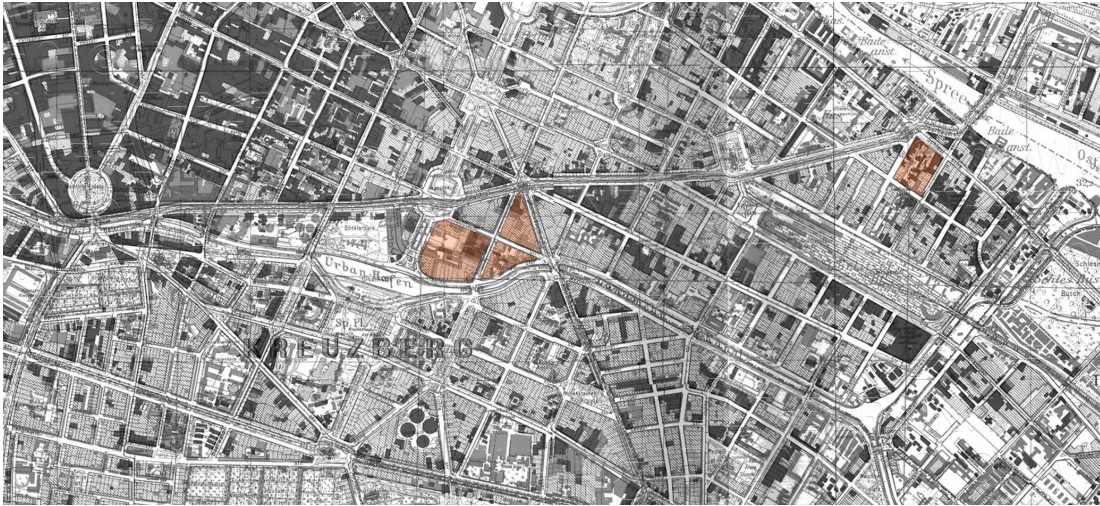


Fig. 82. Kreuzberg, extracto de uma planta de Berlim de 1945 – identificação dos edifícios danificados (trama escura) e dos quarteirões visados pelos projectos de Siza (cor laranja).



Fig. 83. Arquitectura berlinesa do séc. XIX, planta de um edifício em L e vistas de edifícios em Kreuzberg.

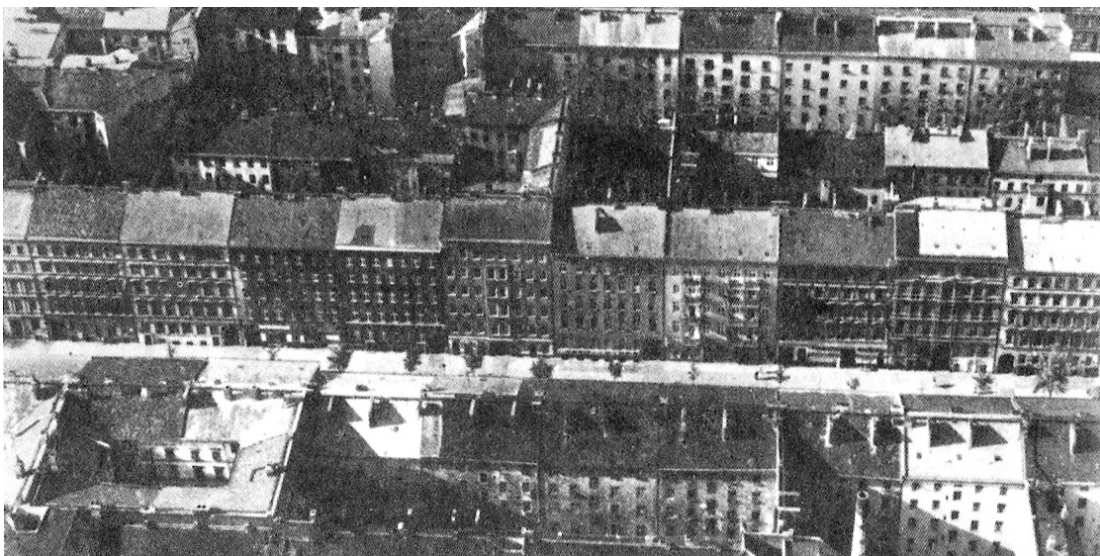


Fig. 84. Vista aérea de Kreuzberg, a estrutura urbana nos anos 20.

4.2. TRÊS PROJECTOS PARA KREUZBERG (1979-90), BERLIM

Na primeira metade do séc. XIX, a cidade de Berlim sofreu um crescimento demográfico notável e uma rápida expansão do tecido urbano, ganhando relevo entre as capitais europeias. Porém, a cidade e, particularmente, o distrito de Kreuzberg não teve capacidade para acomodar a população que continuava a crescer, motivada pela industrialização. Tal como no Porto, para além da expansão para os territórios circundantes, o interior dos quarteirões foi ocupado.

O crescimento de Kreuzberg deveu-se, provavelmente, ao potencial da sua localização, destacando-se a proximidade ao rio, à linha de comboio e, também, a alguns espaços públicos e jardins. Os seus quarteirões, com edifícios habitacionais de cinco a seis pisos e rés-do-chão comerciais sobre lotes regulares, formavam um limite contínuo. Mas com o progressivo aumento populacional, os processos de especulação levaram à densificação desta estrutura – *“Ao longo do tempo foram sendo construídos anexos perpendiculares à rua que formaram os edifícios em L e os pátios interiores, típicos desta área”*⁷⁵. O interior do quarteirão foi, então, acolhendo pequenas indústrias, oficinas e habitações para a população mais desfavorecida, transformando Kreuzberg num sector de habitação operária. A ideia de viver e trabalhar no mesmo sítio remonta à realidade da casa gótica mercantil mas em condições mais degradantes e congestionadas, acabando por levar à revolta dos residentes, à semelhança do que ocorreu nas ilhas do Porto.

Por outro lado, se os efeitos da Segunda Guerra Mundial não afectaram muito este distrito, a guerra fria e a construção do Muro de Berlim, em 1961, quebraram a sua ligação com o centro da cidade – *“a separação, o muro, tornaram impossível qualquer plano de reconstrução urbana. A não realização deste plano é largamente responsável pela fragmentação”*⁷⁶ da cidade. Porém, só em 1979, o IBA⁷⁷ lançou um plano de reconstrução que, consciente da dificuldade de efectuar uma reestruturação global da cidade, conformava-se com a possibilidade de intervenção sobre troços limitados da mesma. Procurando *“ir ao encontro e não contra a forma urbana”*, o IBA considerava que *“a qualidade urbana é o resultado de uma integração numa malha urbana já existente”*⁷⁸ e revelava uma posição crítica face às transformações urbanas do pós-guerra.

Neste âmbito, Álvaro Siza elabora três projectos para a reestruturação urbana do bairro de Kreuzberg – o primeiro abrange dois quarteirões contíguos a Fränkelufer (1979), o segundo incide na frente da Kottbuserstrasse (1980), enquanto que o último, o projecto vencedor, situa-se junto da estação de metropolitano de Schelesisches Tor (1980-90).

⁷⁵ Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p.47

⁷⁶ Álvaro Siza citado por Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 46

⁷⁷ Internationale Bauausstellung (Exposição Internacional de Edifícios de Berlim)

⁷⁸ Bernard Strecker, citado por Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 45



Fig. 85. Planta de implantação e alçados principais dos edifícios contemplados no projectos para Fraenkelufer (A), Kohlfurter (B) e Kottbusser (C), Kreuzberg.

4.2.1. Do fragmento à estrutura urbana

“Em Berlim quiseram recuperar um quarteirão de Kreuzberg para alojar habitantes. Era necessário ter em conta o sítio e analisar as razões para a fragmentação deste sector.”⁷⁹

Nos primeiros projectos, pelos quarteirões de Fraenkelufer (A), Kohlfurter (B) e Kottbusser (C), disseminam-se diferentes tipos de edifícios que, tendo em comum a repetição de volumes simples e de um conjunto limitado de elementos, implicam modos divergentes de reagir com o lugar – construções perimetrais (B1 e C1), edifícios de remate nos gavetos (A4 e B5) e, ainda, inserções no interior dos quarteirões (A1, A2 e A3). De facto, de acordo com os princípios do IBA, volta a repetir-se uma estratégia parcelar que atende as condições de cada sítio através de intervenções pontuais. O arquitecto tem, assim, a possibilidade de explorar hipóteses já formuladas em S. Vítor.

Na sequência das demolições causadas pela destruição da guerra, o primeiro quarteirão apresenta três grandes vazios, dois na frente de rua de Frankelufer e outro no encontro desta com Admiralstrasse. Apesar da exposição das traseiras e das empenas nuas aos transeuntes, o arquitecto opta, maioritariamente, pela inserção de novas estruturas no interior do quarteirão e recusa fechar o seu perímetro. Como objectos que reagem com o contexto, os quatro edifícios propostos relacionam-se geometricamente entre si e com o existente, fundamentando a proposta *“num traçado regulador que emerge dos acidentes de uma história cadastral, da geometria das subdivisões ou restos de muros”⁸⁰*. Assim, a implantação de cada edifício é também legitimada pela relação com os vazios do perímetro do quarteirão, quer reconstruindo o limite do quarteirão, quer recriando a continuidade de fachada quando, na verdade, o limite interrompe-se e domina a permeabilidade.

“Procurei reunir estes fragmentos sem esconder a sua realidade, e aproximá-los de outros fragmentos. Era preciso, aqui, utilizar um sistema... Escolhi o do séc. XIX.”⁸¹

A posição de Siza parece diferir dos objectivos do IBA, sem deixar de se referir aos quarteirões de Kreuzberg. Reconhecendo este padrão de construção de cidade, Siza adopta certas características tipológicas dos edifícios do séc. XIX – volumes simples, com plantas tipo e uma construção maciça, onde se destaca o rés-do-chão geralmente comercial –, inserindo as propostas no seu contexto específico. Também reforça a estrutura do quarteirão nos pontos frágeis, ao propor edifícios de gaveto e outros isolados que restituem a continuidade de fachada. Mas, paralelamente, reconhece a contemporaneidade e natureza disjuntiva da cidade e procura compreender os processos que interferiram na sua configuração. Vendo a área de intervenção

⁷⁹ Álvaro Siza, *Interview*, in *L'Architecture d'Aujourd'hui* n.º 211, p. 1 (trad.)

⁸⁰ Alexandre Alves Costa, “Álvaro Siza”, in *Álvaro Siza - 1954-1976*, p. 30

⁸¹ Álvaro Siza citado por Peter Testa, in *A arquitetura de Álvaro Siza*, p. 46

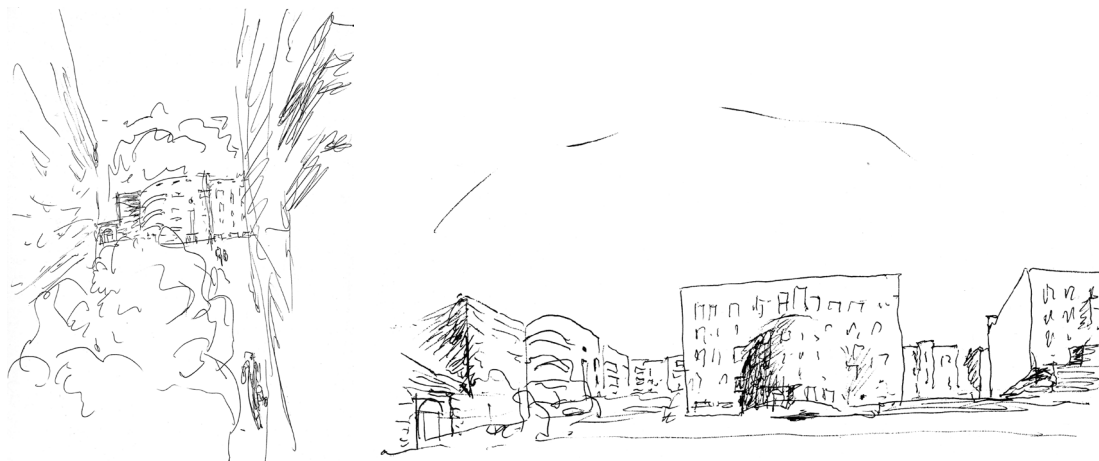


Fig. 86. Inserção do edifício A2 no quarteirão de Frankelufér, esquisos, Álvaro Siza.



Fig. 87. Estudos do gaveto A4, Frankelufér, e do gaveto B2, Kohlfurter, esquisos, Álvaro Siza.

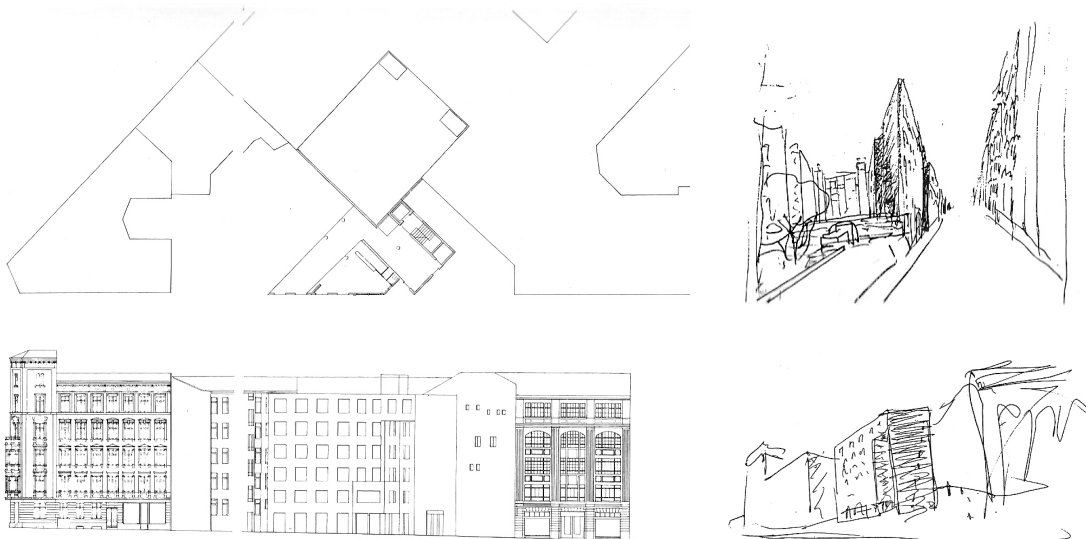


Fig. 88. Inserção do edifício C1 no quarteirão de Kottbusser, planta, alçado de rua e esquisos, Álvaro Siza.

para além do seu limite físico e cronológico, não pode ignorar a realidade marginalizada do interior dos quarteirões – *“a qualidade da transparência daí resultante, é agora típica das ruas de Berlim onde as estruturas situadas no interior dos quarteirões têm um estatuto alterado e participam na vida da rua”*⁸². Assim, opta por transportar a vida do interior do quarteirão para o espaço mais público da cidade, procurando a renovação da sua configuração social e espacial.

Ainda em Fraenkelufer, o edifício em L (A2) reflecte este modo de reagir com o contexto, inserindo, no interior do quarteirão, um modelo reconhecível do séc. XIX que parece ser invertido. Para além da sua implantação controversa, o bloco assume, para o pátio interno, uma fachada com grande expressividade e, como as zonas nobres das casas são abertas para o interior e para a rua, a definição de frente e traseira fica em suspenso.

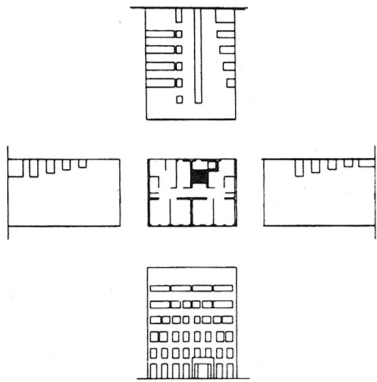
No que respeita aos gavetos, Siza remete para as soluções tradicionais pelas formas adoptadas, como se verifica no edifício A4, cujo cunhal avança sobre o limite do volume para marcar o momento de entrada. Esta projecção tridimensional para além das fachadas também se enquadra no princípio de expressão formal dinâmica dos outros edifícios propostos. Porém, o edifício parece deslocado da rua Frankelufer, sem fechar o perímetro do bloco e reclamando a possibilidade de penetrar no interior. No quarteirão contíguo, o gaveto B2, ao descolar-se das empenas adjacentes, repete este modo de reforçar o limite de quarteirão sem encerrar o seu interior. Com base num prisma triangular, este parece ter sido sujeito a um processo de fragmentação – mais do que a fachada de um edifício de seis pisos, no desenho de alçado, lê-se uma composição tridimensional de estratos horizontais que se vão agregando e separando simultaneamente. Esta composição culmina na invenção de uma ruína que, para além de conferir, mais uma vez, uma plasticidade excepcional à fachada no momento do cunhal, parece querer perpetuar a história trágica da cidade.

Também no quarteirão Kottbusser, o edifício proposto (C1) sustenta-se numa ambiguidade propositada, no conflito e na simultânea complementaridade entre limite e interior do quarteirão. Ao alinhar-se com os blocos adjacentes, é sugerida a continuidade da fachada, mas o edifício existe enquanto elemento solto e isolado e permite a comunicação entre a rua e o interior do quarteirão. Por outro lado, apesar de partir de uma forma simples e de uma regularidade clara no desenho das aberturas, Siza volta a introduzir a tridimensionalidade e o carácter fragmentado no desenho das fachadas. Deste modo, reforça a leitura de profundidade já criada pela distância entre o edifício e as empenas.

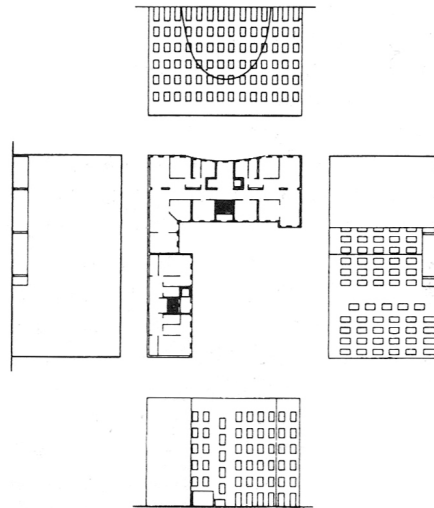
“...em Berlim, desde há alguns séculos, pelo menos dois, existem grandes logradouros cujo centro não é totalmente privado; (...) É um continuum de espaços muito sensíveis a diferentes formas de utilização, que vão do público ao totalmente privado; são divisões delicadas. Tentei, sobretudo

⁸² Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 57

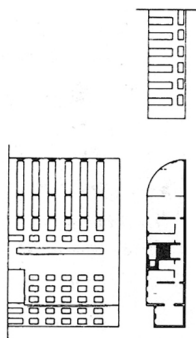
A1



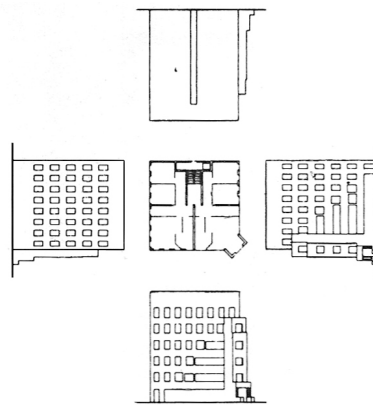
A2



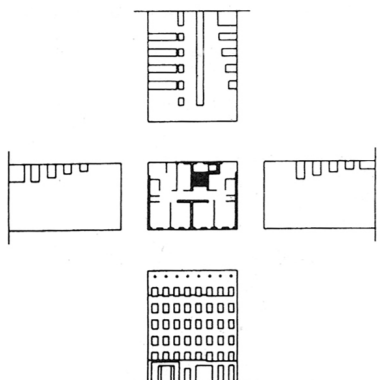
A3



A4



B1



B2

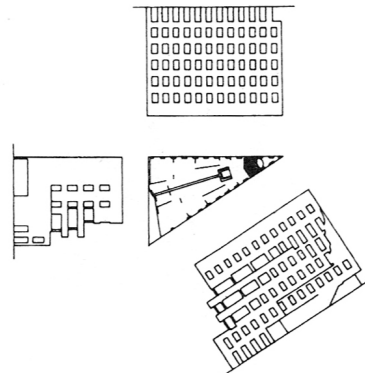


Fig. 89. Projecto para os edifícios inseridos nos quarteirões contíguos a Frankelufer e Kohlfurter, planta tipo e alçados, Álvaro Siza.

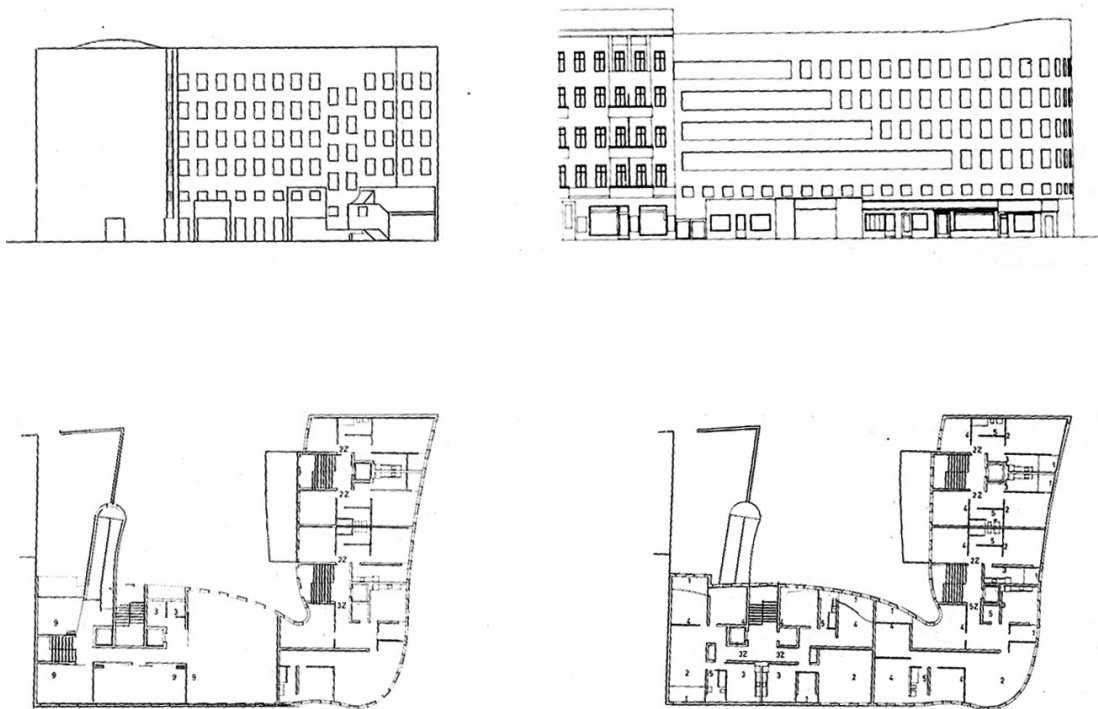
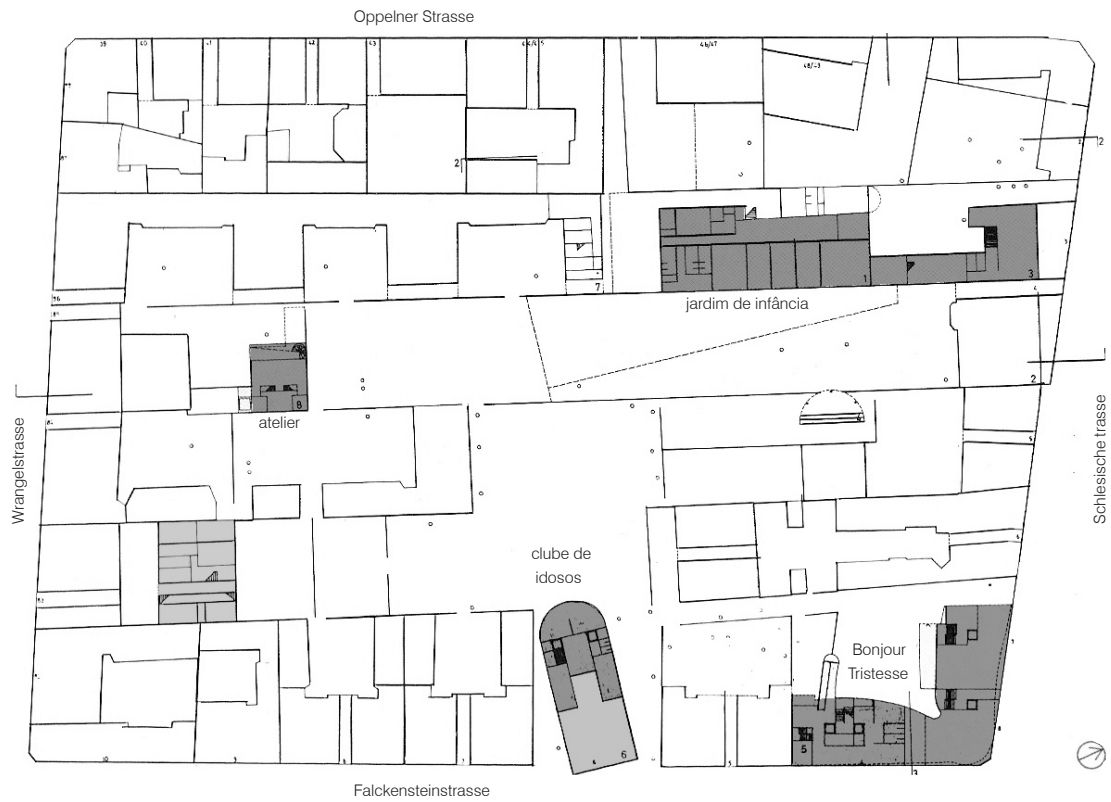


Fig. 90. Plano de intervenções para Schlesisches Tor e projecto do edifício Bonjour Tristesse, versão de concurso.



Fig. 91. Edifício Bonjour Tristesse, relação com a envolvente e com o pátio interno, Schlesisches Tor.



Fig. 92. Vistas do clube de idosos e do jardim de infância, Schlesisches Tor.

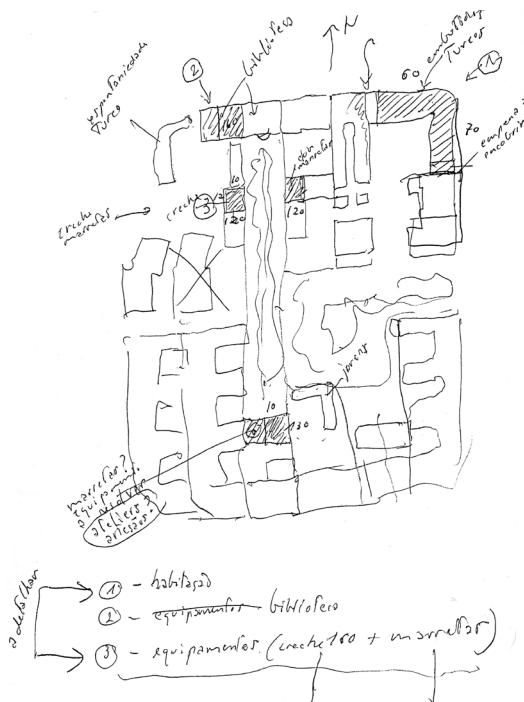
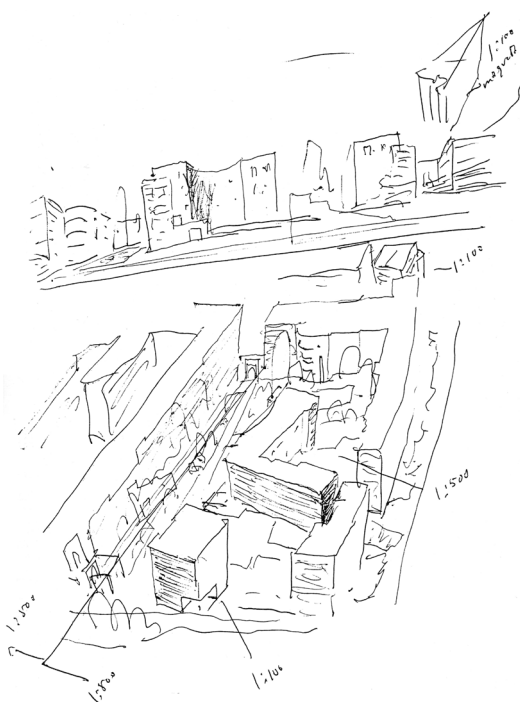


Fig. 93. Estudos dos bairros de Frankelufer e de Schlesisches Tor, esboços, Álvaro Siza.

com o segundo trabalho de Schlesisches Tor, perseguir um reconhecimento profundo dessas condições históricas e também experimentar uma utilização dessa forma de vida particular."⁸³

Do projecto para Schlesisches Tor, o edifício Bonjour Tristesse, inserido num gaveto em conformidade com os edifícios que lhe fazem fronteira, contempla a construção de habitações sobre uma base de lojas preexistentes que, na sua execução, foi eliminada por dificuldades construtivas. À semelhança dos gavetos típicos berlinenses, permanece a plasticidade e o dinamismo da fachada e o seu desenho procura, ainda, a concordância com os edifícios adjacentes através da modelação dos vãos e de relações de altimetria. Por outro lado, é de sublinhar o trabalho minucioso sobre o interior do quarteirão, traduzido no desenho de diferentes pátios e um jardim, espaços com forte carga de sociabilidade. Os restantes edifícios, uma escola, um clube de idosos e alguns estúdios, criam densidade e diversidade de usos, corroborando a reconfiguração espacial e social do pátio interno, que agora participa na vida da cidade. De facto, na Falckensteinstrasse, o edifício proposto, através da leve torção em relação à rua e da tensão produzida com os edifícios laterais, parece convidar à entrada no interior, à semelhança da intervenção B7 em Sra. das Dores. Também o jardim de infância, ao estender-se para o interior do quarteirão, relaciona diferentes níveis de espaço.

"A dualidade cidade velha/cidade nova não existe em Berlim. Aqui somos obrigados a introduzir os nossos projectos entre novos fragmentos e velhos fragmentos que nunca se contemplam, que nunca podem ser reduzidos a uma unidade, mas que existem como realidades paralelas."⁸⁴

Tal como em S. Vítor, Siza não nega a condição fragmentada do sítio, mas propõe juntar elementos sem dissolver a separação que caracteriza a sua fragmentação. Compreendendo a cidade como uma conjunção de realidades paralelas e muitas vezes diversas, os edifícios propostos exploram as tensões entre objecto e tecido urbano, entre estruturas preexistentes e novas interpretações do espaço urbano. *"A vários níveis, Siza converte fenómenos supostamente incompatíveis em co-existências, numa relação tensa que parece avaliar e estabelecer diferenças em vez de fundir elementos opostos"*⁸⁵. Contemplando, nas suas propostas, a dupla necessidade de continuidade histórica e de transformação, entende a estrutura urbana do séc. XIX *"como um sistema convencional e não como um conjunto de regras imutáveis"*⁸⁶. Efectivamente, é necessário criar um novo equilíbrio entre a edificação periférica e o interior dos quarteirões, marginalizado e descoberto pelas destruições e demolições. Assim, Siza introduz um conjunto de princípios ambíguo que pretende reordenar as relações espaciais e sociais estabelecidas pelos processos de transformação da cidade. Sem a ambição de criar um novo padrão de ocupação, interpreta as possibilidades já presentes na estrutura urbana de Kreuzberg.

83 Álvaro Siza, *"Viver intensamente"*, *À volta da Malagueira*, in *Álvaro Siza : uma questão de medida*, p. 73

84 Álvaro Siza, citado por Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 46

85 Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 63 e 64

86 Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 65



Fig. 94. Gravura de Macau do séc. XVIII.

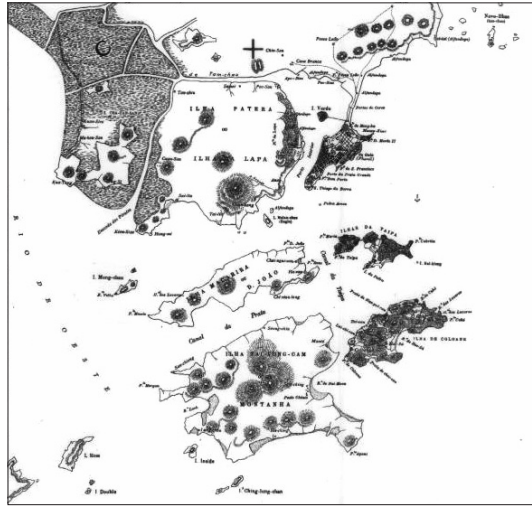


Fig. 95. Macau e territórios vizinhos, planta de 1912.

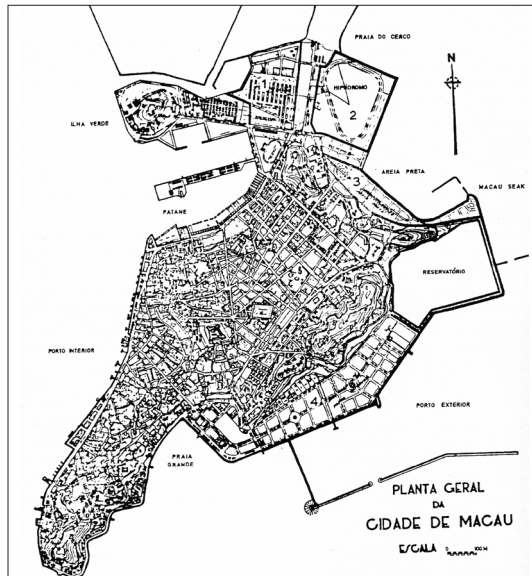
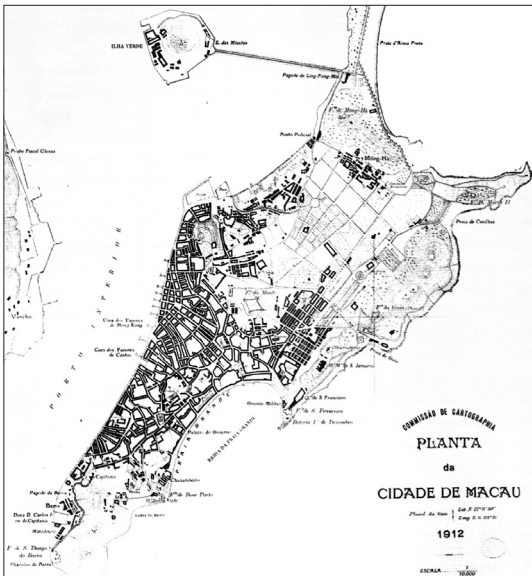


Fig. 96. Evolução urbana da península de Macau – Planta da cidade de Macau de 1912 e Planta Geral da Cidade de Macau de 1970.

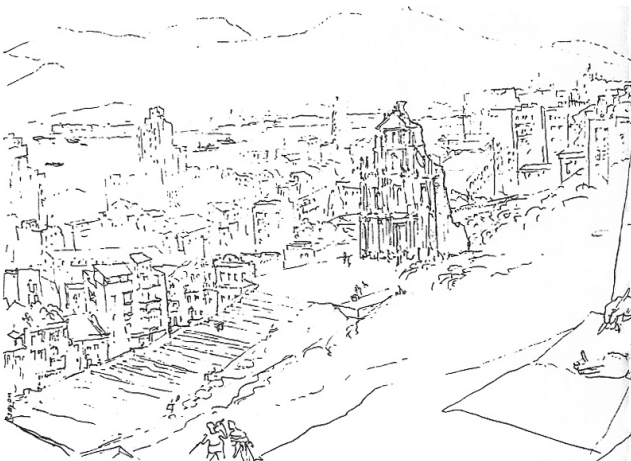


Fig. 97. Vistas da cidade de Macau, esquisos, Álvaro Siza.

4.3. PLANO DE EXPANSÃO URBANA DE MACAU (1983-84), MACAU

“Quase que completamente cercada pelo mar, a cidade assemelha-se a uma ilha solitária, habitada pelos descendentes dos antigos portugueses que conquistaram o mundo.”⁸⁷

A península de Macau, integrada num conjunto de ilhas dispersas na foz do Rio das Pérolas, revela um processo cultural levado a cabo, simultaneamente, pelas presenças chinesa e portuguesa. Em 1553, os portugueses estabeleceram-se entre as duas aldeias existentes, num território protegido pelas colinas a nascente. A relação com o mar da China permitiu que Macau constituísse um próspero centro mercantil, ligando o ocidente ao vasto continente asiático.

No séc. XIX, a vocação comercial de Macau foi abalada com a fixação dos ingleses em Hong Kong. Para competir com o novo entreposto inglês, as muralhas foram destruídas e o tecido urbano expandiu-se para norte. Com a urbanização dos terrenos agrícolas que até então alimentavam a cidade, o porto tornou-se um recurso vital e a importação de bens hortícolas da China, uma necessidade, intensificando a necessidade de competir com Hong Kong. Para facilitar o acesso aos barcos e melhorar a operatividade do porto, os limites costeiros de Porto Interior e Porto Exterior foram, então, regularizados.

A construção de aterros para edificação teve início em 1936, em Porto Exterior, Areia Preta e na ligação das Ilhas da Taipa. No entanto, este processo foi interrompido pela II Guerra Mundial, entre outros factores, pelo que Macau começou a crescer em altura. Mas ao contrário de Hong Kong, a presença de edifícios torre ameaça a paisagem, pois as colinas não constituem um suporte físico grandioso e capaz controlar a escala da cidade – *“Muito empacotada, com edifícios torre, que oferecem as suas sombras e parecem postados como sentinelas a vedar o caminho aos edifícios da época colonial do séc. XIX, Macau parece ser uma versão mais branda de Hong-Kong”⁸⁸.*

Tornou-se, assim, necessário criar uma nova ordem que relacionasse o desenvolvimento urbano de Macau com as características do lugar. Estando já em curso a Zona de Aterros de Porto Exterior (ZAPE), as entidades do território lançaram um concurso para a elaboração do plano urbano de Macau, abrangendo a recuperação do centro histórico, em profunda decadência, e uma proposta de expansão da cidade. Perante a complexidade do programa, a equipa de Álvaro Siza e Fernando Távora, que inclui Eduardo Souto Moura, divide os trabalhos, centrando-se o primeiro na reinvenção do perfil costeiro da península. Os Novos Aterros de Porto Exterior (NAPE) e de Areia Preta dariam continuidade à tradição de conquista de terrenos ao mar.

⁸⁷ Wilfried Wang, in *Álvaro Siza : desenhos urbanos*, p. 80

⁸⁸ Wilfried Wang, in *Álvaro Siza : desenhos urbanos*, p. 80



1. Novo aterro de Areia Preta
2. Novos aterros de Porto Exterior
3. Novo terminal marítimo
4. Farol da Guia
5. Ruínas da Igreja da Madre de Deus
6. Fortaleza do Monte de S. Paulo

Fig. 98. Planta geral da proposta para o plano de Areia Preta e Porto Exterior, Macau, Álvaro Siza.

4.3.1. A distância entre o antigo e o novo

Em Macau, o aterro foi utilizado como solução para variadas situações, agora, para resolver a necessidade de solo e a densificação populacional na cidade, cada vez mais compacta e verticalizada. Neste contexto, o aterro é um território novo, plano e vazio, que propicia a recriação da cidade. Mas, para Siza, não constitui uma *tábula rasa* – mesmo no desenho de áreas a conquistar ao mar, o arquitecto não deixa de contar com preexistências, sendo clara a atenção dada ao equilíbrio entre a cidade existente e o projectado. É fundamental respeitar um ambiente delicado, o encontro entre duas civilizações e culturas distintas, manifesto na riqueza do centro histórico.

“O programa exigia a expansão da cidade através de dois novos aterros denominados Areia Preta e Porto Exterior e, entre eles, a construção do novo porto. Para todas estas expansões, tínhamos proposto plataformas geométricas sobre a água, separadas da cidade por um braço de mar ou canal, de modo a não prolongar a ilha.”

Distante do antigo núcleo cristão, Areia Preta é uma zona essencialmente industrial, caracterizada por uma densidade populacional elevada e um nível de vida económico baixo. Aqui, o novo aterro volta-se a nordeste e aproxima-se da matriz de expansão da cidade dos anos 40. O contacto entre o aterro e a cidade existente estabelece-se através duas ruas que ultrapassam o braço de mar e se estendem sobre a nova plataforma. De acordo com os bairros adjacentes de ocupação mista, esta plataforma destina-se a indústrias, comércio e habitação, sendo prevista a inclusão de equipamentos urbanos e espaços públicos.

A sudeste, Porto Exterior está na proximidade do centro histórico e da colina onde se ergue a antiga fortaleza, constituindo uma oportunidade para relacionar o crescimento da cidade com a riqueza da paisagem. *“A proposta pretendia conservar esta linha de costa, tão cheia de pormenores, e construir duas grandes plataformas, uma virada a Leste e outra a Sul, muito geométricas, como dois grandes navios ancorados nas águas da península.”*⁸⁹ De facto, o litoral acidentado e recortado confronta-se com duas plataformas independentes, uma de forma rectangular, cuja maior aresta é paralela à Avenida da Amizade, e outra quadrada, junto ao reservatório de água. Sem querer prolongar a península, a ligação à cidade existente é prevista apenas em alguns pontos estratégicos o que, segundo os técnicos, é proveitoso para a drenagem. Se o desenho procura o afastamento entre o novo e o antigo, a proposta de ocupações predominantemente turísticas prende-se com a necessidade de dar continuidade às áreas contíguas.

“Quando se aproxima do mar aberto para o porto vê-se, no espaço que aparece entre os dois novos aterros, a colina com a fortaleza e uma igreja (como sempre). A estação marítima recebe os

⁸⁹ Álvaro Siza, *Navegando através do híbrido das cidades*, in *Imaginar a Evidência*, p. 91



Fig. 99. Estudo geral do plano de expansão urbana de Macau, Álvaro Siza.

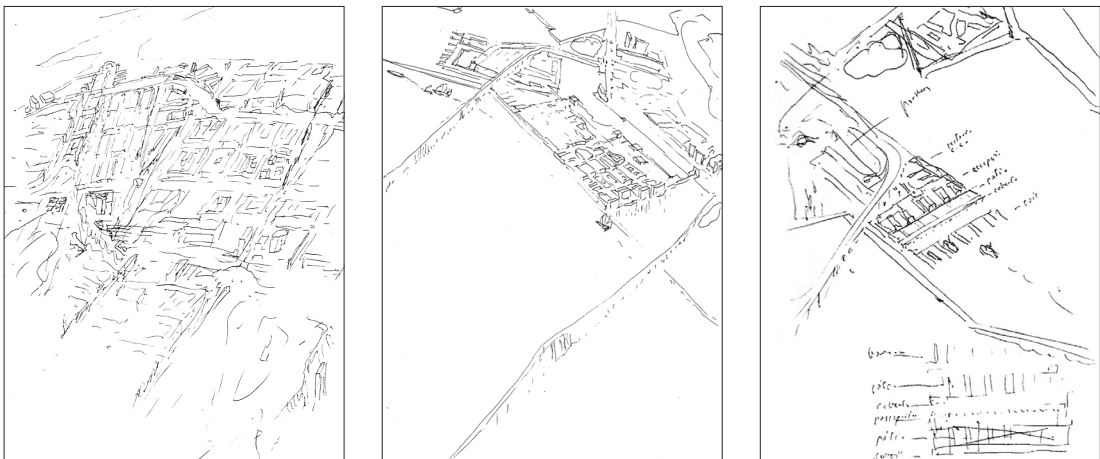


Fig. 100. Estudos dos aterros de Areia Preta, Porto Exterior e do novo porto, esboços, Álvaro Siza.

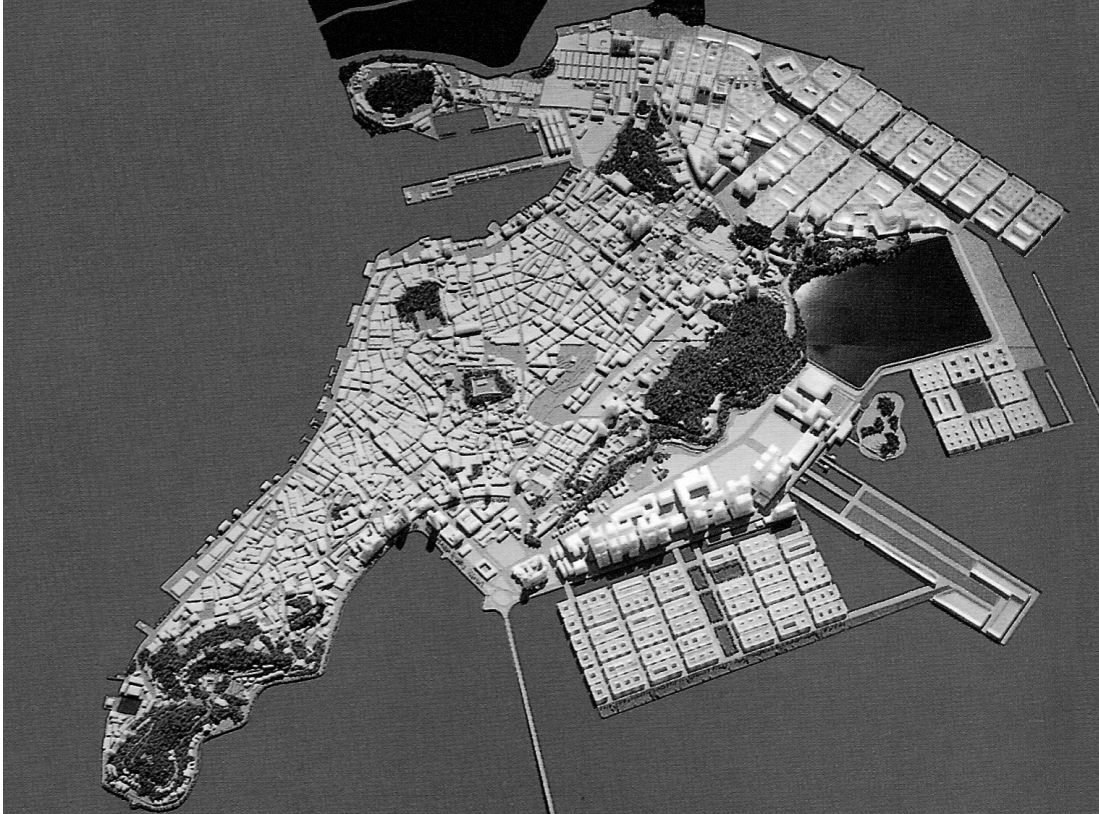


Fig. 101. Maqueta da proposta para a expansão da cidade de Macau.

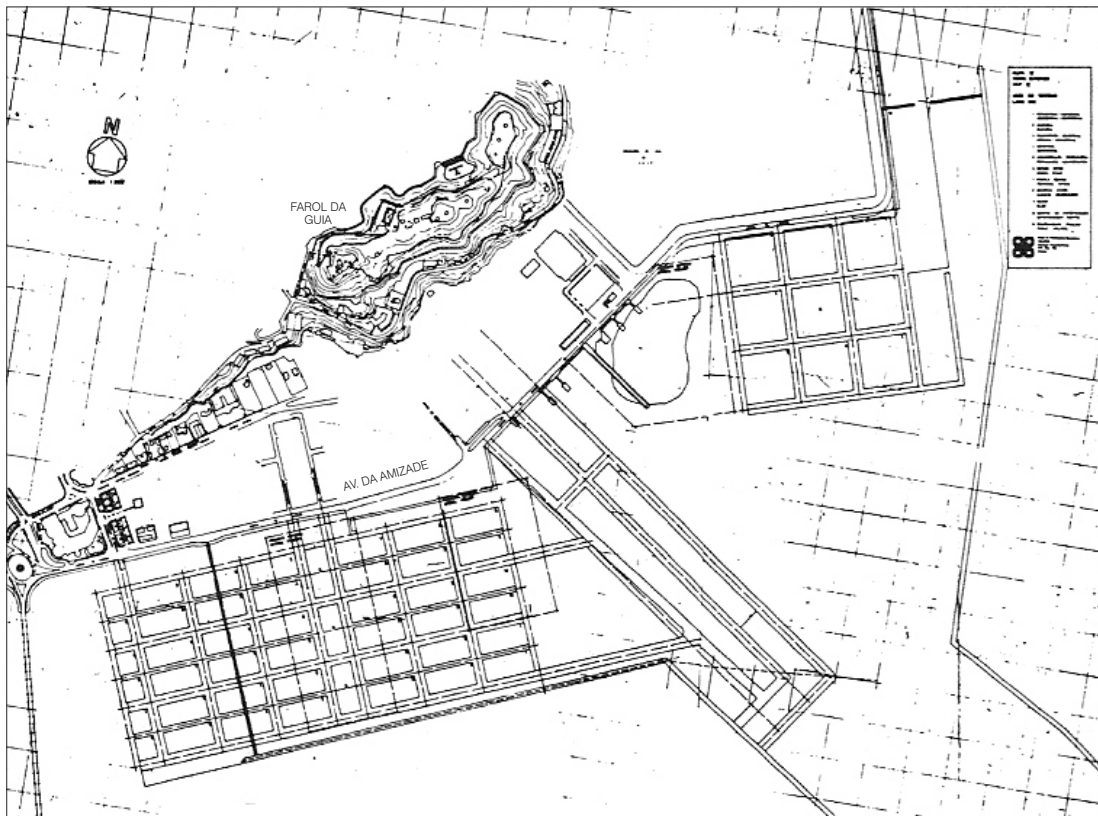


Fig. 102. Proposta para o plano de Porto Exterior, versão de concurso, 1982.

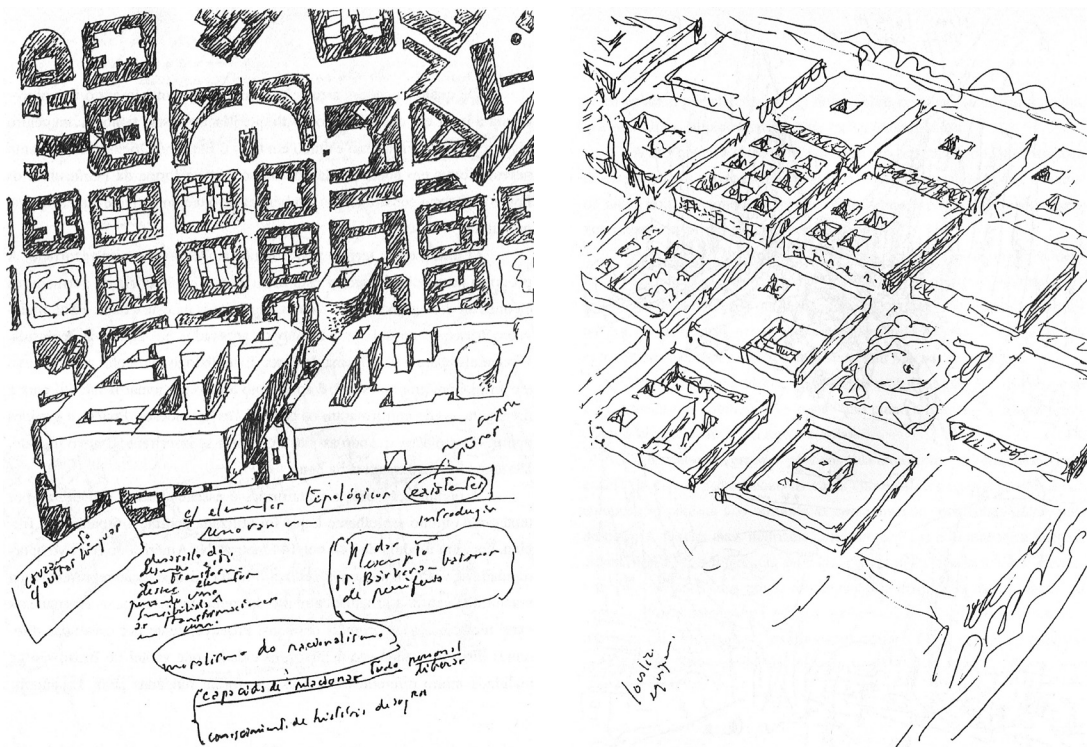


Fig. 103. Estudos do traçado urbano e das possibilidades de variação dos blocos, Álvaro Siza.

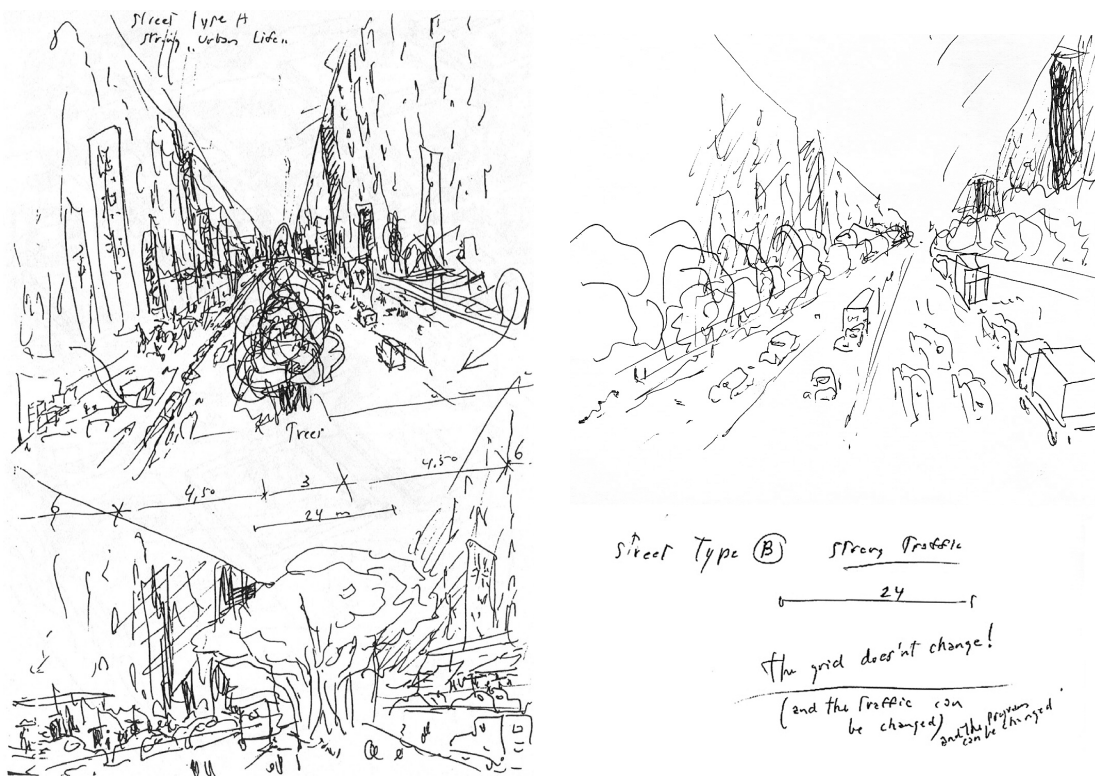


Fig. 104. Estudos dos tipos de vias a integrar no plano, esboços, Álvaro Siza.

barcos de Hong Kong e, em seguida, prolonga-se para uma entrada nobre na cidade."⁹⁰

Entre os aterros de Porto Exterior, o novo porto sobrepõe-se ao cais existente – uma plataforma linear estende-se sobre as águas, organizando a entrada da cidade em direcção à colina. Para além de ligar a ilha a Hong Kong, tem o papel de conferir unidade ao plano, ao relacionar os dois aterros com a paisagem urbana de Macau. De facto, através de um elemento alongado e perpendicular à costa, Siza reforça o eixo visual entre o mar e a colina, o binómio relacional que está na origem da ocupação territorial de Macau, destacando o farol da Guia e a Igreja.

"A implantação espanhola, que reúne toda a sabedoria da urbanística dos tempos mais antigos até hoje, sofreu múltiplas transformações, e contudo ainda hoje funciona, e constitui, na prática, o traçado dos novos desenvolvimentos abusivos nas periferias das cidades."⁹¹

Na sua viagem pela América do Sul, Siza ficara surpreendido com a flexibilidade do modelo filipino. Nas cidades de colonização espanhola, o traçado urbano, cujas normas "*estabeleciam a dimensão dos quarteirões em 144 metros de lado, e até mesmo a distribuição de lotes e de actividades*"⁹², estende-se sobre plataformas de nível previamente construídas. Apesar da herança cultural portuguesa de Macau, a opção pelo modelo filipino parece intuitiva, dado que a condição artificial dos aterros, construídos sobre a água e com poucas referências, define uma situação próxima da colonização espanhola. Ao cruzar esta referência com a escala da cidade, resulta uma retícula cuja distância entre os eixos das vias é 144 metros e a unidade base é o quarteirão de forma quadrada com 120 metros de lado. Apesar das diferenças circunstanciais e de usos das plataformas, Siza opta por uma organização comum, acreditando na sua capacidade de absorver as possibilidades de variação. Contudo, no maior aterro de Porto Exterior, perante a possibilidade de ocupação do quarteirão com um só edifício, a retícula é dividida – a unidade quadrangular é atravessada por uma rua com 12 metros de largura, gerando quarteirões com uma base de 120 por 54 metros. Quanto a Areia Preta, quando a malha rígida ultrapassa o primeiro canal de mar, a sua regularidade perde-se no encontro com preexistências naturais e construídas.

Partindo da trama descrita, definem-se dois tipos de vias, um assente na convenção usual de separação entre peão e veículos, um canal de tráfego central ladeado por passeios, e outro caracterizado por um amplo passeio arborizado que divide as duas faixas de rodagem. Apesar do cepticismo dos peritos em transportes relativamente à última solução, a sua origem encontra-se na cidade histórica⁹³. Constituindo uma particularidade da cidade, o recurso a

90 Álvaro Siza, *Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza*, in *Casabella* 559, p. 9

91 Álvaro Siza, *Navegando através do híbrido das cidades*, in *Imaginar a Evidência*, p. 95

92 Álvaro Siza, *Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza*, in *Casabella* 559, p.12

93 "*Uma imagem muito bela de Macau é na realidade a das figueiras com as suas grandes raízes, comparáveis a patas de animais, que colocadas no separador das ruas, enchem todos os espaços, criando uma espécie de tecto, uma grande escultura*", Álvaro Siza, *Navegando através do híbrido das cidades*, in *Imaginar a Evidência*, p. 95 e 97



Fig. 105. Vistas da Avenida Almeida Ribeiro, Macau.

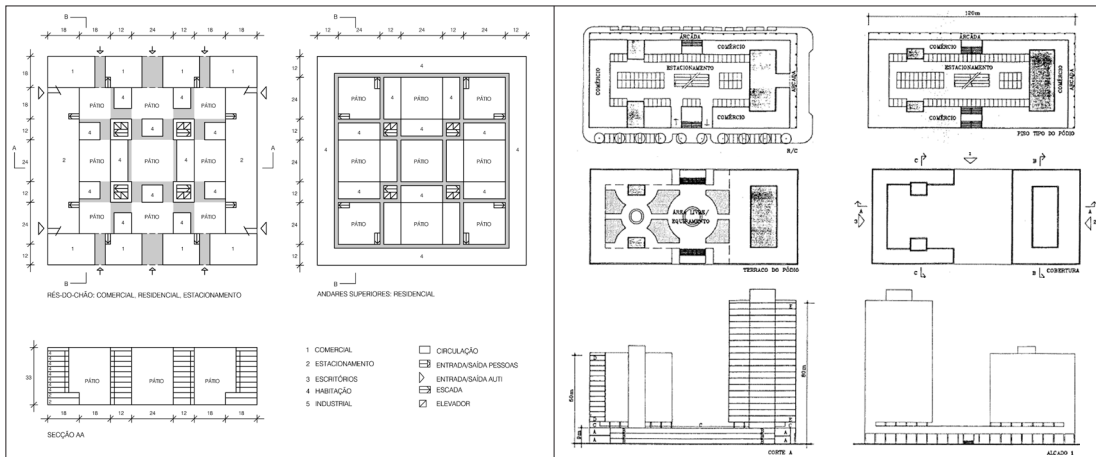


Fig. 106. Morfologia do quarteirão-tipo, regulamento do edificado da versão de concurso, 1982.

Fig. 107. Morfologia do quarteirão tipo A, regulamento do edificado da versão final, 1991.

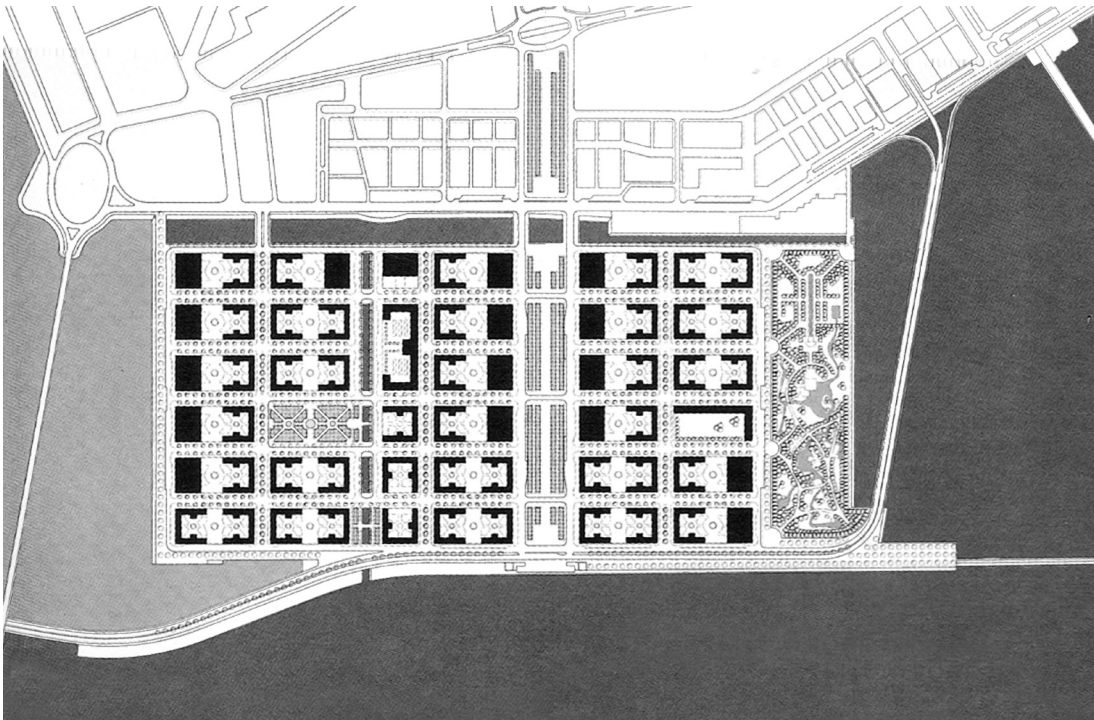


Fig. 108. Proposta para o plano de Porto Exterior, versão final, 1991.

árvores de grande porte, tal como a introdução de porticados, uma importação da Avenida Almeida Ribeiro, expressa a vontade de criar espaços de sombra e percursos ritmados.

*“O desenho dos espaços públicos e da arquitectura é influenciado pelo estudo da cidade e das pequenas casas chinesas de dois pisos, com a sua composição perfeita não obstante as contaminações ocidentais (...). Destas duas matrizes, arquitectura local e arquitectura internacional, podia vir a referência essencial para a nova arquitectura da cidade.”*⁹⁴

No que respeita ao edificado, para permitir a variedade de formas arquitectónicas sobre a malha, foi estipulado um conjunto de normas rigorosas mas flexíveis – *“Um plano deve criar as condições, as possibilidades para a invenção, para a diferença, sem para tal definir exactamente a futura arquitectura”*⁹⁵. A maior preocupação funda-se na vontade de manter o perfil da colina visível e criar uma ligação visual entre os tecidos históricos, os novos e o mar. Neste sentido, o limite da altimetria do edificado, mais tarde revisto e alterado dos 22 metros para mais do dobro, constitui o aspecto mais controverso do plano. Por outro lado, ao fixar uma profundidade máxima de construção relativamente à rua de 18 metros e um máximo de área coberta do quarteirão de 75%, o interior de quarteirão permanece livre, onde espaços ajardinados, relembrando os pátios chineses, contribuem para a salubridade da cidade. Deste modo, o plano proposto procura apresentar uma fase de crescimento coerente, evitando o congestionamento gerado pela especulação imobiliária.

O plano para Porto Exterior prevê, ainda, uma rede de zonas verdes, entre outros elementos urbanos identitários, que procura equilibrar as plataformas e evitar a zonificação. Junto ao reservatório, o aterro quadrado divide-se em nove quarteirões e a área verde ocupa uma posição central (fig. 101 e 102). Esta estratégia repete-se no aterro rectangular, mas o maior espaço recreativo proposto surge apenas na versão final do plano (fig. 108). Trata-se de *“uma alameda arborizada de grandes dimensões, que num dos seus lados alberga um grande jardim chinês”*⁹⁶, um percurso que se desenvolve junto ao mar e relaciona a Avenida da Amizade com o passeio marítimo, reforçando a paisagem natural de Macau.

Tendo a oportunidade de desenhar uma nova parte da cidade, num terreno desafogado e com poucas referências, é natural que Siza tome como referência a visão prática de apropriação do território presente nas cidades planeadas como uma unidade. A proposta de uma grelha de origem espanhola prende-se com a vontade de aprofundar a distância entre o antigo e o novo, reforçando os traços que o homem e o tempo deixam no lugar. Por outro lado, tal como na Malagueira, a forma urbana proposta revela, ainda, uma proximidade às cidades

94 Álvaro Siza, *Navegando através do híbrido das cidades*, in *Imaginar a Evidência*, p. 95

95 Álvaro Siza, *“Não faço distinção entre Arquitectura e Urbanismo”*, *O centro de Montreuil*, in *Álvaro Siza : uma questão de medida*, p. 172

96 Álvaro Siza, *Navegando através do híbrido das cidades*, in *Imaginar a Evidência*, p. 97

clássicas da antiguidade – se a morfologia dos quarteirões da Malagueira, “*cuya dimensão maior é perpendicular às vias principais*”⁹⁷, remete para a cidade romana, em ambos os planos, a construção do espaço urbano de acordo com uma matriz normalizada mas flexível lembra as cidades hipodâmicas, de fundação grega.

Na verdade, o plano de Siza estabelece um diálogo múltiplo com a cidade preexistente – para além da forma como se estende pela linha costeira recortada, evita o conflito com a silhueta original da península e enfatiza os elementos iconográficos que a caracterizam. A apreensão sensível do carácter do lugar leva a um desenho que expressa a complexidade da cidade, legível na relação que estabelece com as preexistências, a história e a paisagem. Sem transcrever o passado, a proposta reflecte o esforço para devolver à cidade a possibilidade de se confrontar com a sua história e património, retomando também a relação com o rio e com a sua paisagem natural.

97 Peter Testa, in *A arquitectura de Álvaro Siza*, p. 97

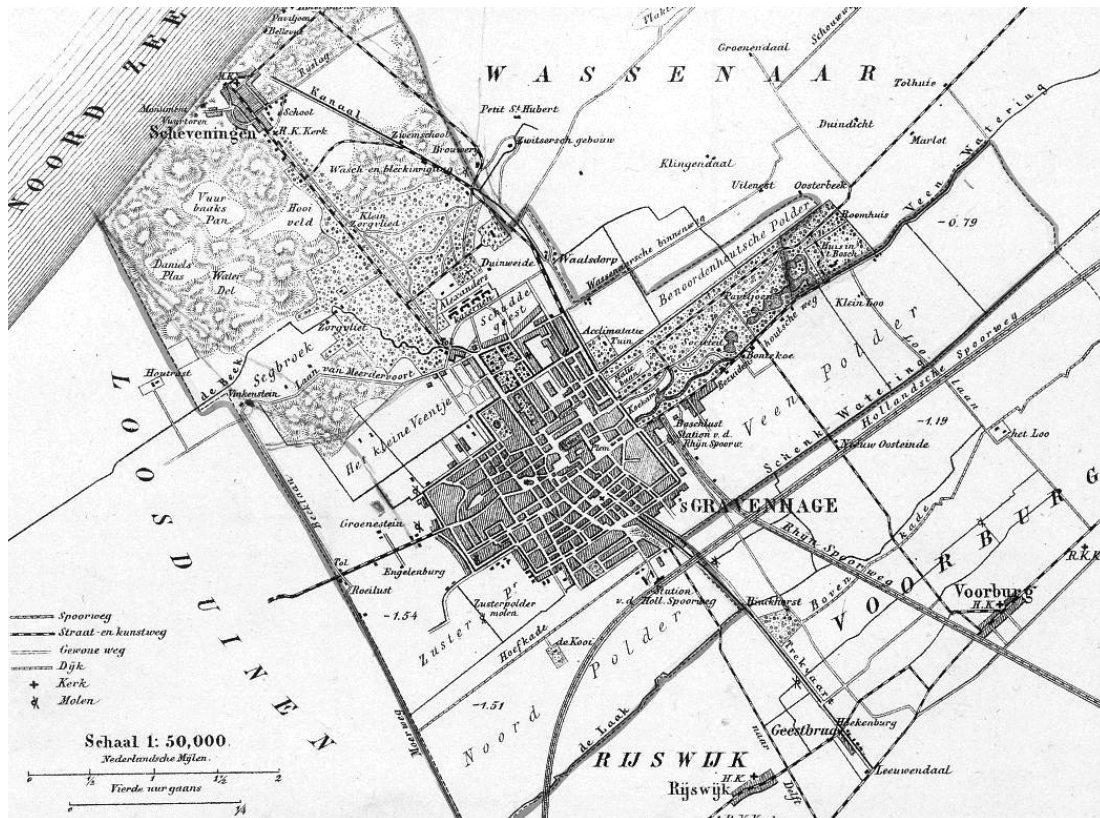


Fig. 109. Planta da cidade de Haia, 1865-1869.

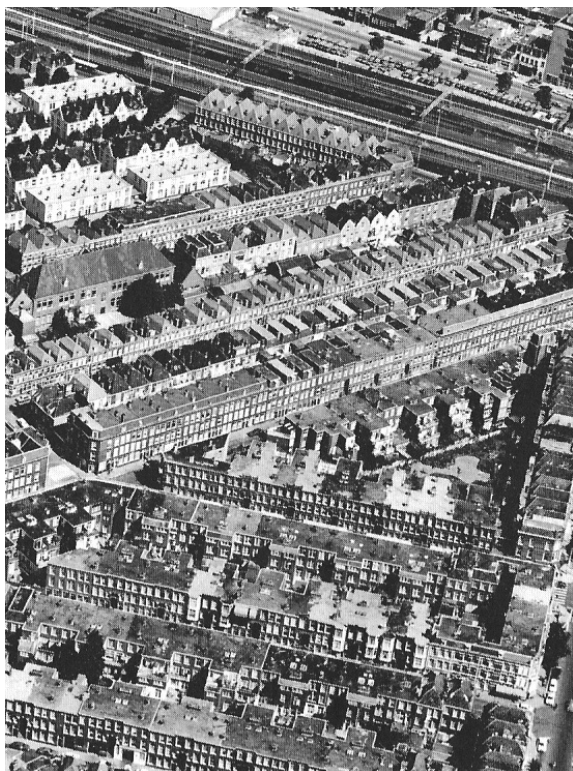


Fig. 110. Vistas do bairro de Schilderswijk, estrutura urbana e arquitectura do séc. XIX em Haia.

4.4. PLANOS PARA SCHILDERSWIJK (1985-88) E DOESDIJNSTRAAT (1989-93), HAIA

“Haia feita a régua e esquadro, onde submersos obstáculos obrigam a torcer a quadrícula, logo atravessada por longas diagonais...”⁹⁸

A estrutura urbana de Haia distingue-se claramente das cidades até aqui abordadas, tendo um núcleo medieval que se afasta dos traçados orgânicos e irregulares. O seu limite é desenhado através de um conjunto ortogonal de canais, cuja configuração motivou, provavelmente, a expansão da cidade segundo uma malha regular e orientada a noroeste-sudeste.

No final do séc XIX, a cidade sofreu uma rápida expansão para os territórios envoltentes. Como na maior parte das cidades europeias, o edificado resultante da especulação imobiliária revela uma baixa qualidade de habitabilidade. As construções residenciais distinguem-se pelo acesso através de pórticos às habitações, geralmente distribuídas por três pisos. No que respeita ao tecido urbano, a ausência de regulamentação levou a um crescimento em alta densidade, restando poucos espaços livres, sejam eles praças, jardins ou avenidas. Assim, as áreas que envolvem o centro histórico caracterizam-se por uma trama regular densa, onde os quarteirões assumem uma forma alongada para maximizar a ocupação do terreno.

Estas condições tornaram necessária a intervenção do município, não só para regular o futuro crescimento da cidade, como também para renovar o tecido urbano resultante da construção massiva efectuada. Neste sentido, durante o séc. XX, são propostos diversos planos de desenvolvimento da cidade. Contudo, nenhum destes altera a realidade de Schilderswijk e Doedijnstraat, duas zonas residenciais bastante pobres, construídas no final do séc. XIX, junto à via férrea que atravessa o território a sul do centro histórico. Estas caracterizam-se, ainda, pela presença de comunidades de variadas etnias, maioritariamente emigrantes da Turquia e de Marrocos, e por um clima social bastante tenso.

Apenas em 1974 é adoptada uma proposta de desenvolvimento urbano assente no trabalho conjunto entre arquitectos, políticos e moradores. As intervenções de Siza enquadram-se neste amplo projecto de consolidação do tecido urbano que, aqui, é traduzido na necessidade de demolir construções para prosseguir com projectos de renovação. Com a bagagem das experiências de S. Vítor, da Malagueira e de Kreuzberg, Siza volta a trabalhar com a participação da população local.

⁹⁸ Álvaro Siza, *Cidades*, in *01 textos por Álvaro Siza*, p.176

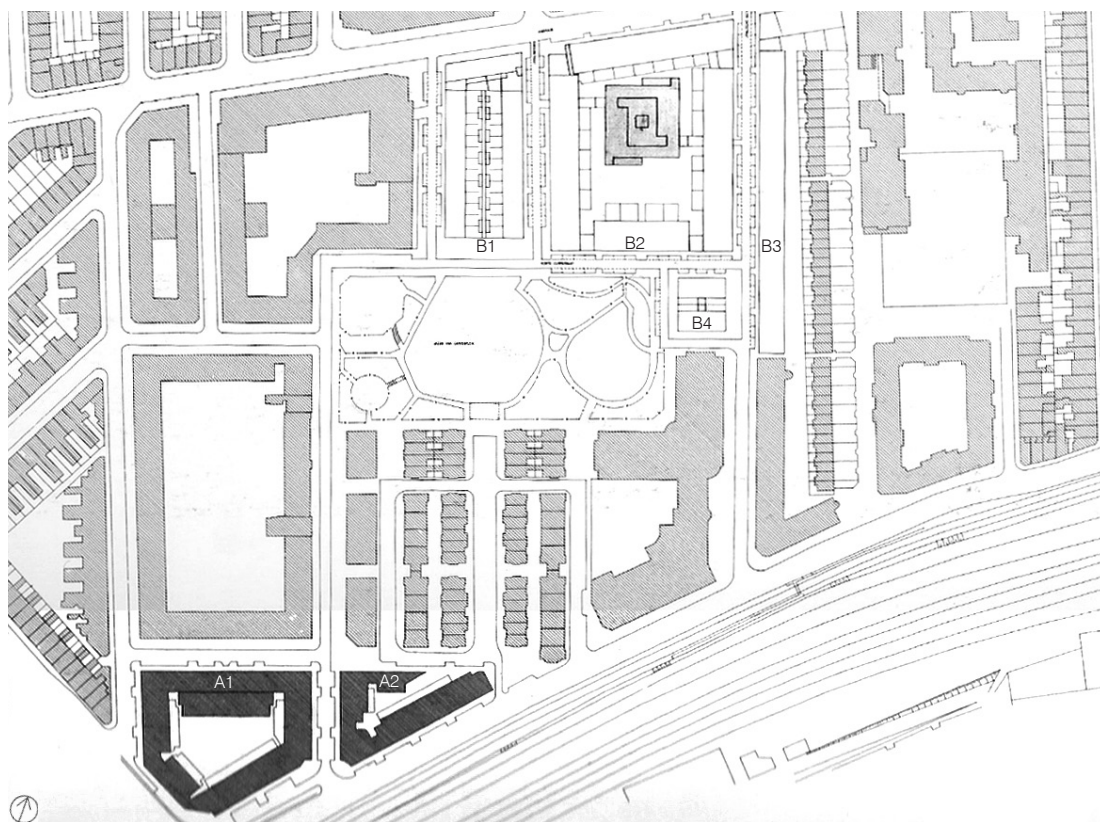


Fig. 111. Planta de implantação, planos de Schilderswijk e Doedijnstraat, Haia.

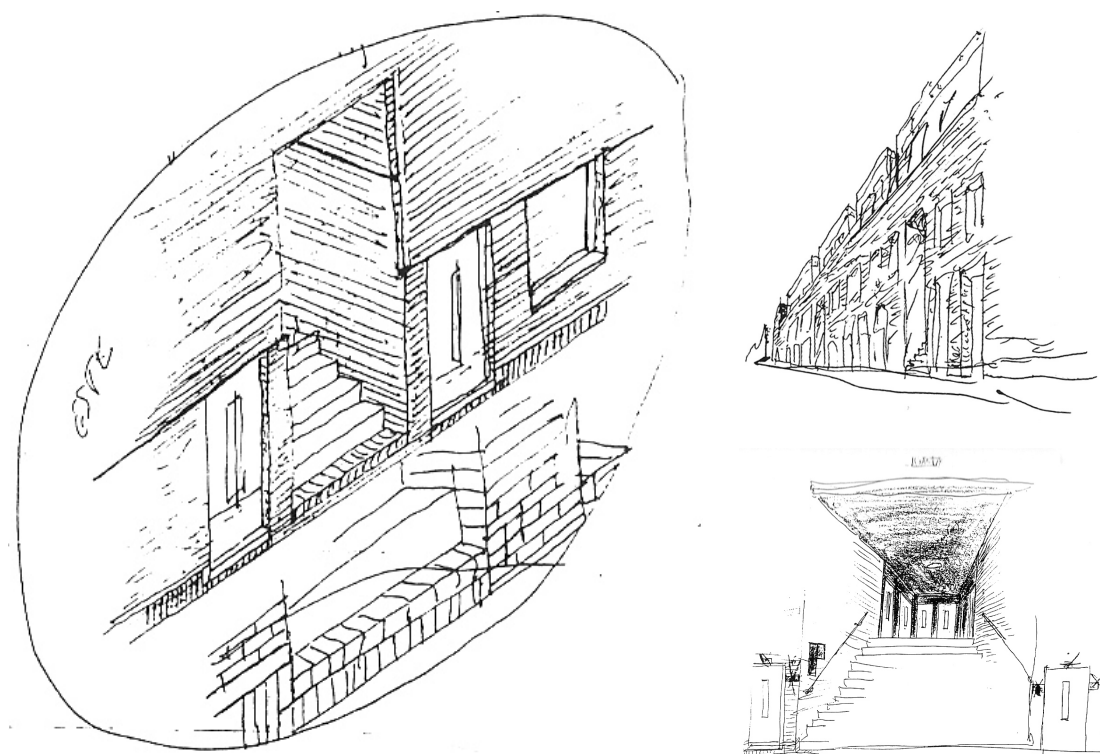


Fig. 112. Estudos diversos do *pórtico*, esquissos, Álvaro Siza.

4.4.1. A continuidade com a história do lugar

O primeiro plano de Siza, em Schilderswijk (1985-88), contempla uma área próxima da estação ferroviária de Hollands Spoor, onde o arquitecto propõe os blocos Punt en Komma. O segundo, em Doedijnstraat (1989-93), abrange um terreno mais amplo, junto ao jardim Jacob van Campenplein, onde quatro blocos exploram relações diferenciadas com a envolvente.

“Schilderswick é um bairro de grande tradição, com muito carácter, pelo que uma proposta que o alterasse constituiria uma violação”⁹⁹.

O terreno da primeira fase resulta da demolição da parte sudeste de três antigos quarteirões de forma alongada, quebrando a sua extensão. Com o pressuposto de consolidar a malha urbana, o arquitecto propõe dois blocos habitacionais nos quais prevalece a continuidade com o sistema existente. Efectivamente, Punt en Komma seguem os alinhamentos dos quarteirões adjacentes e respeitam a unidade arquitectónica local. O primeiro (A1) ocupa a área correspondente a dois quarteirões e define o encontro entre uma rua importante e a linha férrea, enquanto que o segundo (A2), de menores dimensões, reforça a frente para a mesma linha.

De acordo com o princípio de participação dos moradores, o arquitecto atendeu à recusa do acesso por galeria, acabando por recorrer ao conceito de *pórtico* – *“Apercebi-me que a tipologia tradicional do «pórtico», que durante anos esteve completamente abandonada, respondia bastante aos desejos e exigências dos representantes da população...”¹⁰⁰*. Esta solução convencional, que permite organizar a entrada directa nas habitações distribuídas por três pisos, é aqui adaptada aos blocos de quatro pisos. Deste modo, as fachadas são marcadas pela verticalidade do pórtico, que rompe um espaço comum onde se desenvolve um complexo conjunto de escadas. Para quebrar a monotonia e o carácter austero destes elementos, as janelas adjacentes são desenhadas caso a caso. Além disso, o recurso a uma única tipologia baseada numa solução tradicional confere unidade ao conjunto.

No que respeita às habitações, Siza determina que não deve haver *“casas especialmente desenhadas para os emigrantes islâmicos”¹⁰¹* para não fomentar a segregação racial. Com um só módulo habitacional, o arquitecto contempla as necessidades de uma minoria étnica sem esquecer a adequação a famílias de outros grupos culturais. Neste sentido, os apartamentos beneficiam de uma organização interna flexível, permitindo variações nas relações de privacidade, graças ao dimensionamento atento dos espaços e ao uso de portas de correr (fig. 114).

99 Álvaro Siza, *106 Viviendas en la Haia*, in *Quaderns d'arquitectura i urbanisme* 178, p. 16 (trad.)

100 Álvaro Siza, *106 Viviendas en la Haia*, in *Quaderns d'arquitectura i urbanisme* 178, p. 16 (trad.)

101 Álvaro Siza, *“salvando las turbulencias: entrevista con alvaro siza”*, in *El Croquis* 68/69 + 95 Álvaro Siza, p. 27 (trad.)

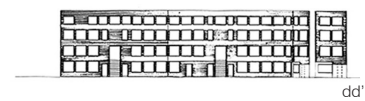
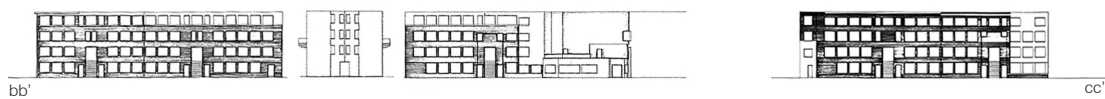
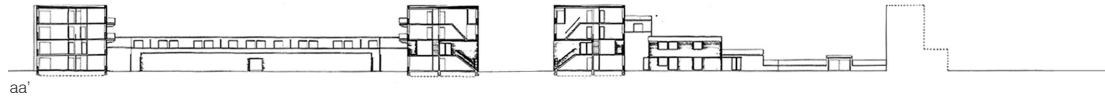
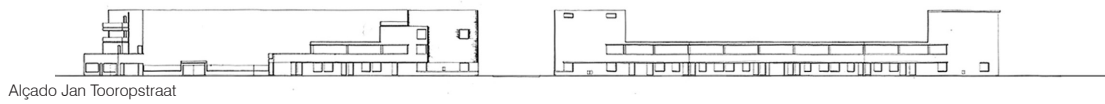


Fig. 113. Planta do nível térreo e secções dos blocos para Schiderswijk, Álvaro Siza.

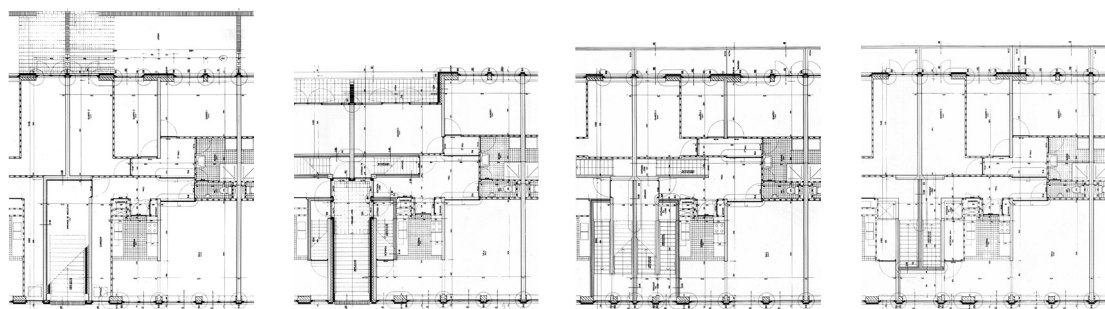


Fig. 114. Plantas do módulo habitacional, Schiderswijk, Álvaro Siza.

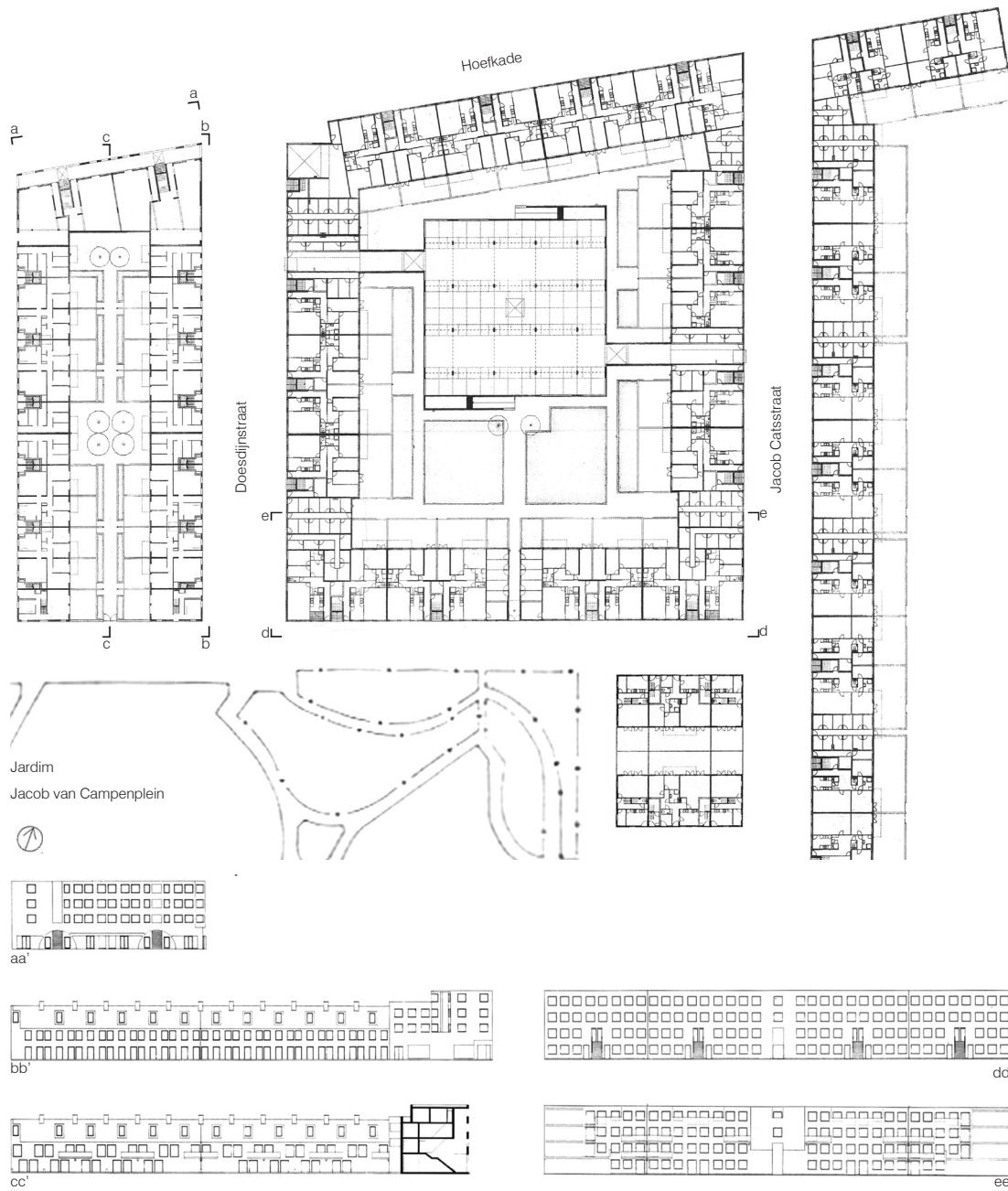


Fig. 115. Planta do nível térreo e secções dos blocos para Doedijnstraat, Álvaro Siza.

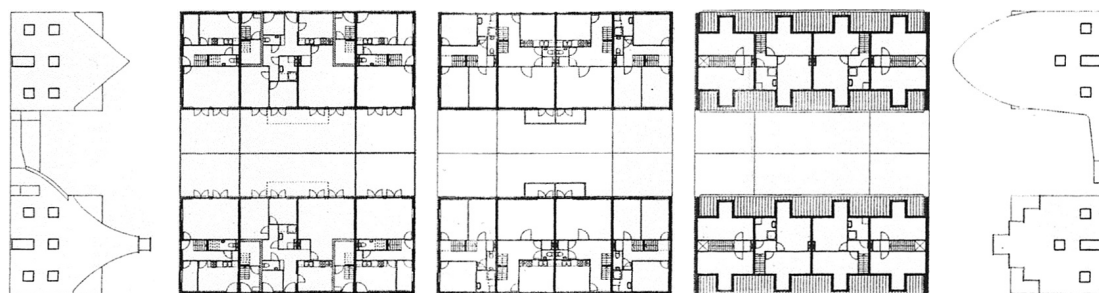


Fig. 116. Plantas do conjunto B4 e alçados dos topos, Doedijnstraat, Álvaro Siza.



Fig. 117. Pátio interno do bloco Punt, Schilderswijk.

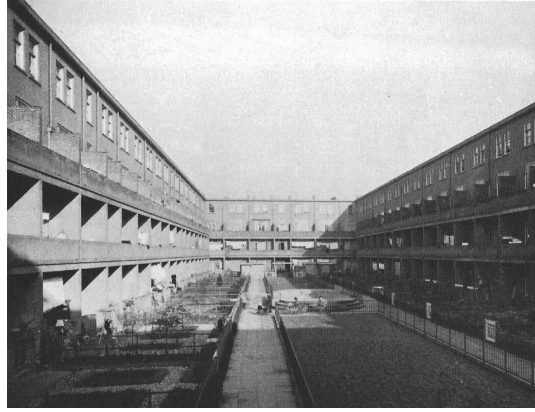


Fig. 118. Pátio interno em Tusschendijkjen, Rotterdam, J. P. P. Oud.



Fig. 119. Vista da fachada noroeste do bloco Punt, Schilderswijk.

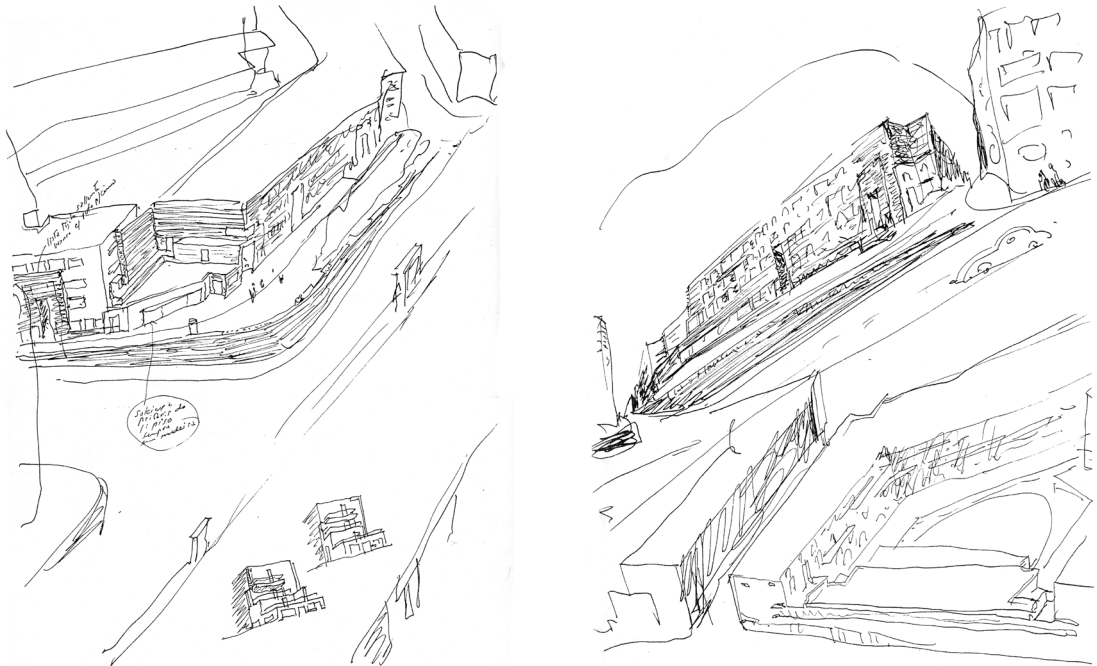


Fig. 120. Estudos de gavetos e um topo em Schilderswijk, esquisos, Álvaro Siza.

O princípio de proporcionar as mesmas condições para todas as famílias também rege o desenho do interior dos quarteirões. De facto, no bloco Punt, a partir das paredes de meação das habitações do nível térreo, estendem-se pequenos muros que definem pátios individuais, à semelhança de S. Vítor. No centro, o espaço é desenhado enquanto área recreativa destinada à utilização dos moradores. Esta concepção do pátio interno revela, novamente, a correspondência com a obra de J. J. P. Oud, agora Tusschendikjen (1920-21), em Roterdão. Para além da massa contínua que define o limite do quarteirão, estas obras partilham o desejo de restabelecer as vivências decorrentes de uma relação equilibrada entre o edificado e o espaço livre.

Por outro lado, junto à nova rua de carácter residencial a noroeste, a configuração do mesmo bloco altera-se no sentido da aproximação à escala dos edifícios contíguos, admitindo habitações de dois pisos diferenciadas pelo tijolo branco aparente. No nível superior, para compensar a parca iluminação decorrente da orientação da fachada, a composição de vãos é substituída por uma superfície de janelas contínuas. Já no bloco Komma, esta frente é permeável, com o acesso controlado através de muros e portões. Dada a dimensão do quarteirão, entende-se que a configuração aberta se deva a questões de salubridade e iluminação.

*“À primeira vista, os dois blocos do arquitecto português Álvaro Siza Vieira(...) estão tão cuidadosamente neutrais que parecem escapar a qualquer crítica. Contudo, uma pequena caminhada pelo Schilderswijk mostra-nos que é precisamente essa qualidade de indiscreta distinção que lhe é tão especial.”*¹⁰²

A inserção dos blocos na arquitectura local do séc. XIX traduz-se não só na tipologia adoptada, mas também na imagem austera de uma construção sólida. A redefinição da proporção dos vãos e a substituição dos telhados, que participam nos alçados, por coberturas planas são variantes que traduzem a vontade de destacar os blocos novos dos envolventes. Na adaptação às exigências do projecto, as convenções ganham novos significados, como são os casos da forma fragilizada dos gavetos e da tradição do tijolo aparente.

*“El problema entre espacio público y espacio privado se tornó muy ambiguo en los años cincuenta y sesenta en Holanda.”*¹⁰³

O desenho dos gavetos reflecte, também, a necessidade de esclarecer a relação entre diferentes níveis de espaço e entre construído e espaços livres. Sendo pedido um limite de quarteirão fechado, o projecto de Siza responde a esta exigência *“com uma forma que possibilita uma alteração futura”*, acreditando que *“Tudo poderá ser um espaço semi-privado ao modo de Berlim onde há penetrações livres dos quarteirões mas condicionadas e caracterizadas de formas distintas”*¹⁰⁴.

¹⁰² Arjen Oosterman, *Indiscreta Distinção*, in *Architécti* 3, p.22

¹⁰³ Álvaro Siza, *106 Viviendas en la Haia*, in *Quaderns d'arquitectura i urbanisme* 178, p. 16 (trad.)

¹⁰⁴ Álvaro Siza, *106 Viviendas en la Haia*, in *Quaderns d'arquitectura i urbanisme* 178, p. 16 (trad.)



Fig. 120. Vistas dos blocos Punt e Komma, gavetos e um topo, Schilderswijk.



Fig. 122. Vista do pátio interno do bloco B1, Doedijnstraat.



Fig. 123. Vistas da rua Hoefkade, gaveto no bloco B2 e arcadas no bloco B1, Doedijnstraat.

No bloco Punt, no encontro entre via principal e a linha férrea, poderia esperar-se um gaveto robusto à imagem do Bonjour Tristesse, mas Siza decompõe a escala do edifício. Ao eliminar os apartamentos de esquina, resta um estabelecimento comercial, ao nível térreo, que define o espaço público, tal como no topo norte do bloco Komma. Ambos os espaços comerciais são diferenciados pelo tijolo branco, material que se estende para o piso superior das fachadas ao longo da Vaillantlaan e da Marisstraat, destacando apenas três pisos, como resposta à imagem tradicional de três pisos e telhado presente no lado oposto da rua. Já no encontro entre a S. Robertsonstraat e a linha férrea, os gavetos assumem formas côncavas e parecem rematar o alargamento do espaço público em frente ao bloco Punt. De facto, a estrutura ortogonal das fachadas planas e contínuas é subvertida nos cunhais, quer para estabelecer relações específicas com o espaço público, quer para conduzir ao espaço interno dos quarteirões. Já o típico tijolo aparente é utilizado de um modo expressivo – jogando com o vermelho e o branco, diferenciam-se alguns momentos urbanos e elementos dos blocos.

No projecto posterior em Doedijnstraat, a nordeste do jardim Jacob van Campenplein, a proposta para o grande quarteirão de forma quadrilátera (B2) aproxima-se do bloco Punt. Definindo-se a partir da mesma tipologia, este é pontuado por pórticos na fachada de rua e por varandas na fachada interna. O interior do quarteirão desenha-se, também, como espaço de vizinhança – os pátios das habitações térreas envolvem um volume central, de um só piso, que alberga uma garagem, cuja cobertura constitui a área recreativa comum. Quanto ao perímetro construído, junto aos gavetos, Siza opta por quebrar o bloco em segmentos, mas ao manter a continuidade do nível térreo, destaca entradas para o pátio interno. Na frente sul, a ruptura e o conseqüente acesso ao interior do quarteirão desloca-se para uma posição central, motivada pela relação com o jardim público.

O bloco a nordeste (B3), cuja configuração em L decorre da necessidade de completar o que resta do quarteirão preexistente, dá continuidade à imagem do primeiro. Siza volta a quebrar o volume construído, definindo uma frente uma para a Hoefkade e um edifício linear, na perpendicular. O desenho dos gavetos quebrados, para além de induzir à entrada no interior do quarteirão, é fundamental para definir hierarquias, ao relacionar fachadas contínuas com ruas principais.

O bloco em forma de U (B1) consiste num corpo de quatro pisos de onde partem dois braços perpendiculares ao jardim Jacob van Campenplein. No primeiro corpo, Siza introduz algumas variações que interferem na imagem da rua Hoefkade, das quais se destacam a arcada comercial revestida a pedra e a substituição dos pórticos por dois arcos que assinalam as entradas recuadas das habitações. Quanto aos braços referidos, perante a proximidade de construções de menor escala, Siza reinterpreta as casas tradicionais de Haia – com apenas dois pisos e águas furtadas, a uma habitação térrea são sobrepostas casas duplex, também de

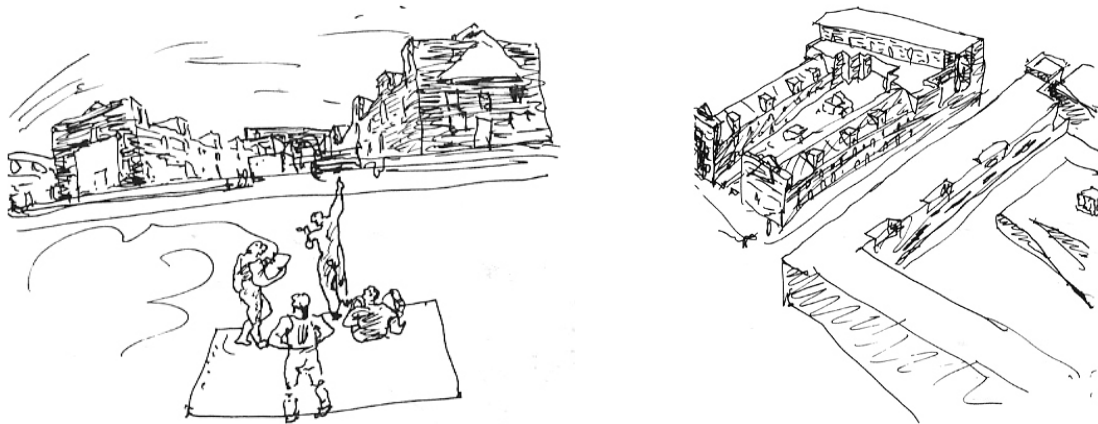


Fig. 124. Esquissos do blocos B4 e B1, Doedijnstraat, Álvaro Siza.



Fig. 125. Vista dos blocos de Doedijnstraat na relação com o jardim público.

acesso directo.

Com uma configuração semelhante, o último conjunto (B4) consiste em duas pequenas bandas habitacionais dispostas costas com costas, repetindo-se, entre ambas, os pátios ajardinados privados. Em ambos os casos, os topos desenhados de um modo expressivo voltam-se para o jardim, relacionando os pátios privados com este grande espaço público recreativo.

Na verdade, a relação entre os vazios sobre os quais o arquitecto trabalha e o espaço público conduzem a diferentes formas urbanas. Em Schilderswijk, a necessidade de consolidar a frente para a linha férrea leva ao desenho de blocos encerrados, enquanto que, em Doedijnstraat, os conjuntos B1 e B4 afastam-se da concepção convencional de quarteirão e abrem-se para o jardim público. A proposta da segunda fase incorpora, assim, um espectro mais amplo de variáveis que estabelecem relações múltiplas com a envolvente. Contudo, os quatro blocos diferenciados entendem-se enquanto parte integrante da mesma unidade, representando uma visão abrangente da arquitectura de Schilderswijk do séc. XIX.

A utilização do pórtico, uma convenção abandonada durante décadas, representa a mesma abordagem que levou à releitura da *ilha*, ou mesmo à reinterpretação de uma tipologia berlinense do século XIX. Mais uma vez, Siza recupera as características do lugar, reforçando a estrutura urbana e a unidade arquitectónica que caracterizam o bairro. Porém, não deixa de introduzir alterações, sem deixar que estas interfiram com a unidade da proposta. De facto, está aqui presente a unidade e a continuidade com a história da cidade.

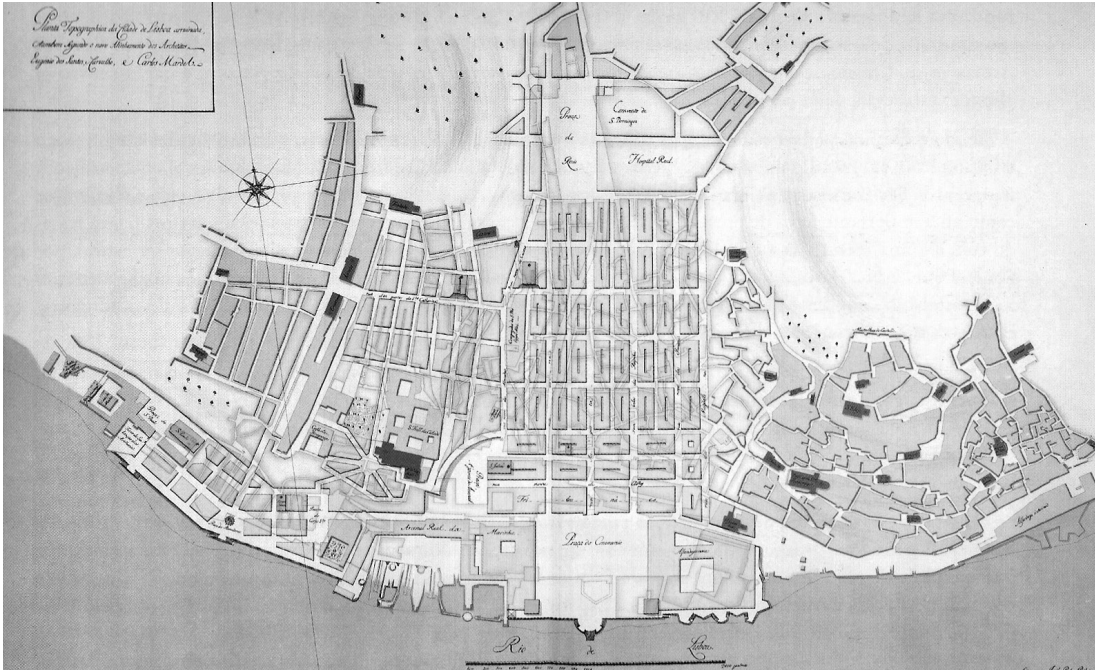


Fig. 126. Antiga trama destruída pelo terramoto e novo traçado da Baixa Pombalina – Planta de Eugéneo de Santos e Carlos Mardel, Junho de 1758.

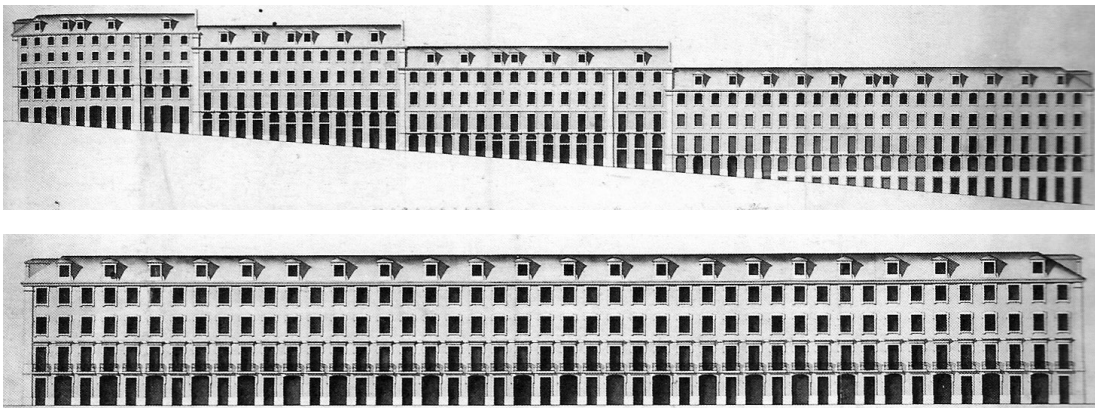


Fig. 127. Fachadas pombalinas, Rua Nova do Carmo e Rua Nova do Arsenal, Lisboa.



Fig. 128. Incêndio no Chiado, 25 de Agosto de 1988.

4.5. PLANO DE RECONSTRUÇÃO DO CHIADO (1988-...), LISBOA

Na segunda metade do séc. XVIII, em Lisboa, dá-se o desenvolvimento da burguesia e o capitalismo, que se opõem às relações de produção feudais, até então dominantes. No que respeita às alterações urbanas concretas, o reflexo desta ruptura foi acelerado pelo terramoto de 1775. Acompanhado de um maremoto e de um incêndio que durou vários dias, este destruiu grande parte da cidade, sobretudo o seu núcleo medieval à cota baixa.

A reconstrução imposta pelo Marquês de Pombal alterou profundamente o traçado urbano. Seguindo um modelo iluminista, desenha-se uma matriz ortogonal com uma hierarquização de vias definida em função do Rossio, centro comunitário, e do Terreiro do Paço, centro político e económico. Quanto à arquitectura da cidade, “*Existem inúmeros desenhos originais de fachada-tipo, referentes a edifícios de dois, três e quatro pisos, de arquitectura austera, caracterizada pela distribuição modelada dos vãos e pela ausência de ornatos*”¹⁰⁵. Contudo, a falta de planos para os interiores permite a sua adaptabilidade a diferentes usos ao longo dos tempos. É ainda de sublinhar o cálculo da distância entre construções, para evitar incêndios, e a invenção da «gaiola», uma estrutura de grossos barrotes de madeira, assente em estacas, com a função de suportar os pisos no caso da derrocada das paredes.

Também o Bairro da Pedreira, actual Chiado, foi afectado pela reconstrução, estando presente a unidade arquitectónica pombalina. Contudo, localizando-se entre o Bairro Alto e a Baixa, os quarteirões não admitem a regularidade prevista. No ponto mais alto do Chiado, o Convento do Carmo permanece em ruínas, relembrando este acontecimento trágico.

À medida que a cidade se expandiu, transportando as zonas residenciais para a periferia, o núcleo antigo foi-se especializando. Com o aparecimento de novas centralidades, deu-se a sua progressiva desertificação, para além da acentuação da hierarquização das ruas e do declínio da vida social, cultural e económica. Estes processos de transformação, que se estendem, mais uma vez, ao Chiado, juntamente com a existência de múltiplos espaços e passagens predominantemente clandestinos, contribuíram para a vulnerabilidade a situações de catástrofe.

Com efeito, a 25 de Agosto de 1988, a rápida propagação de um incêndio destrói parte do Chiado, deixando “*Ruínas. Fachadas descarnadas e buracos que libertam muros de suporte antiquíssimos, bocas de misteriosas galerias. Um esqueleto belíssimo e incompleto, um objecto frio e abstracto, a revelar Lisboa. Uma espécie de espelho que não reflecte*”¹⁰⁶. Em Abril de 1989, Siza é, então, solicitado para realizar o plano de reconstrução da zona sinistrada, desenvolvendo, posteriormente, uma proposta que diz respeito a parte do projecto inicial.

¹⁰⁵ Álvaro Siza, *Plano de pormenor para a recuperação da zona sinistrada do Chiado*, in Álvaro Siza : a reconstrução do Chiado : Lisboa, p. 52

¹⁰⁶ Álvaro Siza, *Chiado: o que é, o que será...*, in *Des mots de rien du tout / Palavras sem importância*, p. 26

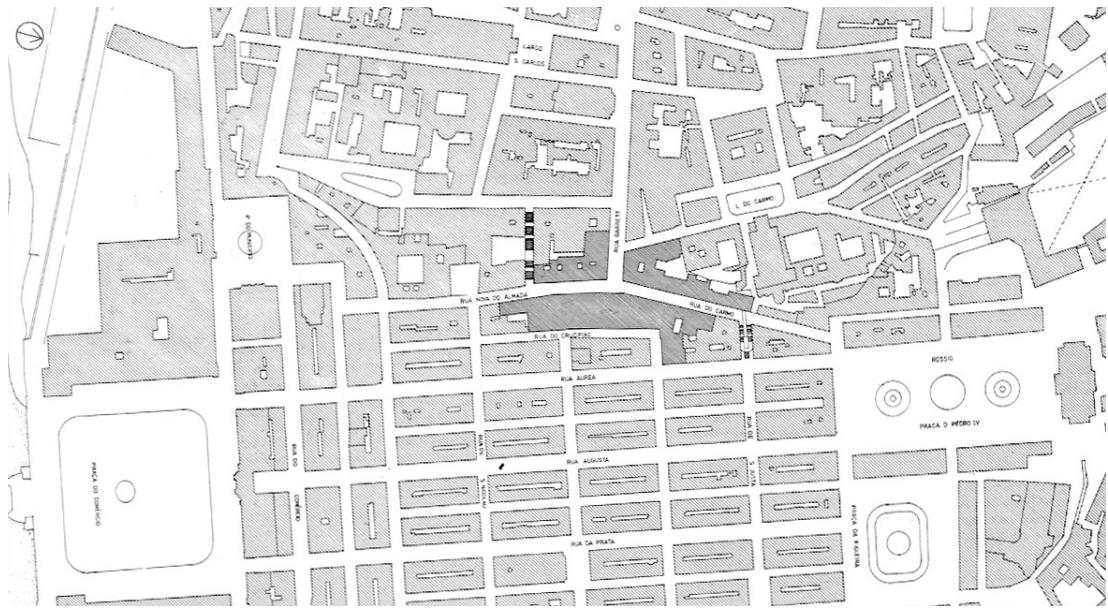


Fig. 129. Identificação da área sinistrada do Chiado.



Fig. 130. Vistas de ruas do Chiado, antes e após a reconstrução de fachadas.



Fig. 131. Vistas dos edifícios Chiado, em fase de reconstrução, e Grandella, após reconstrução.

4.5.1. A revelação de uma cidade do passado

*“É necessário manter o equilíbrio do centro histórico e não criar rupturas quando não há razões para tal. No caso do Chiado não há.”*¹⁰⁷

A área de intervenção, junto à intersecção das ruas Nova do Almada, Garret e do Carmo, foi determinada a partir dos quarteirões em que se integram os edifícios destruídos. Estes pertencem à reconstrução pombalina, exceptuando os grandes armazéns comerciais Grandella e Chiado. Ao intervir sobre uma parcela do centro histórico, Siza considera que não deve criar uma nova peça, mas recuperar a estrutura formal da cidade existente. Neste sentido, concordou com a reconstrução dos elementos arquitectónicos subsistentes, dando relevo à recuperação das fachadas. A especificação dos elementos arquitectónicos exteriores é um trabalho de detalhe minucioso, uma vez que *“dentro desta máquina sistemática, exactamente porque ela é muito rigorosa, existem quantidades enormes de diferenças de tal modo que se torna necessário fazer uma outra síntese”*¹⁰⁸. Outras directrizes, como a obrigatoriedade de respeitar a modelação original dos vãos no desenho dos espaços interiores, vão de encontro à mesma atitude de respeito pela arquitectura pombalina.

*“Durante o dia há um movimento intensíssimo, há vida. Se de noite isso desaparece, tal facto corresponde a distorções no uso central da cidade, que há de corrigir. O próprio incêndio tem a ver com esses aspectos: segurança, desequilíbrios, etc.”*¹⁰⁹

Consciente dos problemas que se estendem ao centro histórico, dos quais se destaca o abandono, o projecto centra-se na procura de soluções de reordenação funcional, mantendo tanto quanto possível o desenho original dos edifícios. Por um lado, Siza procura devolver o uso habitacional ao Chiado, pelo que são introduzidas algumas alterações ao sistema arquitectónico original, como a utilização de caixilharia dupla, fundadas na melhoria do conforto e das condições de salubridade, até agora em defeito. Por outro lado, é prevista a alteração das funções dos edifícios excepcionais, mantendo sempre a integridade do lugar. Efectivamente, tanto o Chiado, originalmente Convento de Espírito Santo da Pedreira, como o Grandella, uma construção de 1906, são elementos urbanos que se destacam no tecido habitacional. Respeitando, no primeiro, a estrutura material de *“um projecto tardo barroco nunca completamente realizado”*¹¹⁰ e, no segundo, os elementos decorativos de Arte Nova, Siza propõe a reconstrução de ambos, adaptando os espaços internos a novas funções. O Chiado acolhe um hotel com uma entrada

¹⁰⁷ Álvaro Siza, *A Propósito da reconstrução do Chiado*, in *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, p. 80

¹⁰⁸ Álvaro Siza, *Plano de pormenor para a recuperação da zona sinistrada do Chiado*, in *Álvaro Siza : a reconstrução do Chiado : Lisboa*, p. 52

¹⁰⁹ Álvaro Siza, *A Propósito da reconstrução do Chiado*, in *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, p. 79

¹¹⁰ Álvaro Siza, *Plano de pormenor para a recuperação da zona sinistrada do Chiado*, in *Álvaro Siza : a reconstrução do Chiado : Lisboa*, p. 52

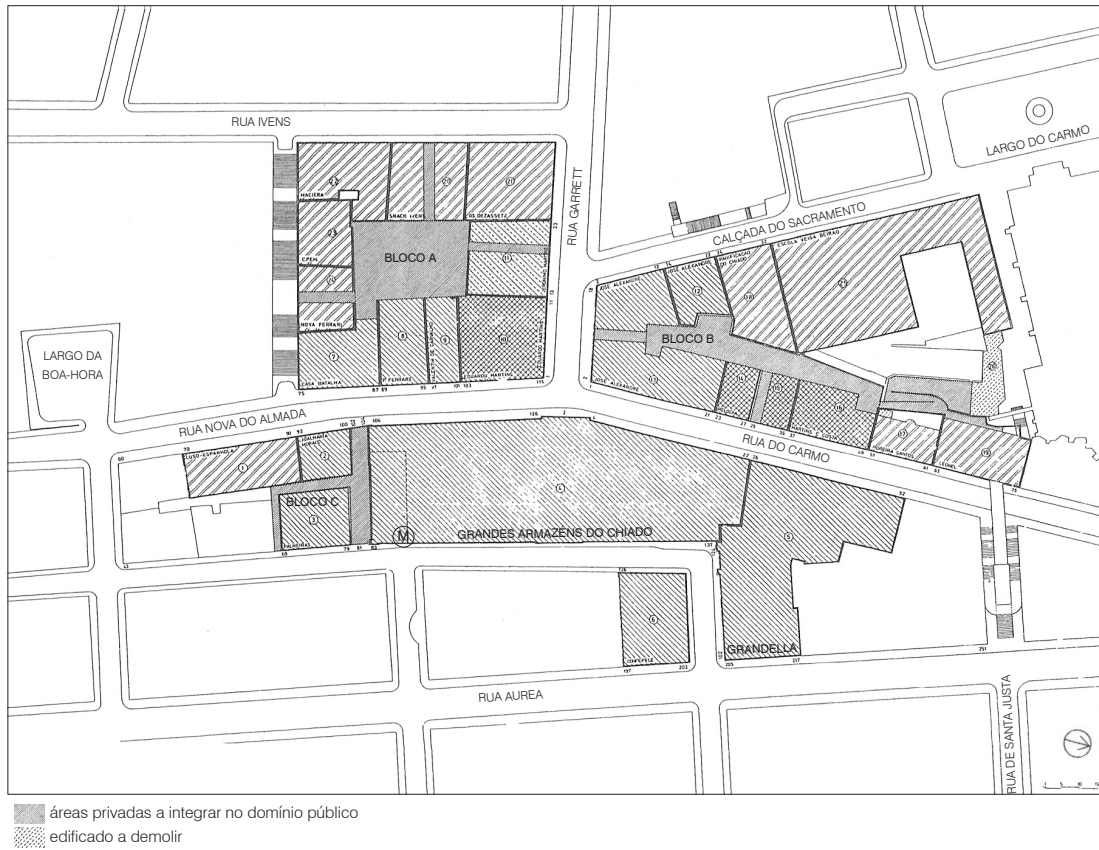


Fig. 132. Planta das áreas a integrar no espaço público.

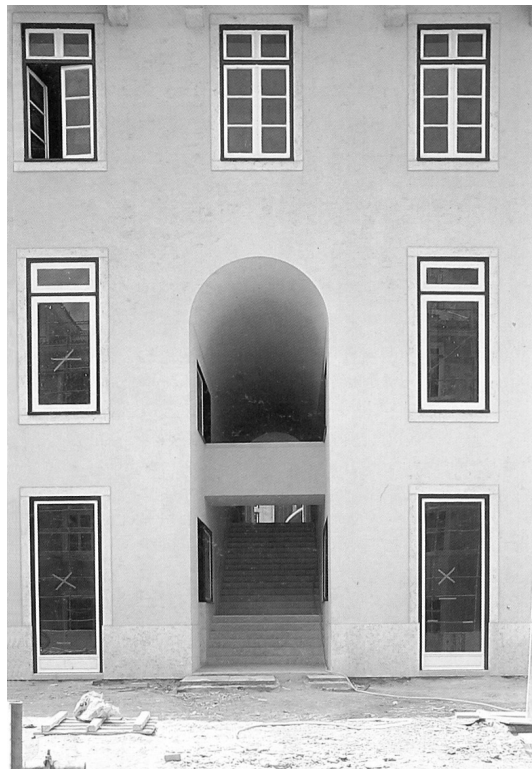


Fig. 133. A interferência dos pórticos nas fachadas pombalinas, esquisso de Álvaro Siza e vista aproximada.

interna para o metro e o Grandella um programa misto, com espaços de comércio, escritórios, áreas culturais e estacionamento. Ao alterar as funções dos edifícios excepcionais e possibilitar o retorno ao uso residencial, a recuperação do Chiado dá, então, lugar à reutilização e à revitalização de uma parcela da cidade histórica.

“O que pode ser

*Plataforma de distribuição. Um patamar onde é imprescindível passar e parar, uma aparição onde se vê a paisagem. Chiado essencial, enorme, sobre a Rua do Crucifixo.”*¹¹¹

O respeito pelo lugar leva, também, à necessidade de restabelecer o seu carácter de atravessamento, ou seja, devolver à cidade uma zona de transição entre a Baixa e o Bairro Alto. Neste sentido e consciente de que a vulnerabilidade da cidade é indissociável das estruturas urbanas que a constituem, Siza entende que é crucial reavaliar infra-estruturas, acessibilidades e espaços livres. Assim, repensa o carácter das ruas, introduz o acesso à estação de metro e cria novos espaços públicos.

Reavaliando as acessibilidades do lugar, Siza propõe o novo acesso à estação de metro na Rua do Crucifixo, nas traseiras dos antigos armazéns. Assim, altera fortemente o carácter da mesma – *“...uma rua de serviço da Baixa pombalina (...) passa a ser importante, na medida em que por aí entram e saem pessoas da Baixa e isso vai modificar o pendor do comércio...”*¹¹². A localização deste importante elemento urbano exige que sejam melhorados os acessos a esta rua. Neste sentido, Siza integra no domínio público uma faixa anteriormente ocupada pelo edifício Chiado e rasga aí uma nova escadaria. Esta prolonga, até à Rua do Crucifixo, o percurso existente entre a Rua Ivens e a Rua Nova do Almada, uma escadaria pública no limite sul do bloco A.

*“... o problema das fachadas não me interessava; poderiam ser conservadas ou não. Eu senti instintivamente que a questão da restauração do Chiado se encontrava atrás das fachadas, no interior dos quarteirões.”*¹¹³

Perante a densidade do tecido urbano, a necessidade de gerar espaços, de diversificar e ampliar os ciclos de actividade, conduz à expansão do trabalho para o interior do quarteirão. Uma vez que o plano pombalino não regulou para além das fachadas, Siza altera a configuração dos blocos ao redefinir a profundidade dos edifícios. Assim, o pátio interno ganha terreno e torna-se público. Para aceder ao interior, rompem-se passagens sob os grandes blocos, introduzindo-se o *pórtico* que, com uma escala e desenho próprios, quebra o ritmo regular das fachadas, e conduz a pátios que oferecem novas utilizações. Tal como em Kreuzberg ou em Haia, o sistema de convenções, que é, neste caso, a arquitectura pombalina, quebra-se para marcar

¹¹¹ Álvaro Siza, *Chiado: o que é, o que será...*, in *Des mots de rien du tout / Palavras sem importância*, p. 26

¹¹² Álvaro Siza, *A reconstrução do Chiado. Três anos depois*, in *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, p. 86

¹¹³ Álvaro Siza, *Progetto di recupero per l'area del Chiado, Lisbona, Domus 714*, p. 55 (trad.)

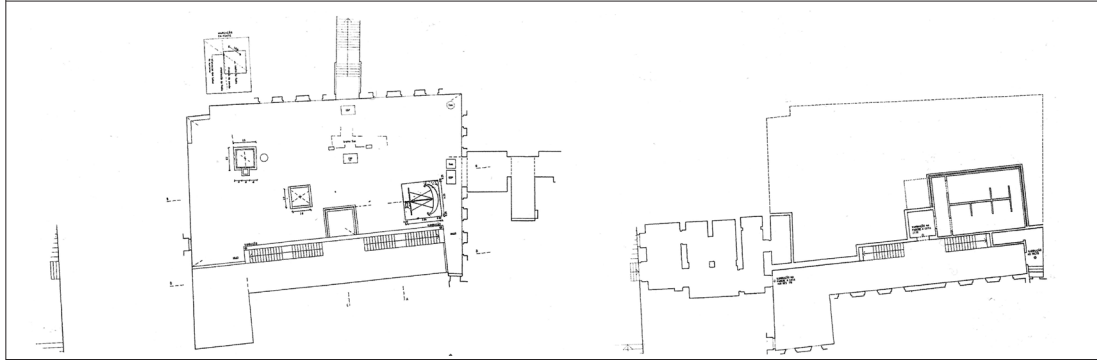
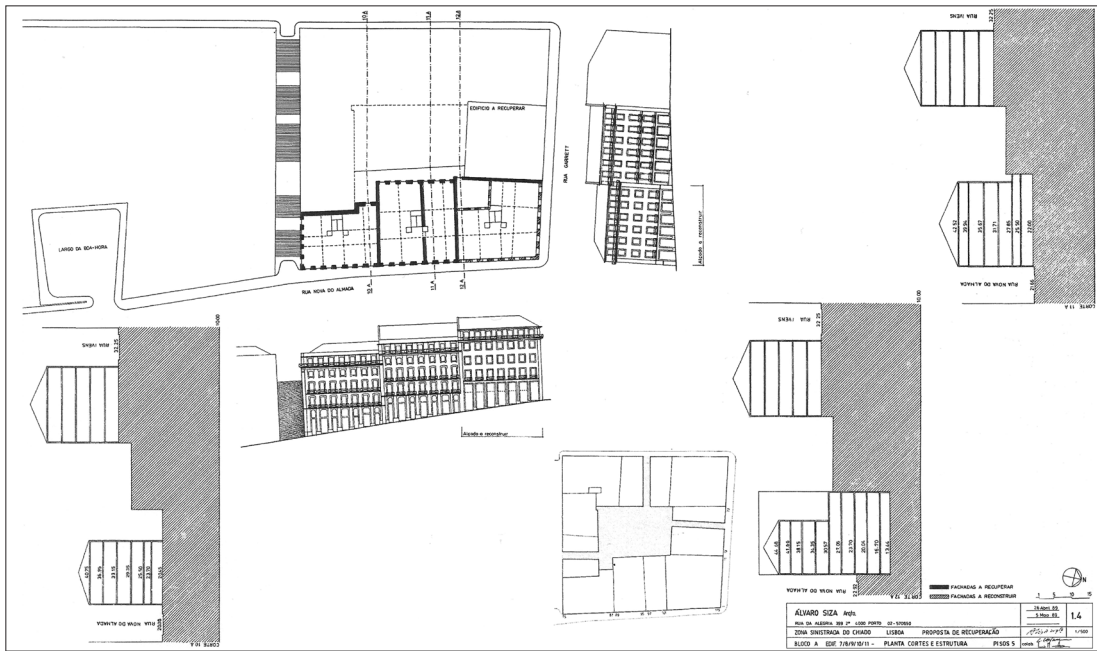


Fig. 134. Projecto de recuperação do bloco A e desenho do pátio interno, Álvaro Siza.

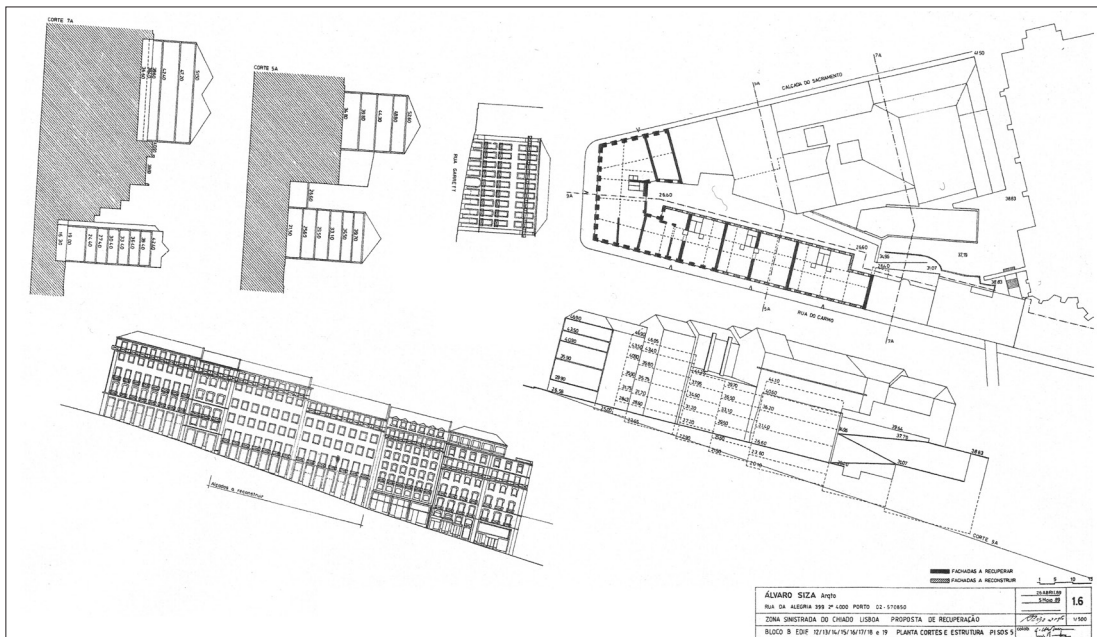


Fig. 135. Projecto de recuperação do bloco B.

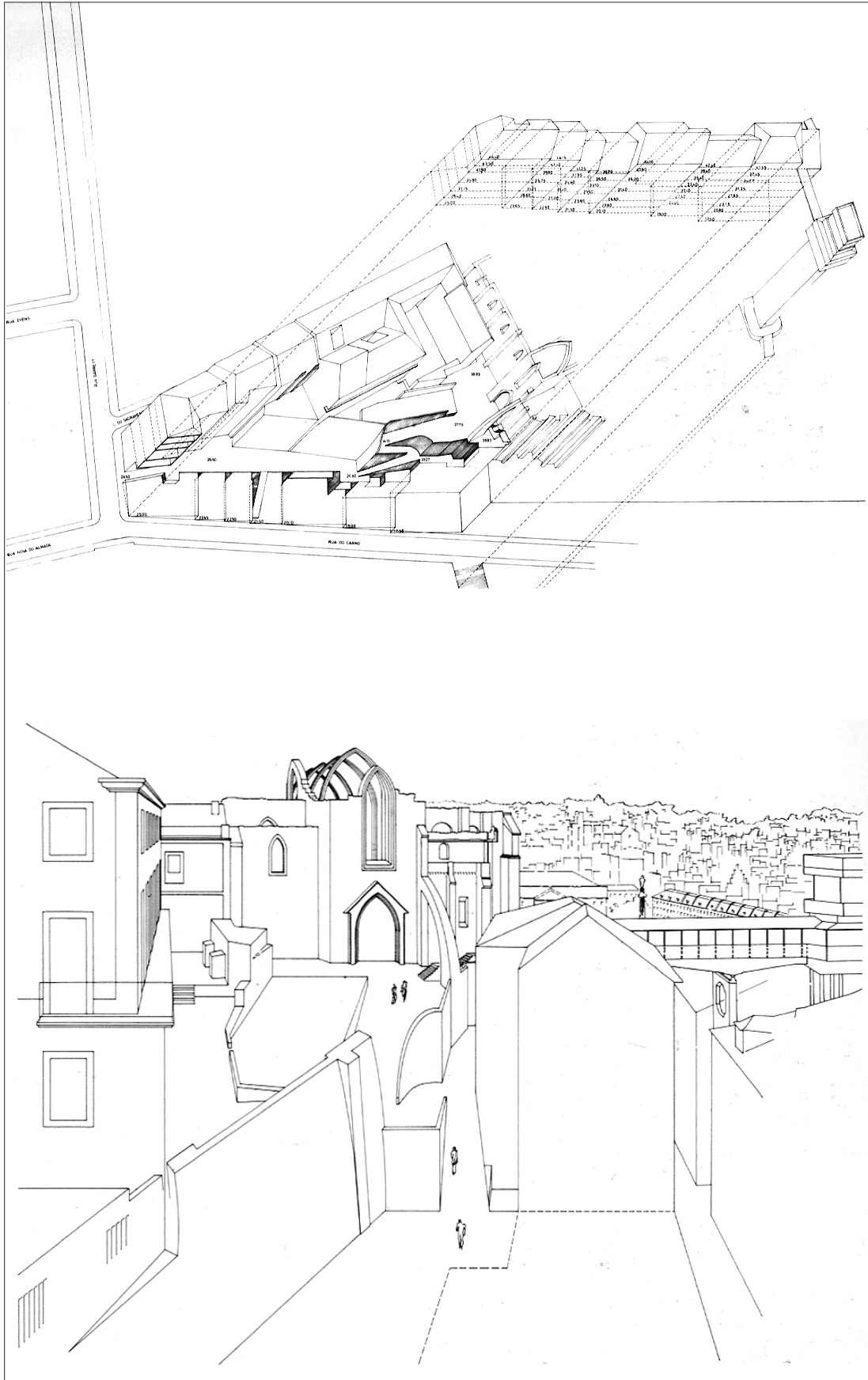


Fig. 136. Sistema de percursos integrado no bloco B.



Fig. 137. Interior do bloco A, Chiado, vista e esquisso de Álvaro Siza.

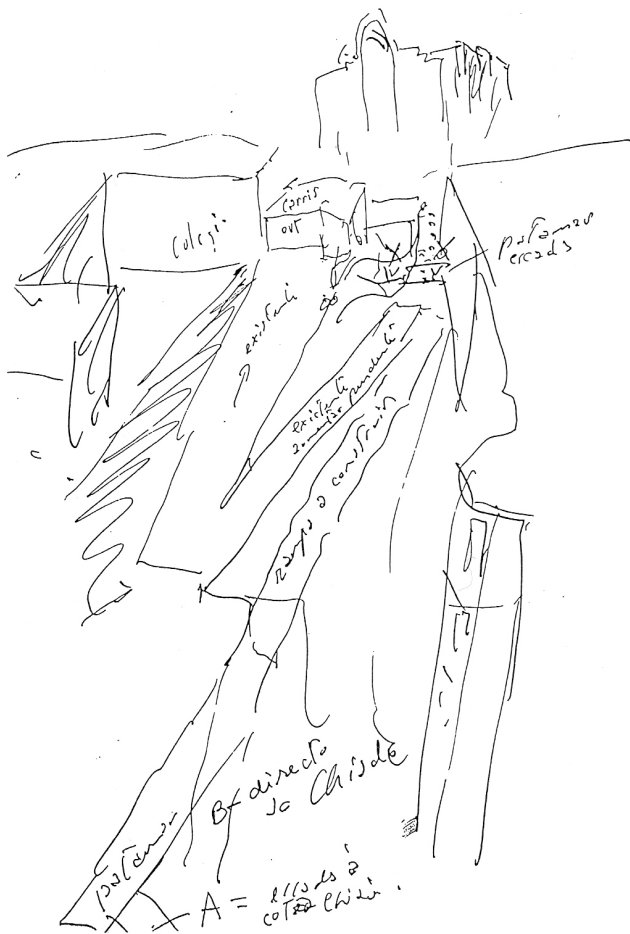


Fig. 138. Interior do bloco B, Chiado, esquisso de Álvaro Siza e vistas do percurso.

momentos excepcionais, voltando a estar presente a justaposição de novos elementos sobre os conservados.

No bloco A, o pátio interno é desenhado mediante a expansão do antigo logradouro e torna-se acessível através da abertura de passagens pedonais. Em cada fachada do bloco, à excepção do lado nascente, rasga-se um pórtico central, sem interferir com a modelação pombalina. O edificado, englobando as funções comercial e residencial, relaciona-se com um novo espaço que se prevê como lugar de encontro, alimentado por esplanadas e estabelecimentos comerciais.

Quanto ao bloco B, a possibilidade de reutilização do pátio dá lugar à criação de uma sucessão de rampas através de ligeiras modificações no declive do terreno, entre o tardo dos edifícios da Rua do Carmo e um muro de suporte. Nas fachadas do bloco, rompem-se passagens que denunciam a existência deste percurso – *“Na Rua Garrett, à esquerda e ao chegar ao Chiado, nota-se um portal magnífico em calcário, metal, madeira, vidro e espelhos. Este portal abre sobre uma alta Galeria, e há luz ao fundo. Apetece entrar(...) Há luz natural, interrompendo a fachada de sisudo desenho Pombalino, gente cruzando a Galeria, em contraluz; penumbra e reflexos”*¹¹⁴. Trata-se de um percurso pedonal que se divide para aceder ora ao elevador de Santa Justa, relacionando diferentes cotas da cidade, ora ao largo do Carmo, após o atravessamento pela lateral da Igreja. Fundando-se na vontade de estabelecer correspondências entre espaços identitários da cidade antiga, esta sucessão de espaços até ao ponto mais alto do bairro, afinal, segue o rumo de uma rua medieval, esquecida depois do terramoto – *“Só mais tarde encontrei os documentos que demonstravam a existência deste percurso...”*¹¹⁵. Siza revela, assim, uma outra cidade, obscurecida pelas transformações urbanas. De certo modo, este gesto remete para o projecto de S. Vítor, particularmente para a renovação da Travessa de Senhora das Dores, um percurso alternativo que a cidade oitocentista teria ignorado.

*“A grelha setecentista interrompe-se bruscamente quando atinge as colinas do Bairro Alto e de Alfama, deixando por resolver a relação com a peculiaridade do lugar. O trabalho do arquitecto torna-se portanto um trabalho de detective, que procura restabelecer correspondências antigas e vitais, traumáticamente cortadas e mal perceptíveis.”*¹¹⁶

A determinação do plano iluminista de Pombal contrasta com uma estratégia sensível e delicada, que dentro dos limites estabelecidos pelas especificidades do lugar, gera novos eventos que se fundam na busca de uma melhoria das condições de vida do centro da cidade. Assimilando factores comuns à luta contra a profunda decadência que habita o centro lisboeta, o plano ultrapassa, então, a recuperação de um tecido urbano destruído. O arquitecto aposta na capacidade de transformação de uso dos espaços, sem pôr em causa a sua identidade. Tal

¹¹⁴ Álvaro Siza, *Chiado: o que é, o que será...*, in *Des mots de rien du tout / Palavras sem importância*, p. 28

¹¹⁵ Álvaro Siza, *Navegando através do híbrido das cidades*, in *Imaginar a evidência*, p. 99

¹¹⁶ Álvaro Siza, *Navegando através do híbrido das cidades*, in *Imaginar a evidência*, p. 99

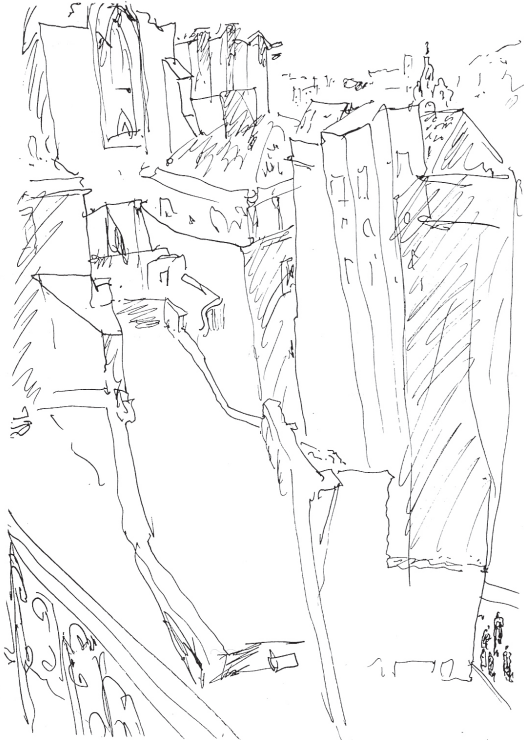


Fig. 139. Estudo dos patamares no interior do quarteirão B, Chiado, esquisso de Álvaro Siza.
Fig. 140. Vista do acesso às Ruínas do Carmo, Chiado.

como Aldo Rossi, acredita que o centro histórico não deve parar no tempo como um museu, sendo antes material construtivo e manipulável. Neste âmbito, explora as potencialidades do Chiado, libertando áreas, acedendo a logradouros e recriando o carácter de espaços. Cruzando novos e velhos elementos, reencontra uma cidade do passado que volta a estar disponível.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fluidez no processo de fazer arquitectura caracteriza a obra de Álvaro Siza. A naturalidade com que a complexidade da sua obra parece surgir demonstra a intensa capacidade de criar *lugares* a partir de uma leitura clara e objectiva dos *sítios*.

“A claridade e utilidade da arquitectura dependem do comprometimento na complexidade das transformações que cruzam o espaço; comprometimento que, no entanto, só transforma a Arquitectura quando, pelo desenho, atinge a estabilidade e uma espécie de silêncio, o território intemporal e universal da ordem.

(...) Quanto mais se compromete com as circunstâncias da sua produção, mais delas se liberta; «voz» por ser impassível condutor de vozes, medida e não limite da procura da perfeição.”¹¹⁷

A essência da sua arquitectura parece residir, essencialmente, no modo particular de conciliar a complexidade das circunstâncias, as referências próprias e as contaminações numa ideia de transformação do lugar. Quando tudo o que existe pode ser utilizado e toda a obra é absorção e transformação de outras realidades, a arquitectura ganha uma monumentalidade que reside na perpetuação de memórias de uma identidade colectiva. A obra de Siza revela esse carácter poético e evocativo.

¹¹⁷ Álvaro Siza, *Farmácia Moderna*, in *Álvaro Siza. Escritos*, p. 53

“Transformamos o espaço como nos transformamos a nós próprios: de súbito e sucessivamente, confrontados com «o outro», colectiva e individualmente.

A Natureza – criadora do Homem – e o Homem – inventor da Natureza – absorvem tudo, incorporando ou rejeitando o que os afecta.

*Partindo de fragmentos isolados, procuramos o espaço que os conforma.”*¹¹⁸

Procurando trabalhar com o que existe mas sem temer a intervenção transformadora, o método de Álvaro Siza assenta numa visão ampla da arquitectura e da cidade. Não só considera a complexidade do sítio e a multiplicidade dos elementos fragmentários que o habitam, como também as memórias e as temporaneidades que construíram a cidade. Se o diálogo com o sítio permite a descoberta das potencialidades do que já existe, a compreensão da memória, das vicissitudes antigas e novas que cruzam o espaço, serve a tentativa de recuperar o fio da continuidade histórica e a identidade do lugar. De certo modo, todas as cidades são temporariamente contemporâneas e cada momento da história corresponde uma nova ou renovada formalização do sítio, com os seus desígnios e conceitos próprios. Assim, o projecto é uma proposta de transformação do lugar e da cidade que, na conjugação entre o real e o desejo, procura uma unidade fundada tanto na história como nas exigências de transformação.

Este modo de *ver e fazer* cidade está presente nos projectos e obras aqui estudados. No Porto, a fracção construída do projecto de S. Vítor impõe uma nova ordem em que o passado é suporte do novo. Em Évora, *“As coisas em ruínas dão forma às novas estruturas, transfiguram-se, modificam-nas. Como a cauda de um cometa desprendem-se das catedrais. O mundo inteiro e a memória inteira do mundo continuamente desenharam a cidade.”*¹¹⁹. Em Berlim, propõe a *cicatrização* da forma da cidade a partir do fragmento enquanto reinterpretação da estrutura urbana preexistente. Em Macau, os diálogos variados entre a paisagem urbana e a nova extensão iluminam o seu património. Em Haia, a procura de um equilíbrio entre espaço construído e espaço livre leva à continuidade com a história da cidade. Por fim, em Lisboa, a revitalização de uma zona histórica conduz ao *desnudamento* de um estrato urbano do passado.

Por outro lado e de modos bem diversos, estes projectos e obras manifestam o trabalho sobre uma segunda cidade oculta pela cidade aparente. Este trabalho é condição de *“uma receptividade universal capaz de despertar as raízes da cada cidade, prolongando-as em caule, ramos, folhas, flores, frutos, em qualquer lugar”*¹²⁰. Seja o interior dos quarteirões, a periferia clandestina ou um estrato histórico obscurecido pelas posteriores transformações urbanas, Siza não permite o seu esquecimento ou negação. Reconhecendo a cidade enquanto facto colectivo e suporte de cruzamento de várias associações e dissociações, revela nas suas intervenções

¹¹⁸ Álvaro Siza, *A maior parte dos meus projectos*, in *01 textos por Álvaro Siza*, p. 300

¹¹⁹ Álvaro Siza, *Évora*, in *Álvaro Siza. Escritos*, p. 69

¹²⁰ Álvaro Siza, *Cidades*, in *01 textos por Álvaro Siza*, p.176

estas realidades que participam na *alma da cidade*.

“Todas as cidades são a minha cidade, à qual sempre regresso.

*Tudo é então diferente, pois conheço o que é diferente. Os olhos abrem-se à minha cidade, sou de novo um estranho maravilhado, capaz de ver: de fazer.”*¹²¹

Cada sítio e cada cidade têm uma essência que ultrapassa a sua materialidade. Este carácter próprio, vinculado ao espaço e ao tempo, depende também de quem o apreende, da visão pessoal do arquitecto, impregnando-o de possibilidades, restrições e memórias paralelas. Para Álvaro Siza, *“Há uma segunda Cidade no interior de cada Cidade. Irreal, imaginária, feita de casas demolidas e de projectos demolidos e, contudo, presentes. A maior parte do trabalho do arquitecto tem a ver com esta segunda cidade. E nunca é um trabalho perdido.”*¹²².

121 Álvaro Siza, *Cidades*, in *01 textos por Álvaro Siza*, p.176

122 Álvaro Siza, *Discurso XV da Cooperativa Boa Vontade*, in *Álvaro Siza: Bairro da Malagueira*, p.107 (trad)

BIBLIOGRAFIA

- Aldo Rossi : *architetture : 1959-1987*, a cura di Alberto Ferlenga, Milano, Electa, 1987
- Álvaro Siza: *1954-1976*, ed. Luiz Trigueiros, textos de Paulo Martins Barata, Lisboa, Editorial Blau, 1997.
- Álvaro Siza: *1986-1995*, ed. Luiz Trigueiros, textos de Álvaro Siza, Lisboa, Editorial Blau, 1995.
- Álvaro Siza. *Architetto 1954-1979*, Idea Editions e Edizione del Padiglione dell'Arte contemporanea di Milano, 1979.
- Álvaro Siza : *a reconstrução do Chiado : Lisboa*, ed. Carlos Castanheira e Luís Mendes, Porto, ICEP, 1997.
- Álvaro Siza : *desenhos urbanos*, ed. Brigitte Fleck, pref. Norman Foster, texto de Álvaro Siza e Wilfried Wang, edição trilingue, Basel, Birkhauser, 1994.
- Álvaro Siza, *Obras e Projectos*, catálogo editado por Pedro de Llano e Carlos Castanheira, Madrid, C.O.A.G., Electa, 1995.
- Álvaro Siza Vieira : *Porto : Lisboa : Seminar Woch.*, Zurich, Architectur abteilung eth, 1986.
- Álvaro Siza : *uma questão de medida*, entrevistas por Dominique Machabert, Laurent Beaudouin, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009.
- Alvar Aalto, Zurich, Architecture Artemis, 1990.
- As cidades de Álvaro Siza*, ed. Carlos Castanheira, Chiara Porcu, 1ª edição, Lisboa, Figuerinhas, 2001.
- A arquitectura do Século XX, Portugal*, org. Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang, Munique, Prestel, 1997.
- CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza : exposição : arquitectura e renovação urbana em Portugal*, Lisboa, M.C., 1984.
- FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza : tutte le opere*, Milão, Electa, 2005.
- FRAMPTON, Kenneth, *Profésion poética*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1988.
- FRAMPTON, Kenneth, *História crítica de la arquitectura moderna*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1981.
- J. J. P. Oud, a cura di Umberto Barbieri, Bologna, Zanichelli, 1990.
- LE CORBUSIER, *El Urbanismo de los tres establecimientos humanos*, Buenos Aires, Poseidón, 1964.
- LE CORBUSIER, *Vers une Architecture*, Editions Vincent, Freal & Cie, Paris, 1958.
- MARTÍ ARÍS, Carlos, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna: vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, ed. Carlos Martí Arís, Barcelona, Ediciones UPC, 2000.
- MOLTINELLI, Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ediciones UPC, 1997.
- MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estrategia proyectual: en la obra de ocho arquitectos contemporáneos*, Barcelona, Actar, 2004.
- MURO, Carles, *Álvaro Siza. Escrits*, edição bilingue, Barcelona, Ediciones U.P.C., 1994.
- MONESTIROLI, Antonio, *La arquitectura de la realidad*, Barcelona, Demarcación de Barcelona del Colegio de Arquitectos de Cataluña y Ediciones del Serbal, 1993.
- OUD, J. J. Pieter, *Mi trayectoria en «De Stijl»*, selec. e introd. Charo Grego, Valência, Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos de Murcia, Galería-Librería Yerba de Murcia, Consejería de Cultura y Educación de la Comunidad Autónoma de Murcia, Dirección General de Arquitectura y Vivienda de MOPU, 1986.
- O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994.
- Proyecto y Ciudad Historica, I Seminario Internacional de Arquitectura en Compostela*, dir. Aldo Rossi, trad. António Arnesto, C.O.A.G., 1976.
- ROSSI, Aldo, *La arquitectura de la ciudad*, 2.ª edición ampliada, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2007.
- ROSSI, Aldo, "Adolf Loos: 1870-1933", "Arquitectura para ls museos", in *Para una arquitectura de tendencia, escritos 1956-1972*, selec. Ronaldo Bonicalzi, prol. Carlos Martí Arís, Barcelona, Gustavo Gili, 1977.

SIZA, Álvaro, *01 textos por Álvaro Siza*, ed. Carlos Campos Morais, Porto, Civilização ed., 2009

SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, pref. Vittorio Gregotti, Lisboa, Edições 70, 2000.

SIZA, Álvaro, *Des mots de rien de tout, Palavras sem importância*, recol. e trad. Dominique Machabert, edição bilingue, Saint-Étienne, Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2002.

SIZA, Álvaro, *Álvaro Siza : obras y proyectos, 1954-1992*, ed. José Paulo dos Santos, intr. Peter Testa e Kenneth Frampton, Barcelona, Gustavo Gili, 1993.

TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação popular na cidade oitocentista: as ilhas do Porto*, prefácio de Fernando Távora, Lisboa, F.C.G., 1996.

TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza*, trad. José Quintão, Porto, FAUP, 1988.

Artigos e periódicos

Architécti 3, Lisboa, Editora Trifório, Dezembro 1989.

Architecture and Urbanism 12 (123), A+U publishing Co., Tokyo, December 1980.

COSTA, Alexandre Alves, A Ilha Proletária como Elemento Base do Tecido Urbano. Algumas Considerações sobre um Título Enigmático, in *J. A. n.º 204*, "A questão do alojamento I", Lisboa, Janeiro/Fevereiro 2002.

L'Architecture D'Aujourd'Hui 185 "Portugal", Paris, Dezembro 1991.

L'Architecture D'Aujourd'Hui 278 "Alvaro Siza", Paris, Dezembro 1991.

LIMA, Miguel, "Loosing the Connections of Hills and Sea: A Review of Macao's NAPE planning", in *World Architecture: Macau: Architecture and Urbanism in the First Post-Handover, 1999-2009*, Beijing, Tsinghua University, 2009.

NICOLIN, Pierluigi, "Álvaro Siza: tre progetti per Kreuzberg, Fraenklufer-Kottbusserstrasse-Schlesisches Tor", in *Lotus internacional* 32, Milão, 1981.

SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976.

SIZA, Álvaro, "Entretien avec alvaro siza", entrevista por Christine Rousselot e Lauren Beaudouin, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC)* 44, Paris, 1978.

SIZA, Álvaro, "Interview", *L'Architecture d'Aujourd'hui* 211, "Alvaro Siza Vieira: projets et réalisations de 1970 à 1980", Paris, October 1980.

SIZA, Álvaro, "Bonjour tristesse : Storia di un progetto", in *Lotus internacional* 41, Milão, 1984.

SIZA, Álvaro, "106 Viviendas en la Haia", in *Quaderns d'arquitectura i urbanisme* 178, Barcelona, 1988.

SIZA, Álvaro, "Progetto di recupero per l'area del Chiado, Lisbona", entrevista por Giacomo Borella, *Domus* 714, Milão, Março 1990.

SIZA, Álvaro, PALMER & TURNER, "Novos Aterros de Porto Exterior - NAPE", in *Macaensis Monumentum : a fragment of Architecture : a moment in the history of the development of Macau*, ed. Jon A. Prescott, Macau, Hewell Publ., 1993.

SIZA, Álvaro, "Salvando las turbulencias: entrevista con Álvaro Siza", Alejandro Zaera, *El Croquis* 68/69 + 95 *Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis editorial, 2000.

TEIXEIRA, Manuel C., *Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das «ilhas» da cidade do Porto*, in *Sociedade e território n.º 2*, Porto, Edições Afrontamento, Fevereiro 1985.

TESTA, Peter, BRINKERT, Peter, *Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza*, in *Casabella* 559, Milão, Julho/Agosto 1989.

TESTA, Peter, "Cosa Mentale: a arquitectura de Álvaro Siza", *Álvaro Siza*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

"Um quadrado a menos", mesa redonda com Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, Domingos Tavares, Eduardo Souto de Moura e Sérgio Fernandez, in *J. A. n.º 208*, "A Condição Pós-Moderna", Lisboa, Novembro/Dezembro 2002.

CRÉDITOS DE IMAGENS

Capa - Álvaro Siza: 1954-1976, ed. Luiz Trigueiros, textos de Paulo Martins Barata, Lisboa, Blau, 1997, p. 211.

Capítulo 2 - *Architecture and Urbanism 12* (123), A+U publishing Co., Tokyo, December 1980, p. 67.

Fig. 1 e 2 - Montagem pessoal sobre imagens cartográficas do Arquivo Histórico Municipal do Porto.

Fig. 3 - TEIXEIRA, Manuel C., *Habituação popular na cidade oitocentista : as ilhas do Porto*, Lisboa, F.C.G., 1996, p. 187, 188 e 268.

Fig. 4 - TEIXEIRA, Manuel C., *Habituação popular na cidade oitocentista : as ilhas do Porto*, Lisboa, F.C.G., 1996, p. 195.

Fig. 5 - TEIXEIRA, Manuel C., "Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das «ilhas» da cidade do Porto", in *Sociedade e território n.º 2*, Porto, Edições Afrontamento, Fevereiro 1985, p. 87.

Fig. 6 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus Internacional 13*, Milão, 1976, p. 85.

Fig. 7 - MARTÍ ARÍS, Carlos, *Las formas de la residencia en la ciudad moderna: vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, ed. Carlos Martí Arís, Barcelona, Ediciones UPC, 2000, p. 25.

Fig. 8 - BANDEIRINHA, José António, *O processo Saal e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2007, p. 409.

Fig. 9 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus Internacional 13*, Milão, 1976, p. 80 e 83; Planta da Cidade do Porto de 1952, do Arquivo Histórico Municipal do Porto (montagem pessoal).

Fig. 10 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional 13*, Milão, 1976, p. 83 (adaptado).

Fig. 11, 12 e 13 - FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza : tutte le opere*, Milão, Electa, 2005, p. 149 e 150.

Fig. 14 - *As cidades de Álvaro Siza*, ed. Carlos Castanheira, Chiara Porcu, Lisboa, Figuerinhas, 2001.

Fig. 15 - SIZA, Álvaro, *Álvaro Siza : obras y proyectos, 1954-1992*, ed. José Paulo dos Santos, intr. Peter Testa e Kenneth Frampton, Barcelona, Gustavo Gili, 1993, p. 108.

Fig. 16 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional 13*, Milão, 1976, p. 85.

Fig. 17 - *Alvaro Siza. Architetto 1954-1979*, Padiglione dell'Arte contemporanea di Milano, 1979; SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional 13*, Milão, 1976, p. 85.

Fig. 18 - *L'Architecture d'Aujourd'hui 211*, "Alvaro Siza Vieira: projets et réalisations de 1970 à 1980", Paris, October 1980, p. 38.

Fig. 19 - *L'Architecture d'Aujourd'hui 211*, "Alvaro Siza Vieira: projets et réalisations de 1970 à 1980", Paris, October 1980, p. 39; SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional 13*, Milão, 1976, p. 85.

Fig. 20 - SIZA, Álvaro, "Entretien avec alvaro siza", entrevista por Christine Rousselot e Lauren Beaudouin, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC) 44*, p. 38.

Fig. 21 - *Álvaro Siza: 1954-1976*, ed. Luiz Trigueiros, textos de Paulo Martins Barata, Lisboa, Blau, 1997, p. 186.

Fig. 22 - SIZA, Álvaro, *Álvaro Siza : obras y proyectos, 1954-1992*, ed. José Paulo dos Santos, intr. Peter Testa e Kenneth Frampton, Barcelona, Gustavo Gili, 1993, p. 111.

Fig. 23 - Imagem do arquivo do gabinete de Álvaro Siza.

Fig. 24 - TESTA, Peter, *Álvaro Siza*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 48.

Fig. 25 - *J. J. P. Oud*, a cura di Umberto Barbieri, Bologna, Zanichelli, 1990, p. 103.

Fig. 26 e 27 - SIZA, Álvaro, "Entretien avec alvaro siza", entrevista por Christine Rousselot e Lauren Beaudouin, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC) 44*, p. 38.

Fig. 28 - *Alvaro Siza. Architetto 1954-1979*, Padiglione dell'Arte contemporanea di Milano, 1979; SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional 13*, Milão, 1976, p. 92.

Fig. 29 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 92.

Fig. 30 - Álvaro Siza Vieira : Porto : Lisboa : Seminar Woch., Zurich, Technische Hochschule, 1986, p. 98; SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 89.

Fig. 31 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 88 e 89.

Fig. 32 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 89.

Fig. 33 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 90 e 91.

Fig. 34 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 92.

Fig. 35 - *L'Architecture D'Aujourd'Hui* 278 "Álvaro Siza", Paris, Dezembro 1991, p. 62; SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 89.

Fig. 36 - Álvaro Siza : *desenhos urbanos*, ed. Brigitte Fleck, pref. Norman Foster, texto de Álvaro Siza e Wilfried Wang, edição bilingue, Basel, Birkhauser, 1994, p. 224 e 227.

Capítulo 3 - *Architecture and Urbanism* 12 (123), A+U publishing Co., Tokyo, 1980, p. 65.

Fig. 37 - Imagem do arquivo do gabinete de Álvaro Siza; *L'Architecture D'Aujourd'Hui* 185 "Portugal", Paris, Dezembro 1991, p. 53.

Fig. 38 - Álvaro Siza: 1954-1976, ed. Luiz Trigueiros, textos de Paulo Martins Barata, Lisboa, Blau, 1997, p. 28, 29 e 30.

Fig. 39 - Imagens do arquivo do gabinete de Álvaro Siza.

Fig. 40 - TESTA, Peter, *Álvaro Siza*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 30.

Fig. 41 - *El Croquis* 68/69 + 95 Álvaro Siza, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 68 e 70.

Fig. 42 - TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza*, trad. José Quintão, Porto, FAUP, 1988, p. 134.

Fig. 43 e 44 - MARTÍ ARÍS, Carlos, *Las formas de la residència en la ciudad moderna : vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, 2ª edição, Barcelona, Ed. UPC, 2000, p. 74 e 76.

Fig. 45 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 83 (adaptado).

Fig. 46 - *As cidades de Álvaro Siza*, ed. Carlos Castanheira, Chiara Porcu, Lisboa, Figuerinhas, 2001.

Fig. 47 - SIZA, Álvaro, "Entretien avec alvaro siza", entrevista por Christine Rousselot e Lauren Beaudouin, in *Architecture Mouvement Continuité (AMC)* 44, Paris, 1978, p. 38.

Fig. 48 - *J. J. P. Oud*, a cura di Umberto Barbieri, Bologna, Zanichelli, 1990, p. 119.

Fig. 49 - SIZA, Álvaro, "L'isola proletária come elemento base del tessuto urbano", in *Lotus internacional* 13, Milão, 1976, p. 93.

Fig. 50 - MARTÍ ARÍS, Carlos, *Las formas de la residència en la ciudad moderna : vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, 2ª edição, Barcelona, Ed. UPC, 2000, p.35.

Fig. 51 - Álvaro Siza Vieira : Porto : Lisboa : Seminar Woch, Zurich, Eidg. Technische Hochschule, 1986, p. 88.

Fig. 52 - MARTÍ ARÍS, Carlos, *Las formas de la residència en la ciudad moderna : vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, 2ª edição, Barcelona, Ed. UPC, 2000, p. 39.

Fig. 53 - *J. J. P. Oud*, a cura di Umberto Barbieri, Bologna, Zanichelli, 1990, p. 99.

Fig. 54 - Álvaro Siza: 1954-1976, ed. Luiz Trigueiros, textos de Paulo Martins Barata, Lisboa, Blau, 1997, p. 179.

Fig. 55 - Álvaro Siza: 1954-1976, ed. Luiz Trigueiros, textos de Paulo Martins Barata, Lisboa, Blau, 1997, p. 177.

Fig. 56 - TESTA, Peter, *Álvaro Siza*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 46.

Fig. 57 - MARTÍ ARÍS, Carlos, *Las formas de la residència en la ciudad moderna : vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*, 2ª edição, Barcelona, Ed. UPC, 2000, p. 186.

- Fig. 58 - FERNANDES, Fátima, CANNATÁ, Michele, *Formas urbanas*, Porto, Asa, 2002, p. 62.
- Fig. 59 - <http://rubens.anu.edu.au/>; ROSSI, Aldo, *La arquitectura de la ciudad*, 2.ª edição ampliada, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2007, p. 57.
- Fig. 60 - http://pt.wikipedia.org/wiki/Palácio_de_Diocleciano
- Fig. 61 - Aldo Rossi : *architetture : 1959-1987*, a cura di Alberto Ferlenga, Milano, Electa, 1987, p.33 e 35.
- Fig. 62 - TESTA, Peter, *Álvaro Siza*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 34; Fotografia pessoal.
- Fig. 63 - TESTA, Peter, *Álvaro Siza*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 35; Fotografia pessoal.
- Fig. 64 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 118.
- Capítulo 5 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ediciones UPC, 1997, p. 8.
- Fig. 65 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 17.
- Fig. 66 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 18.
- Fig. 67 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 123 e 122.
- Fig. 68 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 49.
- Fig. 69 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 52 e 54.
- Fig. 70 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 20.
- Fig. 71 - As cidades de Álvaro Siza, ed. Carlos Castanheira, Chiara Porcu, Lisboa, Figueirinhas, 2001.
- Fig. 72 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 85 e 86.
- Fig. 73 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 80.
- Fig. 74 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 26.
- Fig. 75 - SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, pref. Vittorio Gregotti, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 102; SIZA, Álvaro, *Álvaro Siza : obras y proyectos, 1954-1992*, ed. José Paulo dos Santos, intr. Peter Testa e Kenneth Frampton, Barcelona, Gustavo Gili, 1993, p. 116.
- Fig. 76 - SIZA, Álvaro, *Álvaro Siza : obras y proyectos, 1954-1992*, ed. José Paulo dos Santos, intr. Peter Testa e Kenneth Frampton, Barcelona, Gustavo Gili, 1993, p. 116 e 117.
- Fig. 77 - As cidades de Álvaro Siza, ed. Carlos Castanheira, Chiara Porcu, Lisboa, Figueirinhas, 2001.
- Fig. 78 - MOLTENI , Enrico, *Álvaro Siza : Barrio de la Malagueira, Évora*, trad. Carles Muru, Maurici Pla, Barcelona, Ed. UPC, 1997, p. 36.
- Fig. 79 - FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza : tutte le opere*, Milão, Electa, 2005, p. 108; <http://www.urbanistica.unipr.it>.
- Fig. 80 - SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, pref. Vittorio Gregotti, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 122; TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza*, trad. José Quintão, Porto, FAUP, 1988, p. 88.
- Fig. 81 - TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza*, trad. José Quintão, Porto, FAUP, 1988, p. 152.
- Fig. 82 - <http://www.alt-berlin.info>.
- Fig. 83 - TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza*, trad. José Quintão, Porto, FAUP, 1988, p. 48 e 49.
- Fig. 84 - TESTA, Peter, *A arquitectura de Álvaro Siza*, trad. José Quintão, Porto, FAUP, 1988, p. 56.
- Fig. 85 - Montagem pessoal com imagens de Lotus internacional 32, Veneza, 1981, p. 52, 53 e 58.

Fig. 86 - *Álvaro Siza : desenhos urbanos*, ed. Brigitte Fleck, pref. Norman Foster, texto de Álvaro Siza e Wilfried Wang, edição trilingue, Basel, Birkhauser, 1994, p. 53 e 64.

Fig. 87 - *Álvaro Siza : desenhos urbanos*, ed. Brigitte Fleck, pref. Norman Foster, texto de Álvaro Siza e Wilfried Wang, edição trilingue, Basel, Birkhauser, 1994, p. 58, 62 e 61.

Fig. 88 - NICOLIN, Pierluigi, "Álvaro Siza: tre progetti per Kreuzberg, Fraenklufer-Kottbuserstrasse-Schlesisches Tor", in *Lotus internacional* 32, Milão, 1981, p. 58 e 59.

Fig. 89 - NICOLIN, Pierluigi, "Álvaro Siza: tre progetti per Kreuzberg, Fraenklufer-Kottbuserstrasse-Schlesisches Tor", in *Lotus internacional* 32, Milão, 1981, p. 54.

Fig. 90 - SIZA, Álvaro, "Bonjour tristesse : Storia di un progetto", in *Lotus internacional* 41, Milão, 1984, p. 50.

Fig. 91 - SIZA, Álvaro, "Bonjour tristesse : Storia di un progetto", in *Lotus internacional* 41, Milão, 1984, p. 51 e 58.

Fig. 92 - *Álvaro Siza : obras e projectos*, catálogo editado por Pedro de Llano e Carlos Castanheira, Madrid, C.G.A.C., 1995, p. 104 e 103.

Fig. 93 - *Álvaro Siza : desenhos urbanos*, ed. Brigitte Fleck, pref. Norman Foster, texto de Álvaro Siza e Wilfried Wang, edição trilingue, Basel, Birkhauser, 1994, p. 51 e 74.

Fig. 94 - <http://macauantigo.wordpress.com/>

Fig. 95 - <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/45/MapaMacau1912.jpg>

Fig. 96 - AMARO, Ana Maria, *Das cabanas de palha às torres de betão : assim cresceu Macau*, Lisboa, I.S.C.S.P., 1998, p. 82 e 83.

Fig. 97 - TESTA, Peter, BRINKERT, Peter, "Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza", in *Casabella* 559, Milão, Julho/Agosto 1989, p. 8; *Álvaro Siza : desenhos urbanos*, ed. Brigitte Fleck, pref. Norman Foster, texto de Álvaro Siza e Wilfried Wang, edição trilingue, Basel, Birkhauser, 1994, p. 79.

Fig. 98 - TESTA, Peter, *Álvaro Siza*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 96.

Fig. 99 - TESTA, Peter, BRINKERT, Peter, "Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza", in *Casabella* 559, Milão, Julho/Agosto 1989, p. 10.

Fig. 100 - TESTA, Peter, BRINKERT, Peter, "Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza", in *Casabella* 559, Milão, Julho/Agosto 1989, p. 9 e 11.

Fig. 101 - *Macaensis Monumentum : a fragment of Architecture : a moment in the history of the development of Macau*, ed. Jon A Prescott, Macau, Hewell Publ., 1993, p. 52.

Fig. 102 - TESTA, Peter, BRINKERT, Peter, "Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza", in *Casabella* 559, Milão, Julho/Agosto 1989, p. 9.

Fig. 103 - SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, pref. Vittorio Gregotti, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 92 e 93.

Fig. 104 - TESTA, Peter, BRINKERT, Peter, "Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza", in *Casabella* 559, Milão, Julho/Agosto 1989, p. 5 e 14.

Fig. 105 - <http://macauantigo.wordpress.com/>

Fig. 106 - TESTA, Peter, BRINKERT, Peter, "Il piano di Macao e altri progetti di Alvaro Siza", in *Casabella* 559, Milão, Julho/Agosto 1989, p. 13 (adaptado).

Fig. 107 - Boletim Oficial de Macau, n.º 15, 18 e Abril de 1991.

Fig. 108 - *Macaensis Monumentum : a fragment of Architecture : a moment in the history of the development of Macau*, ed. Jon A Prescott, Macau, Hewell Publ., 1993, p. 53.

Fig. 109 - <http://beeldbank.nationaalarchief.nl>.

Fig. 110 - BOASSON, Dorien, *Visie op de Stad : Álvaro Siza in de Schilderswijk*, Den Haag, Projektorganisatie Stadurnienwing Gravenhage, 1988, p. 18, 42 e 43.

Fig. 111 - FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza : tutte le opere*, Milão, Electa, 2005, p. 371.

Fig. 112 - *Architécti* 3, Lisboa, Editora Trifório, Dezembro 1989, p. 24 e 33.

Fig. 113 - *Architécti* 3, Lisboa, Editora Trifório, Dezembro 1989, p. III (adaptado).

Fig. 114 - *Architécti* 3, Lisboa, Editora Trifório, Dezembro 1989, p. V e VI.

- Fig. 115 - *El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 115, 118, 120 e 124 (adaptado).
- Fig. 116 - *El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 124 (adaptado).
- Fig. 117 - BOASSON, Dorien, *Visie op de Stad : Álvaro Siza in de Schilderswijk*, Den Haag, Projektorganisatie Stadmienwing Gravenhage, 1988, p. 52.
- Fig. 118 - *J. J. P. Oud*, a cura di Umberto Barbieri, Bologna, Zanichelli, 1990, p. 85.
- Fig. 119 - *El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 117.
- Fig. 120 - *Álvaro Siza : desenhos urbanos*, ed. Brigitte Fleck, pref. Norman Foster, texto de Álvaro Siza e Wilfried Wang, edição trilingue, Basel, Birkhauser, 1994, p. 104 e 105.
- Fig. 121 - *El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 117; *Architécti 3*, Lisboa, Editora Trifório, Dezembro 1989, p. 26.
- Fig. 122 - *El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 118.
- Fig. 123 - *El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 119 e 123.
- Fig. 124 - FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza : tutte le opere*, Milão, Electa, 2005, p. 371.
- Fig. 125 - *El Croquis 68/69 + 95 Álvaro Siza*, Madrid, El Croquis Editorial, 2000, p. 124.
- Fig. 126 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 25.
- Fig. 127 - *Álvaro Siza : a reconstrução do Chiado : Lisboa*, ed. Carlos Castanheira e Luis Mendes, Porto, ICEP, 1997, p. 29.
- Fig. 128 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 58.
- Fig. 129 - *Álvaro Siza : a reconstrução do Chiado : Lisboa*, ed. Carlos Castanheira e Luis Mendes, Porto, ICEP, 1997, p. 53.
- Fig. 130 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 64; *Álvaro Siza : a reconstrução do Chiado : Lisboa*, ed. Carlos Castanheira e Luis Mendes, Porto, ICEP, 1997, p. 129.
- Fig. 131 - *Álvaro Siza : obras e projectos*, catálogo editado por Pedro de Llano e Carlos Castanheira, Madrid, C.G.A.C., 1995, p. 173; FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza : tutte le opere*, Milão, Electa, 2005, p. 438.
- Fig. 132 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 123.
- Fig. 133 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 70 e 238.
- Fig. 134 e 135 - *Álvaro Siza : obras e projectos*, catálogo editado por Pedro de Llano e Carlos Castanheira, Madrid, C.G.A.C., 1995, p. 165 e 169.
- Fig. 136 - *Álvaro Siza : a reconstrução do Chiado : Lisboa*, edição de Carlos Castanheira e Luis Mendes, Porto, ICEP, 1997, p. 67 e 68.
- Fig. 137 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 239 e 94.
- Fig. 138 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 78; *Álvaro Siza : obras e projectos*, catálogo editado por Pedro de Llano e Carlos Castanheira, Madrid, C.G.A.C., 1995, p. 159; FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza : tutte le opere*, Milão, Electa, 2005, p. 362.
- Fig. 139 e 140 - *O Chiado : Lisboa : Álvaro Siza : a estratégia da memória*, coord. Delegación en Granada del Colégio de Arquitectos, trad. José Salgado e Tiago Faria, Granada, D.G.C.A., 1994, p. 83 e 199.

Porto, 12 de Maio de 2011